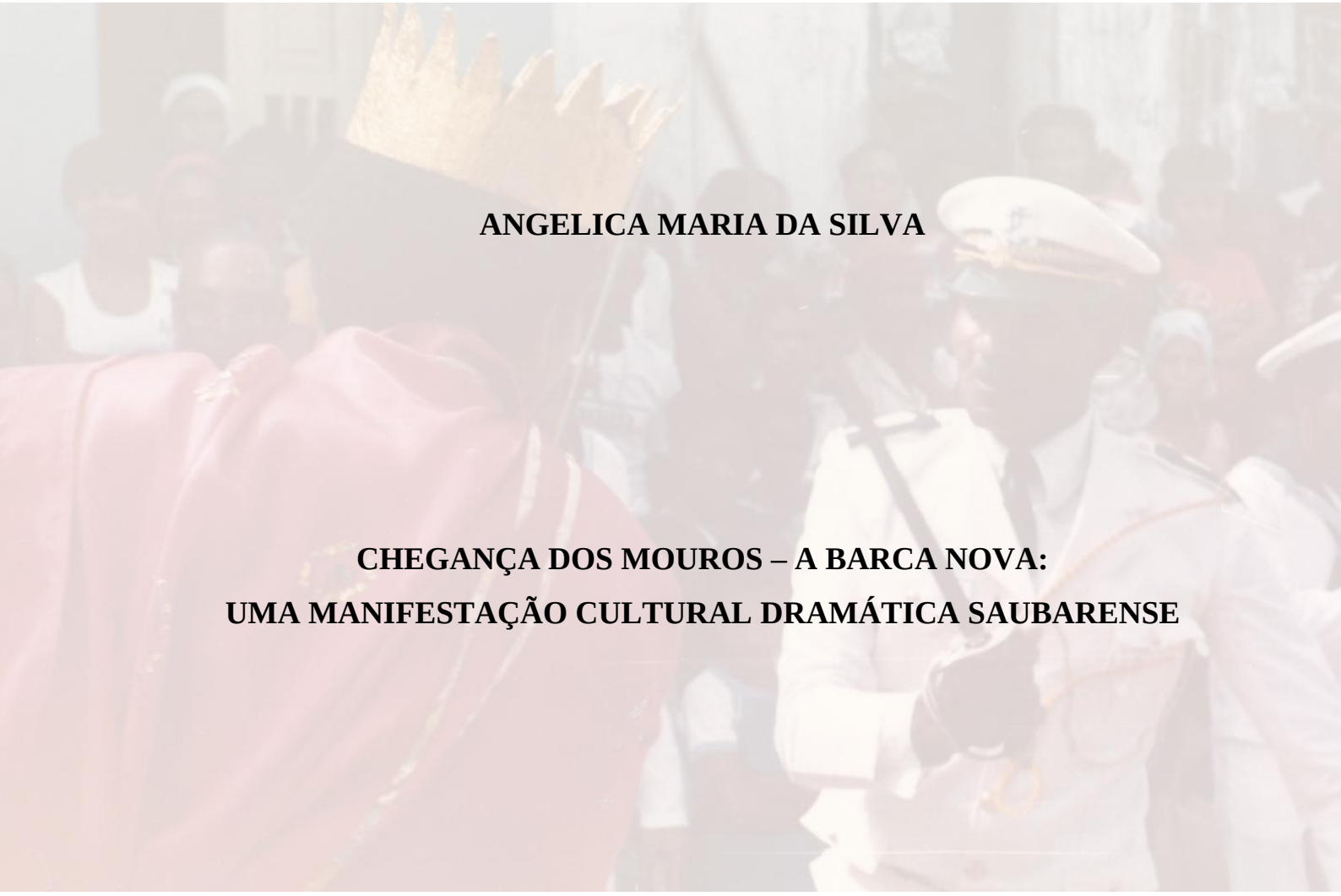
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE



ANGELICA MARIA DA SILVA

CHEGANÇA DOS MOUROS – A BARCA NOVA: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DRAMÁTICA SAUBARENSE

Salvador – Bahia

2007

ANGELICA MARIA DA SILVA

CHEGANÇA DOS MOUROS – A BARCA NOVA: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DRAMÁTICA SAUBARENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Yêda Pessoa de Castro

Salvador – Bahia

2007

TERMO DE APROVAÇÃO

ANGELICA MARIA DA SILVA

CHEGANÇA DOS MOUROS – A BARCA NOVA: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DRAMÁTICA SAUBARENSE

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª Dra. Yêda Pessoa de Castro – UNEB CAMPUS I

_____

Prof. Dr. Ericivaldo Veiga de Jesus – UEFS

_____

Profª Drª Edil Silva Costa - UNEB CAMPUS II

_____

Profª Drª Jaci Maria Ferraz de Menezes – UNEB CAMPUS I

Salvador, _____de _____ de 2007

A

Minha família de onze irmãos, cuja mãe camponesa e depois doméstica, vinda ainda adolescente do interior da Bahia, Amargosa e pai que era um motorneiro, que saiu de sua terra natal, Saubara, ainda adolescente para “ganhar a vida”.

Aos meus pais Maria Isabel da Silva, exemplo de força e liderança e Tertulino Sales da Silva (in memória), exemplo de amor pelos filhos, que através do seu cantar, me fez aprender a amar o meu objeto de investigação.

À minha avó Francisca dos Santos da Silva, que pelos relatos de minhas tias paternas, sinônimo de companheirismo e dedicação e ao meu querido avô, Ambrósio Hipólito da Silva (in memória). Era só ternura. Quisera ter tido a oportunidade de ter usufruído mais tempo do seu convívio.

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento especial é à minha orientadora a Professora Yeda Pessoa de Castro, que desde nosso contato quando cursei a disciplina por ela ministrada, Línguas e Culturas Africanas no Brasil, como aluna especial, teve um olhar especial sobre o meu objeto de investigação. Imediatamente entendeu que a manifestação Chegança dos Mouros – a barca nova: uma manifestação cultural dramática saubarense não poderia se restringir apenas a um espetáculo; que ela pode ser vista por um outro viés. Pelo seu incentivo para o enfrentamento de um desafio não acreditado por alguns da possibilidade do sistema escolar saubarense, aceitar a história da manifestação como prática pedagógica.

Trabalho árduo é aquele que nas releituras faz surgir as falhas e faz-nos recomeçar. Sou grata à minha irmã Ana Célia da Silva, que apesar de assoberbada com seu grande número de orientandos, conseguia alguns minutos para mim, principalmente na fase final, período de maior ansiedade; resolveu assumir a atitude de co-orientadora.

À minha prima Florinéia Silva Souza Ribeiro, que não se cansou de passar para mim toda a memória adquirida de sua mãe Maria Adelita da Silva Sacramento e que me foi muito útil na minha investigação. Pela sua hospitalidade em receber-me em sua casa todas as vezes que fui à campo. De acompanhar-me aos ensaios da chegança, que eram sempre à noite, na rua da Rocinha, local muito afastado da sua residência. Por toda a transmissão dos seus saberes sobre Saubara e a chegança e, por ter-me conduzido aos sujeitos que fizeram a história da implantação do ensino fundamental do segundo segmento em Saubara, na década de setenta.

À Roque Damião Souza, esposo da minha prima Estela Sacramento Souza, que nunca se cansou de levar-me às casas dos ex-integrantes da manifestação, para as entrevistas.

À minha prima Cibele Sacramento Souza, que me apresentou ao diretor do Centro Educacional Marco Antonio do Carmo, Lindomar dos Santos e fez todos os contatos necessários para aplicação dos questionários com os alunos e professores.

Ao professor e pesquisador Raimundo José dos Santos, (Prof. Betinho d' Saubara), que me forneceu coma maior boa vontade muitos dados da sua pesquisa em Saubara.

À Hildete Santos Costa, Bibliotecária da UNEB, sempre solícita, que em todos os momentos necessários conseguia material para atender às minhas demandas.

Ao meu filho André da Silva Santos, que me socorreu na informática e na elaboração das tabelas e gráficos.

À colega Elvira Scollaro a quem passei a considerar amiga, pela imediata identificação que tive com a mesma. Pelas trocas de idéias, pelo material que me cedeu com muito boa vontade.

Não poderia deixar de lembrar o professor Alcides Jorge Carvalho dos Santos, que na hora em que achei que tudo que escrevia não era o esperado, ele ajudou-me a superar a minha angústia e incentivou-me a seguir em frente.

À Ana Pessoa de Souza Castro, pela sua gentileza e boa vontade em oferecer-se para corrigir e melhorar o abstract da dissertação.

Àqueles que preservaram e mantém a manifestação Chegança dos Mouros – a barca nova, dando às novas gerações a possibilidade de conhecer o rico legado saubarense e a mim a possibilidade de tê-la como objeto de investigação.

Frente às “castástrofes” da modernização, das novas tecnologias e das cidades anônimas, o campo e suas tradições representarão a última esperança de “redenção”

Nestor Garcia Canclini

RESUMO

O objeto de investigação desse projeto é "Chegança dos Mouros – a Barca Nova: uma manifestação cultural dramática saubarense, do município de Saubara, situada a 100 km de Salvador, logo após o município de Santo Amaro da Purificação. Tive a intenção de desenvolver um trabalho de memória, tendo em vista a importância das manifestações culturais regionais e nacionais, para a construção e reconstrução da identidade cultural das crianças e jovens, uma vez que a cultura de massa impõe, em grande parte, valores culturais exógenos, sem que os mesmos tenham sedimentados os valores culturais da sua região e nação. Objetivei, principalmente com esse projeto, investigar a origem da chegança na região, a história de vida dos seus precursores, os entraves que a fizeram sofrer solução de continuidade, bem como promover meios para sua revitalização. Objetivei também identificar e expandir para a Escola de Ensino Fundamental e Médio o referencial histórico e literário dessa manifestação cultural; desenvolver o reconhecimento pelos jovens e adultos da região do seu valor cultural; promover a integração e reintegração de novos e antigos participantes através da promoção de ensaios e reuniões, visando a sua revitalização. Através de uma abordagem qualitativa e quantitativa foram utilizadas as técnicas de entrevistas, histórias de vida, análise documental e aplicação de questionários.

Todos os depoimentos colhidos me levaram a concluir que a inclusão da história da origem da chegança será bem aceita pela comunidade escolar. Isso não significa que haverá no futuro uma chegança formada por alunos, conforme desejo do professor Lindomar dos Santos, diretor do Centro Educacional Marco Antonio do Carmo, mas que a visibilidade da manifestação levará os alunos a valorizarem-na.

PALAVRAS-CHAVE: história – memória – cultura – identidade - educação

ABSTRACT

The object of investigation of this project is the *"Chegança dos Mouros – a Barca Nova: uma manifestação cultural dramática saubarense"* in the district of Saubara, located 100 km from Salvador, close to the city of Santo Amaro da Purificação.

My intention was to develop a work of recollection, due to the regional and national importance of these cultural manifestations in the construction and reconstruction of the children's and youngsters cultural identity, since the mass culture imposes exogenous cultural values, before they have had time to introject the cultural values of their area and nation. My main aim was to investigate the origin of the *chegança* in the area, the life history of their precursors, the obstacles to its continuity, as well as to promote means for their revitalization. I also expected to identify and expand to the Fundamental and High Schools the historical and literary referential of this cultural manifestation; developing in young and adults of that area the recognition of its cultural value; to promote the integration and reintegration between new and old participants' through the promotion of rehearsals and meetings, seeking its revitalization. Methodologically, qualitative and quantitative techniques of the interviews, life histories, documental analysis and application of questionnaires were used. All of the acquired depositions led to conclude that the inclusion of the origin of the chegança's history will be well accepted by the school community. That doesn't mean that there will be in the future a *chegança* formed by students, according to the desire of the Headmaster of the Centro Educacional Marco Antonio do Carmo, Lindomar dos Santos, but that the visibility of the manifestation will take the students to value it.

KEY-WORDS: history, memory, culture, identity, education

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto l -	André Santos. Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão	36
Foto 2 -	Foto de Francisco Moreira da Costa e Marisa Vianna, Marisqueiras na praia de Mangue Redondo – Saubara	40
Foto 3 -	Foto de Francisco Moreira da Costa e Marisa Vianna, trançado em ouricuri	45
Foto 4 -	Foto de Angélica Maria da Silva, rendeira com almofada e bilros	48
Foto 5 -	Jônatas Conceição da Silva, Fragata Brasileira	56
Foto 6 -	Betinho d'Saubara, Padre Capelão da Chegança dos Marujos	57
Foto 7-	Foto de Francisco Moreira da Costa e Marisa Vianna, Caretas de Saubara	60
Foto 8 –	Jônatas Conceição da Silva. O Terno da Bailarina	64
Foto 9 –	Acervo da família Borges dos Reis. Dona Arlinda Borges Reis com Silvana sua sobrinha	66
Foto 10 –	Acervo da família Borges dos Reis. Dgezir Siqueira e Brito e Enéas.	67
Foto 11 -	Acervo da família Borges dos Reis, Rose Meire Sueira.	68
Foto 12 -	Jônatas Conceição da Silva - Reisado de Natal	69
Foto 13 –	Acervo da Filarmônica São Domingos de Gusmão	70
Foto 14 –	D.Eugênia Passos Xavier Barbosa	77
Foto 15	Jônatas Conceição da Silva – A Chegança dos Mouros	96
Foto 16 –	Jônatas Conceição da Silva: "Seu" Totônio de Ponciano	110
Foto 17 –	Acervo da Filarmônica São Domingos de Gusmão. Maestro Domingos Mendes da Silva com alunos	113
Foto 18	**Jônatas Conceição da Silva. Carlos Antonio Cabalero) com espada**	**117**
Foto 19	**Jônatas Conceição da Silva – Manoel Flordolino Rocha com espada - 1997**	**119**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: DO PORTO À BARCA NOVA ---------- 12

2 CONTEXTUALIZANDO A CHEGANÇA ---------- 34

2.1 O MUNICÍPIO DE SAUBARA ---------- 34

2.2 A EMANCIPAÇÃO---------- 39

2.3 ASPECTOS SÓCIO- GEOGRÁFICOS---------- 39

2.4 ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS---------- 40

2.4.1 Os viveiros de peixe e as salinas---------- 42

2.4.2 Pratos típicos ---------- 43

2.4.3 O artesanato ---------- 45

2.4.4 O artesanato de palha ---------- 45

2.4.5 Trançado em cipó---------- 46

2.4.6 A renda de bilro---------- 47

2.4.7 As tamancarias ---------- 48

2.5 AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS---------- 49

2.5.1 A chegança feminina---------- 54

2.5.2 A Marujada Fragata Brasileira---------- 56

2.5.3 As caretas de Saubara ---------- 61

2.5.4 O nego fugido---------- 61

2.5.5 A barquinha de Bom Jesus ---------- 62

2.5.6 Os ternos-de- reis---------- 62

2.5.7 Os bailes pastoris---------- 65

2.5.8 O reisado de Natal---------- 69

2.5.9 **A filarmônica de São Domingos de Gusmão**---------- 70

2.6 OS TIPOS POPULARES---------- 73

2.6.1 Atores que fizeram a história cultural de Saubara---------- 74

3 ANTECEDENTES DA PESQUISA (UMA TRAJETÓRIA MEMORIALÍSTICA---------- 82

3.1 A MEMÓRIA DA CHEGANÇA---------- 96

3.2 A CHEGANÇA E A RELIGIOSIDADE ---------- 99

3.3 TEMPO DE INÉRCIA DA CHEGANÇA DOS MOUROS---------- 103

3.4 O RENASCER DA CHEGANÇA DOS MOUROS ---------- 104

3.5 A MEMÓRIA DOS EX-INTEGRANTES (Antecedentes de registro)---------- 109

3.6 A CHEGANÇA HOJE ---------- 123

4 A HISTÓRIA DA ESCOLA EM SAUBARA ---------- 128

5 OS CAMINHOS PERCORRIDOS ---------- 138
5.1 AS ENTREVISTAS---------- 138
5..2 OS QUESTIONÁRIOS---------- 141
5.3 A ANÁLISE DOCUMENTAL---------- 144
5.3.1 Os escravos falecidos (assentamentos de óbito)---------- 145

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS---------- 147

REFERÊNCIAS---------- 15**3**

ANEXOS ---------- 156

1. INTRODUÇÃO
DO PORTO À "BARCA NOVA"

Investigar a Chegança dos Mouros – A Barca Nova do Município de Saubara, no Recôncavo Baiano, localizado a 100km de Salvador, quando e como essa manifestação chegou àquela região, qual o seu significado para a sua comunidade, especificamente a comunidade escolar, tudo isso é um trabalho que diz respeito não apenas à história, cultura identidade local, mas essencialmente um trabalho de memória.

A Chegança dos Mouros A Barca Nova é uma dramatização das lutas trágicas marítimas vividas pelos portugueses. É cantada por homens simples, em sua maioria pescadores, que interpretam com sentimentos poemas épicos de lágrimas, de fase tão longínqua, mas por mais surpreendente que possa parecer, continua viva na alma dessa gente. Essa manifestação representa, também, a velha contenda entre mouros e cristãos, a vitória das armas sobre o mouro invasor, do catolicismo romano sobre o islamismo do mouro considerado infiel. Tudo isto é representado em forma de dramatização, pelas ruas de Saubara.

O interesse por esse objeto de investigação foi despertado a partir da memória de Saubara adquirida através de meu pai.

Em 1957 a única via de acesso a Saubara era o mar. Foi nesse ano que a conheci. A Saubara tão falada por meu pai. Viajamos de Salvador para lá de barco a vela. Felizmente o tempo estava lindo. Sol aberto e muito vento. O único problema foi na chegada. O barco não pode atracar no porto, pois a praia é mangue. Tivemos que passar do barco para uma "catraia"; espécie de embarcação bem estreita, onde todos se acomodavam em pé para que ela não virasse. Após certo trecho, tínhamos que sair da mesma e enfiar os pés no mangue. As senhoras mais idosas eram carregadas por pescadores mais fortes até a margem. As crianças na beira do cais gritavam, oferecendo os seus serviços: carregar as malas e sacolas. Depois andamos por toda a estrada do Porto até o centro. Passamos pelas salinas, que hoje já não existem. O que mais me admirava era que todas as pessoas que estavam às janelas de suas casas, cumprimentavam meu pai. Nessa ocasião conheci o meu avô, Ambrósio Hipólito da Silva, a quem logo me afeiçoei. Essa foi a única oportunidade de convívio com ele. Um ano e quatro meses depois ele faleceu. Infelizmente a viagem de volta não fora tão boa. A volta era sempre à noite, com as ondas muito negras. O barco tinha um cheiro muito forte de camarão.

Chovera e o proprietário da embarcação vestira seu casaco grosso, preto, longo até os pés. Por muito tempo pensava que aquele homem que se destacava no barco, trajando um casaco preto era um simples pescador. Muito depois é que fiquei sabendo ser ele o dono do barco. Durante a viagem, quem sentia enjôo subia do interior do barco para a proa. Até chegar a Salvador, a noite parecia mais longa que as demais.

Dessa minha primeira saída de Salvador para assistir ao casamento da minha prima Florinéia da Silva Souza, na Igreja de São Domingos de Gusmão, da então pequena e simples Vila de Saubara ficara gravado na minha memória a apresentação da Chegança dos Mouros – A Barca Nova. Era criança, não entendia o significado daquele grupo vestido de marinheiros, entre os quais dois destacavam-se com uma indumentária diferente na cor vermelha. Uma coisa porém eu entendi: as músicas que eles cantavam eram as mesmas que eu sempre ouvira meu pai cantar em casa, nos seus dias de folga, com sua voz de pouco alcance, porém afinada. Com certeza, neste cantar, ele evocava com saudades a imagem dos "marinheiros" de sua terra tão querida, de onde ele teve que ausentar-se ainda adolescente para trabalhar.

A chegança apresentou-se no dia seis de janeiro, pela manhã, logo após a missa em louvor ao dia dos Santos Reis. À noite teve quermesse, barracas com jogos, tiro ao alvo, diversas brincadeiras típicas de festas do interior. A iluminação era puxada à força de motor, pois a iluminação elétrica só chegara a Saubara em junho de 1960. Apesar disso, era uma festa muito alegre. A pouca iluminação não diminuíra o brilho da festa. Era também uma oportunidade de os filhos saubarenses que estavam fora, reencontrarem-se e comemorarem juntos o dia dos Santos Reis.

Nesta época havia calçamento na Saubara, apenas na ladeira da matriz. As ruas eram cobertas de uma areia alva e fina. A Vila cheirava a limão, pois existia limoeiro em quase todos os quintais. Os bois andavam tranqüilamente pelas ruas e as crianças da Bahia, como assim designavam a capital do estado os nativos de Saubara, tinham receio de usar roupa vermelha, para não excitá-los.

Voltei a assistir à Chegança dos Mouros e a Marujada Fragata Brasileira, onze ou doze anos depois. Na ocasião já havia concluído o curso de magistério pelo ICEIA. Por diversas vezes voltei à Saubara para participar da festa de São Domingos em 04 de agosto e da festa do Dia dos Santos Reis em janeiro. Todas as vezes que assistia à louvação das cheganças (em

Saubara existem duas) em frente ao altar, me dava uma imensa saudade de meu pai e não continha o pranto. Só no fim da década de oitenta é que aprendi a conviver com a saudade e com as cheganças.

Um fato que me chamou a atenção na ocasião dessas festas em Saubara foi que, apesar de não haver comentários, facilmente percebia-se que havia uma diferença com relação à receptividade pela comunidade à Chegança dos Mouros. Assisti a sua apresentação nas ruas centrais de Saubara e a mesma vem "lá de baixo", da Rocinha, como eles mesmos falam. Apesar disso, em uma ocasião observei que ambas entraram na casa do Sr. Isael Sacramento, então escrivão do cartório de Saubara para ali dançarem e cantarem e a atenção a elas dispensada, pelo anfitrião fora igual. Nesta época não me passava pela cabeça a idéia da pesquisa. Mal havia entrado no curso de Licenciatura em Desenho e Plástica da Escola de Belas Artes da UFBA, mas a vontade que tinha, era de seguir ambas, ouvindo suas loas tão lindas.

O pesquisador baiano de cultura popular, Josias Pires Neto considera que:

> As práticas culturais populares vinculam-se a determinados padrões cognitivos, estéticos e éticos, veiculam valores padrões de comportamentos, pontos de vista sobre as relações sociais, que são comuns a seus produtores e a seu público (...) fala de uma tradição não como recusa a mudanças, mas com o mesmo sentido que o termo tem quando é utilizado para a cultura erudita, isto é, fala-se em tradição para relacionar uma obra artística com outras, anteriores ou contemporâneas, do mesmo campo estético ou de campos diferentes. PIRES NETO (2005, pág. 60)

Meu interesse por esse objeto de investigação foi crescendo à medida que conheci também as cheganças de Irará e Cairu e passei a assistir com mais freqüência as de Saubara.

Conheci a chegança de Irará entre 1985 a 87, quando fui àquela cidade na festa da sua padroeira, N. Sra. da Purificação no dia 02 de fevereiro. Observei que a "rezinga" (rixa) dessa chegança gira em torno da perda da agulha da bússola, pelo gajeiro grande da tripulação.Percebi também que suas músicas são mais alegres, não têm aquele tom melancólico que as da Chegança dos Mouros de Saubara, apesar de que estas, mesmo tristes são muito bonitas. Voltei a Irará em setembro de 2005 e procurei Dr. Deraldo Portela, o médico local, pois o conheci na ocasião em que assisti pela primeira vez à chegança daquela cidade e sabia que ele era uma pessoa envolvida com essa manifestação. O meu intuito era

conhecer o mestre da chegança, a fim de verificar os pontos comuns e diferentes entre a chegança de Irará e a de Saubara. Dr. Deraldo deu-me o endereço de um ex-mestre da chegança, o Sr. José Silva de Jesus. Quando cheguei à sua residência e expus para ele o objetivo da minha visita, ele ficou muito contente e declarou estar com 80 anos, ter-se afastado da manifestação há 15 anos e ter participado da manifestação dos 18 aos 65 anos de idade. Foi levado à mesma pelo Mestre Otávio do município de Pedrão, próximo a Irará. A chegança não é do centro de Irará e sim de Coqueiros, município de Ouriçangas, há mais ou menos 40 minutos de Irará. O grupo só vem a Irará apenas na festa da padroeira e na época natalina. A louvação que fazem no interior da Igreja, ao invés de ser ao "Divino Espírito Santo" como a de Saubara é aos três Reis Magos. Enquanto na chegança de Saubara a rezinga gira em torno da tentativa de conversão do Mouro ao Cristianismo, na chegança de Irará a rezinga é pela perda da agulha da bússola que eles dizem ser a "aguia de Mariá ". O calafetinho que é o figurante que faz sempre o fuxico dos companheiros canta para o patrão:

Meu mestre, meu patrão
Aqui venho lhe falar
Que o nosso gajeiro grande
Perdeu a aguia no mar

Depois segue o diálogo entre o Contramestre e o gajeiro, que é preso por ordem do Mestre.
Existe também o duelo de espadas como na de Saubara. A diferença é que na chegança daquela o duelo é entre o cristão e o mouro e na de Irará é entre o Mestre e o Contramestre. As músicas são diferentes das de Saubara, porém existe uma que é comum a ambas:

Moça baiana chegue à janela
Venha ver os marujos ai ai meu Deus!
Que já vão pra guerra
Se eles vão pra guerra
Vão pelejar
Se eles não morrerem ai ai meu Deus!
Hão de voltar

Observei na série da TV educadora, Bahia Singular e Plural (2000), cuja produção e pesquisa foram realizadas por Josias Pires Neto apresentando cheganças de todo o Recôncavo, que esta música é comum a quase todas as elas.

Fui conhecer a chegança de Cairu em 1988, por recomendação da pianista Angélica Gomes, que sabia do meu interesse pelas manifestações populares. Angélica é filha do maestro Agenor Gomes, parceiro em música do saudoso compositor do hino do Esporte Clube Bahia e criador do programa "A Hora da Criança" na Rádio Sociedade da Bahia, professor Adroaldo Ribeiro Costa. Neste programa foram revelados vários talentos baianos a exemplo do cantor Carlos Gazineu e as irmãs do grupo "Quarteto em Ci". Infelizmente na apresentação da chegança, não foi possível ouvir as músicas com nitidez, pois, a mesma apresenta-se enfileirada de frente a outro grupo o "Rei Congo". Eles se posicionam tão próximos que seus rostos podem se tocar. Quando cantam, intencionalmente, o grupo "Rei Congo" o faz muito alto, suplantando as vozes dos marujos.

Em Cairu a chegança faz a louvação na Igreja de São Benedito, padroeiro da cidade, no seu dia 26, de dezembro. Quando fui a Cairu fiz-me acompanhar de meu irmão Antônio Carlos que nessa ocasião conheceu Rita Teles Coutinho, com a qual depois se casou. Esta me informou que o organizador e mestre do grupo a mais de 30 anos é o Sr. Benedito Abdalla Ché, filho do Sr. Abdon Abdalla Che, de descendência árabe. Há mais de três anos o Sr. Benedito foi residir em Valença, porém todos os anos no mês de novembro volta à Cairu para os ensaios da chegança. Infelizmente pela distância e falta de tempo não pude retornar à cidade para gravar as suas músicas e conversar com "Seu" Benedito.

A respeito do grupo "Rei Congo" que se apresenta junto com a chegança de Cairu, a pesquisadora Marina de Mello e Souza, no seu trabalho Reis Negros no Brasil Escravista - História da Festa de Coroação de Rei Congo nos brindou com um excelente trabalho. Ela afirma que a coroação desse rei no Brasil é uma festa que a cada ano relembrava "um mito fundador de uma comunidade católica negra, na qual a África ancestral era invocada em sua versão cristianizada, representada pelo reino do Congo"(2006, p. 18). Para a autora a festa é um produto do encontro de culturas africanas e da cultura ibérica, tendo associado elementos de ambas em uma nova produção cultural, "na qual os símbolos ganharam novos sentidos".

Nas duas últimas décadas, observei que nas festas do padroeiro em Saubara, apenas a Fragata Brasileira se apresentava. A Chegança dos Mouros na maioria das vezes ficou ausente dessa festa. Recordo-me de tê-la visto apenas uma vez na Caminhada Axé[1] em Salvador, por volta de 1996 a 1999. Para minha surpresa, dando uma busca no arquivo fotográfico do pesquisador Jônatas Conceição, que algumas vezes teve o cuidado em registrar as manifestações saubarenses, encontrei fotos da Chegança dos Mouros, na sua apresentação em 1997, na festa de São Domingos. A data está confirmada no verso das fotos. O mesmo tivera o cuidado de registrá-la, pois em uma delas aparece o seu filho, então com a idade de nove meses, em sua primeira participação na festa ao padroeiro de Saubara.

A decisão de fazer a pesquisa surgiu quando chegou de Saubara a notícia da morte de "seu" João Moreira, conhecido como "Dijão", um integrante da Fragata Brasileira, cuja pele bem negra contrastava com a alvura do seu uniforme de marinheiro, que, percebia-se, trajava com muito orgulho. Ele morava na Ladeira da Matriz, ao lado da casa que temos na cidade e percebi que quando Jônatas deu-me a notícia foi com pesar, acima de tudo por ter sido "seu" Dijão, um integrante da marujada. Anos depois veio a morte de "seu" Antonio de Santana Moreira, conhecido como "Cachecol", que deixara de participar do folguedo por ter ficado cego. Depois que o mesmo ficara cego todos os anos a Fragata Brasileira, na festa de São Domingos fazia uma parada[2] à sua porta em sinal de reverência o que o deixava muito emocionado. Essas mortes começaram a preocupar-me: os integrantes estão indo-se; se os mais velhos morrem, quem irá contar a história da manifestação? Daí iniciei a preparação do meu anteprojeto tendo a Chegança dos Mouros – A Barca Nova como objeto de investigação. A influência das mortes dos integrantes da manifestação, na minha decisão em fazer a pesquisa, é uma preocupação muito grande que tenho, dessa tradição desaparecer ou ficar inativa assim como estão os ternos-de-reis, o rancho do papagaio, os bailes pastoris, o Zé do Vale e outras que existiram em Saubara. A predileção pela chegança também tem um fator preponderante: segundo tia Dedé (Maria Adelita), irmã de meu pai, falecida em 2003, o mesmo nunca participara da manifestação nem anteriormente, alguém da família, mas a sua afinidade com a manifestação foi tão forte, que ele a trouxe em sua memória por onde passou: Mata de São João, São Paulo e finalmente Salvador. Ele sabia de cor todo o diálogo da embaixada entre o mouro e o general.

---

[1] Mostra de manifestações populares principalmente de cidades do interior baiano,promovida pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

[2] Na volta da Matriz, no dia da festa, era comum os marujos pararem em determinadas casas para dançarem e cantarem a convite do dono da casa.

O meu interesse pela cultura popular é antigo. Ele cresceu a partir do convívio com a comunidade do bairro onde nasci Engenho Velho de Brotas – Salvador. Este é um bairro de classe popular, com tradição de manifestações culturais com características marcantes de origem negra, a exemplo do Afoxé Congo da África que, segundo depoimento da Sra. Antônia, antiga costureira desse afoxé, o mesmo já existia na década de trinta. Desfilava pelas ruas do Engenho Velho na comemoração ao Dois de Julho e também durante o carnaval, com seus reis, rainhas e caboclinhos, usando vestimentas de penas. Outras manifestações marcantes deste bairro foram as comédias e os ternos de reis, sendo que esses folguedos, espécie de teatro popular, são ligados à dramatização de outras terras, possivelmente de Portugal, porém o pesquisador Guilherme Santos Neves em Cadernos de Folclore 12:1 afirma:

> É verdade que alguns autores entre estes o africanólogo Arthur Ramos - afirmam que "não existem no Brasil autos populares típicos de origem exclusivamente negra. Aquelas onde interveio, em maior dose, o elemento africano, obedecem, em última análise, à técnica do desenvolvimento dramático dos antigos autos peninsulares. Quer dizer: o negro adotou elementos de sobrevivência histórica, até enredos completos, ao teatro popular que ele já encontrou no Brasil, trazidos pelos portugueses [S.l.. s.n.].

Todo esse complexo cultural da Saubara também contribuiu na minha resolução quanto à escolha do meu objeto de investigação. A Chegança dos Mouros – A Barca Nova, manifestação cultural do município de Saubara, folguedo representado por pescadores da região.

Tenho como questão central sobre o meu objeto de investigação as seguintes perguntas:

A Chegança dos Mouros – A Barca Nova - uma manifestação cultural dramática saubarense, pode contribuir para a construção da identidade cultural das crianças e jovens da comunidade saubarense?

A história da Chegança dos Mouros – A Barca Nova pode ser incluída como conteúdo cultural significativo nas disciplinas das escolas de ensino fundamental e médio de Saubara?

Tenho como objetivos com essa pesquisa:

Identificar e expandir para a comunidade, o referencial histórico da manifestação cultural Chegança dos Mouros – A Barca Nova;

Desenvolver o reconhecimento pelos jovens e adultos da região do seu valor cultural, para que os mesmos a divulguem e a valorizem;

Evidenciar para o professor o material literário das Cheganças, promovendo-o a atividade pedagógica para o Ensino Fundamental e Médio das escolas do município de Saubara**.**

Se a característica básica da cultura é seu caráter simbólico, a escola de ensino fundamental deve ter como um dos seus objetivos primordiais a preservação desses símbolos, pois é essa propriedade da cultura (simbólica) que a faz ser transmitida e social.

Demers, citado por Yves Lenoir, afirma que "os objetivos destacam as intenções do pesquisador. Duas formas de expressão das ações previstas estão à sua disposição: verificar esta ou aquela hipótese ou responder por meio de provas a esta ou aquela questão em discussão. As formulações de hipóteses são os "pivôs". (1993, p. 85)

A influência da cultura de massa que impõe valores exógenos entre crianças e jovens, sem que os mesmos tenham sedimentado os valores culturais da região e nação, pode contribuir para a indiferença dos mesmos diante, de uma manifestação tradicional centenária e de marca identitária local. É relevante a importância das manifestações culturais regionais para a identidade cultural das crianças e jovens.

Considero importante essa manifestação para a identidade cultural das crianças e jovens saubarenses, pois junto com a marujada Fragata Brasileira, a barquinha de Bom Jesus dos Pobres e as caretas do mingau, são os únicos baluartes do rico patrimônio cultural que Saubara possuiu e que se mantém até os dias atuais. A barquinha é uma manifestação folclórica do distrito de Bom Jesus dos Pobres com aproximadamente oitenta anos, que faz parte do município de Saubara. É um grupo de samba cujo principal personagem é uma moça que samba com uma barquinha na cabeça. Esse grupo acompanha a tradicional lavagem da igreja de Bom Jesus dos Pobres, no mês de janeiro.

Se a cultura popular brasileira fizesse parte do ensino fundamental, o halloween[3] não teria sido tão valorizado na escola brasileira. E o que é mais incrível é que essa manifestação, apesar de importada, em pouco tempo não só invadiu as escolas de ensino fundamental e médio, mas também a Universidade. Assisti em 2002 a uma festa de estudantes da Faculdade de Educação da UFBA, cujo tema era o halloween. A questão não é que essa manifestação não deva entrar nas escolas, mas que a mesma importância que a ela é dada seja também dada às nossas manifestações locais tradicionais.

Não pretendo sugerir que a cultura deva permanecer estagnada para se manter. A renovação da cultura é um processo natural, inevitável, porém não devemos permitir a hegemonia de uma sobre a outra.

Arendt, em sua obra "Entre o Passado e o Futuro" expõe a preocupação cada vez maior entre os intelectuais com esse fenômeno relativamente novo da cultura de massa. A sua previsão é que se a cultura de massas, inevitavelmente é a cultura de uma sociedade de massas e estas, gostem ou não irá continuar conosco no futuro previsível.

Ainda sobre a cultura de massas, a autora afirma:

> A questão da cultura de massas desperta, antes de mais nada, um outro problema mais fundamental, a do relacionamento altamente problemático entre sociedade e cultura. Basta que recordemos até que ponto todo movimento da arte moderna partiu de uma veemente rebelião do artista contra a sociedade como tal (e não contra uma sociedade de massas ainda desconhecida) para que tomemos consciência do quanto esse relacionamento inicial deve ter deixado a desejar, acautelando-nos assim contra o anelo fácil de tantos críticos da cultura de massas, por uma Idade do Ouro de uma sociedade boa e educada. (ARENDT, 2001, p. 249)

Bosi em seu estudo Cultura de massa e Cultura popular comenta sobre a visão totalizante que alguns estudiosos têm sobre os vários fatores da comunicação, insistindo nos pontos comuns e o primeiro estudo escolhido é o ensaio de Edgar Morin (1972), no qual o sociólogo se pronuncia. Ele afirma que, as nações soberanas industriais teriam começado a colonizar "a grande reserva que é a alma humana". Os possuidores do controle seriam a inteligência e a

[3] O dia das bruxas (é o dia original na língua inglesa) é um evento de cariz tradicional e cultural que ocorre nos países anglo-saxônicos, com especial relevância nos Estados Unidos, Canadá, Irlanda e Reino Unido, tendo como base e origem as celebrações pagãs dos antigos povos celtas.

vontade, o sentimento e as imaginações de centenas de milhares de seres humanos, que vêem cinema, ouvem rádio, vêem e ouvem televisão. A técnica feita indústria permitiu o fortalecimento de grandes complexos, produtores e fornecedores, de imagens, de palavras e de ritmos, que funcionam como um sistema entre comércio e cultura. Desse hibridismo advém uma realidade social nova que caracteriza como nenhuma outra o mundo contemporâneo: a cultura de massa (1977, p. 41).

O meu objeto de estudo é uma experiência que acontece em um contexto exterior à escola, porém por este fato não deve ser considerado de menor valor com relação às experiências em contexto escolar. Já fui questionada sobre o que tem a ver a Chegança dos Mouros com educação. Muitos educadores ainda não entenderam que a educação não se limita aos conteúdos hegemônicos impostos pelo sistema de ensino.

A educação não deve isolar-se do que acontece na comunidade. Pelo contrário. Os alunos devem ser incentivados a iniciarem-se na prática da pesquisa desde o ensino fundamental, tomando-se como referências, por exemplo, fatos históricos, as tradições, vidas de pessoas que exerceram liderança, manifestações populares, fotografias antigas de grupos da comunidade e outros temas. É muito relevante os resultados da aprendizagem quando o próprio aluno constrói o seu conhecimento e, acredito, o tema da minha pesquisa, abrirá um leque de possibilidades à aprendizagem ao professor e aluno que se interessar pelo mesmo.

Tenho como hipótese sobre essa investigação, que o descobrir das crianças e jovens da preservação dessa manifestação tão significativa na pequena Vila de Saubara, através das vozes e corpos dos seus tataravós, bisavós, avós, os despertarão para saberem sobre sua origem, como se deu a manutenção da manifestação; a conhecerem a história de vida dos seus antepassados e aí, então, acredito que, mesmo que eles não queiram interagir com essa manifestação, serão colaboradores pela preservação da chegança e esta passará a ser visível pela comunidade escolar, não apenas uma manifestação valorizada apenas por turistas.

Para Mace, citado por Yves Lenoir (p. 1989, p.35) a hipótese *"trata-se da resposta antecipada que o pesquisador formula à sua questão específica"*.

Ortiz (2006), em sua obra Mundialização e Cultura aponta que a velocidade das técnicas leva a uma unificação do espaço, fazendo com que os espaços se globalizem. Isto faz com que o

processo de integração entre os lugares se tornem mais rápidos. Ele ainda afirma que, cada local, não importa onde se encontre, revela o mundo e continua:

> Neste sentido o mundo teria se tornado menor, mais denso, manifestando sua imanência em "todos os lugares". Espaço "cheio" ou "vazio". Isto significa que o movimento da mundialização percorre dois caminhos. O primeiro é o da desterritorialização, constituindo um tipo de espaço abstrato, racional, des-localizado. Porém, enquanto pura abstração, o espaço, categoria social por excelência, não pode existir. Para isso ele deve se "localizar", preenchendo o vazio de sua existência com a presença de objetos mundializados. O mundo, na sua abstração, torna-se assim reconhecível. (ORTIZ, 2006, p. 106/107)

As manifestações culturais regionais deveriam ser os eixos norteadores para a construção da identidade cultural das crianças e jovens, no entanto o que fica evidente cada vez mais são crianças identificando-se com valores completamente distanciados do seu contexto. Um exemplo foi a época em que as meninas queriam vestir-se exatamente como as dançarinas dos grupos de pagodes. Isto pode ser efeito da comunicação de massa por que passamos.

Arendt afirma que o termo "cultura de massa" origina-se de outro, "sociedade de massas" e, o pressuposto é que essa cultura é inevitavelmente a de uma sociedade de massas. Ela inda argumenta que há alguns anos os termos eram empregados com um senso de reprovação – responsabilizando ser a sociedade de massas uma forma depravada de sociedade, e a cultura de massas, uma contradição em termos -, eles se tornaram hoje em dia o tema de inúmeros estudos e projetos de pesquisa.

A autora em sua obra Entre o Passado e o Futuro (2001) expõe a preocupação cada vez maior entre os intelectuais com esse fenômeno relativamente novo da cultura de massa. A sua previsão é que se a cultura de massas, inevitavelmente é a cultura de uma sociedade de massas e estas gostem ou não, irá continuar conosco no futuro previsível.

Ainda sobre a cultura de massas, a autora afirma:

> A questão da cultura de massas desperta, antes de tudo, outro problema mais fundamental, a do relacionamento altamente problemático entre sociedade e cultura. Basta que recordemos até que ponto todo movimento da arte moderna partiu de uma veemente rebelião do artista contra a sociedade como tal (e não contra uma sociedade de massas ainda desconhecida) para que tomemos consciência do quanto esse relacionamento inicial deve ter deixado a desejar, acautelando-nos assim contra o anelo fácil de tantos críticos da

> cultura de massas, por uma Idade do Ouro de uma sociedade boa e educada. (ARENDT, 2001, p. 249).

Nos caminhos percorridos nessa investigação, através de uma abordagem metodológica qualitativa etnográfica, utilizei a técnica da entrevista e da análise documental, considerando necessária uma investigação em torno do envolvimento dos antepassados dos alunos e dos professores com o folguedo; o conhecimento prévio que os alunos e o corpo docente não tiveram ou têm sobre o mesmo e, também, qual o significado que a mesma tem para eles.

.Lefrançois, citado por Yves Lenoir afirma:

> A metodologia da pesquisa cobre a ação do processo científico, ela orienta para que o cenário de pesquisa e as operações técnicas que conduzem à conquista do saber novo se articulem de maneira coerente. A metodologia coloca então o pesquisador em posição de tomar decisões nas várias fases que compõem sua ação de pesquisa. (1992, p. 12-13).

A pesquisa qualitativa diz respeito a questões especiais. O objeto dessa pesquisa não pode ser apenas quantificado, pois a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspirações e valores que levam o pesquisador a um aprofundamento das relações que não podem ser reduzidas simplesmente a operações numéricas. (MINAYO, 1997). Essa pesquisa preocupa-se com um nível de realidade não quantificável porque trabalha com significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a relações de processo e fenômenos que não podem reduzir-se a operacionalização de variáveis. Para essa autora não existe um continuum entre qualitativo e quantitativo. O primeiro seria o lugar da intuição, do subjetivismo e o segundo o espaço do científico, traduzido objetivamente em dados matemáticos.

Segundo Bogdan/Biklen as experiências educacionais de pessoas de todas as idades bem como todo o tipo de materiais que contribuam para aumentar o nosso conhecimento relativo a essas experiências, tanto em contexto escolar como exteriores à escola, podem constituir objeto de estudo. A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. Afirmam que os dados recolhidos em uma investigação qualitativa são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, igualmente formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em

contexto natural. (...) Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (BOGDAN e BIKLEN,1994, p.16).

Segundo Bogdam/Biklen, (op cit, 1994), uma das idéias preconceituosas que temos sobre a investigação, é a nossa idéia de que só as pessoas com anos de treinamentos adquiridos em universidades, podem conduzir uma investigação. A outra é de que a investigação não deve ser a serviço de nenhuma causa. Fora das academias, as pessoas também podem realizar investigação dirigida às suas preocupações e para aqueles que o desejem, dirigi-las como instrumento de mudança social. É um tipo de investigação aplicada, na qual o investigador se envolve ativamente na causa da investigação. Está sempre voltada com questões importantes. Ao preocuparem-se com tais questões, os investigadores assumem sempre, que a investigação irá refletir os seus próprios valores. A investigação acadêmica também reflete valores. Os acadêmicos ao utilizarem a abordagem qualitativa, estão preocupados com um problema social.

Recorri à pesquisa etnográfica que Welcott, citado por André ,

Chama a atenção para o fato de que o uso das etnografias em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo. Da mesma maneira, as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola.Welcott in André (1977, p. 14).

Sobre investigação etnográfica Amorim[4] (2006) em seu artigo “A etnografia e a construção da territorialidade sustentável em áreas associadas ao ecossistema Manguezal”, ressalta a questão com relação ao espaço não ser compreendido como parte do território, o que leva a desconsideração da construção de sua territorialidade. Ele ressalta que a identidade de uma sociedade deve estar condicionada às relações que esses autores sociais exercem sobre seu território, construindo e organizando seu espaço de forma integrativa e que expressem suas manifestações culturais.

[4] Peterson Azevedo Amorim é Geógrafo da universidade Católica de Salvador, pós-graduado em Gestão Estratégica em Desenvolvimento Sustentável e Meio-Ambiente na universidade Estadual da Bahia – UNEB.

Para Amorim (2006) a Etnografia é hoje o viés que deve ser seguido, uma vez queiramos uma sociedade produtiva, justa e igualitária, sem esquecer as gerações que hão por vir. Sustentabilidade e territorialidade são as essências da tradição cultural.

Ainda com relaçãlo à etnografia, Wellcott citado por André chama a atenção para o fato de que,

O uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo. Da mesma maneira, as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola. (WELCOTT in ANDRÉ, 1977, p. 14).

A etnografia, segundo Spradley, (1979), citado também por André "é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo".

No contato com os membros do grupo da minha pesquisa consigo perceber entre outros, seus anseios com relação ao recebimento de convites pela prefeitura para apresentarem-se em outras cidades, como acontece com a outra chegança que já foi a Brasília e Recife. Percebe-se o ressentimento pela indiferença da maior autoridade local por eles; o desejo de obterem uma sede própria. O grupo ainda não conseguiu ter uma sede. Ensaia em uma sala nos fundos do "Bar do Sanfoneiro". A necessidade de ir encontrá-los na Rocinha, bairro onde eles moram, de assistir a um ensaio para observar o grupo reunido, fez-me levar a um método de investigação que é a pesquisa de inspiração etnográfica.

Sobre a abordagem etnográfica na pesquisa educacional Lüdke e André afirmam:

> Até muito recentemente as técnicas etnográficas eram utilizadas quase que exclusivamente pelos antropólogos e sociólogos. No início da década de 70, entretanto os pesquisadores da área de educação começaram também a fazer uso dessas técnicas, o que deu origem a uma nova linha de pesquisas, que tem recebido o nome de "antropológica" ou "etnográfica". (1986, p. 13).

Para Geertz, em antropologia social o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. (1989, p. 15) No entanto o autor frisa que essa não é uma questão de métodos e cita a opinião dos livros-textos:

> Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa", tomando emprestado uma noção de Gilberto Ryle. GEERTZ (1989, p. 15)

Ele afirma que, o que o etnógrafo enfrenta de fato, é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas destas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

Recomenda que se veja a forma não como finalidade, mas como um passo metodológico.

Wolcott citado por Lüdke e André (1986, p. 14) chama a atenção para o fato de que o uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo. Da mesma maneira, as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola.

A respeito do contexto em sala de aula as autoras Ludke e André afirmam:

> Se quisermos saber o que se passa dentro da sala de aula, que acaba contribuindo para aumentar a evasão e a repetência, não é exatamente o levantamento que irá nos ajudar, mas um outro tipo de estudo, que permita compreender a trama intricada do que ocorre numa situação microssocial. (1986, p. 7).

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos da pesquisa, que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

Para mim, as entrevistas foram uma fase de comunhão com a comunidade. A rua da Rocinha local onde se concentram os participantes do folguedo é um pouco distante do centro e eu tive necessidade de ir até lá diversas vezes, até duas por dia, a fim de aproveitar ao máximo a

minha estada na cidade. O compensador era ver-se a boa vontade dos depoentes em conceder as entrevistas. O brilho no olhar daqueles que hoje já não podem participar do folguedo, **"as pernas não agüentam"** como dizem alguns, em encontrar alguém interessado em rememorar fato que foi tão significativo em suas vidas. Muitas vezes até suas esposas vinham ajudar a rememorar quando os mesmos tinham dificuldades em expressar suas lembranças.

Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos. Os primeiros podem ser também obtidos através das fontes secundárias, tais como censos, estatísticas e outras formas de registro. Em contrapartida, o segundo tipo de dados se relaciona aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. (MINAYO, 1994, pg. 57-58)

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem constituir a estratégia dominante para a coleta de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN/BIKLEN, 1994, p. 134)

Merton e Kendall (1946), citado por Bogdan/Biklen (1994. p. 135) afirmam que as entrevistas qualitativas variam quanto ao grau de estruturação. Algumas, embora relativamente abertas, centram-se em tópicos determinados ou podem ser guiadas por questões gerais.

Sobre a possibilidade de a entrevista qualitativa oferecer ao entrevistador uma amplitude de temas Bogdan/Biklen faz a seguinte abordagem:

> Mesmo quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo. Quando o entrevistador controla o conteúdo de uma forma demasiada rígida, quando o sujeito não consegue contar a sua história em termos pessoais, pelas suas próprias palavras, a entrevista ultrapassa o âmbito qualitativo (1994, p. 135).

Sobre a fase da entrevista Minayo faz a seguinte abordagem:

> Em Ciências sociais, tendo como referência a pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo". (MINAYO, 2004, p. 51).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana ressaltam que:

(...) todos estes dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir (2005, p. 9).

Sobre o folclore como instrumento educativo Florestan Fernandes em sua obra "O Folclore em Questão" (1978) afirma que houve uma época em que a hipótese era que o folclore era uma "relíquia" do passado – algo tosco mas ingênuo, típico do "homem rústico". Aceitava-se que ele devia ser preservado, não porque fosse imprescindível, porém porque de sua preservação dependeria um profundo respeito pelo passado, pelos costumes e pelas tradições do povo. Hoje os folcloristas manifestaram-se sobre o valor educativo do folclore. Dando um exemplo o autor cita Amadeu Amaral, evidenciando que ele constatou o que se poderia designar como as conexões psicossociais do folclore. Para Fernandes há diversão através das atividades folclóricas, mas há também uma convicção que se mantém, que se revigora e que impulsiona o comportamento ou as atitudes do homem. Um grande exemplo é a renovação da Chegança dos Mouros em Saubara, que por dois grandes períodos ficou inativa. O primeiro período de inatividade conforme informação da minha prima Florinéia, iniciou mais ou menos em 1937, só voltando a chegança apresentar-se em 1957, ano marcante para ela, pois, foi o ano em que a mesma casou-se. Tenho o pressuposto que o segundo período foi de 1959 a 1976 com apresentações esporádicas, pois ao mesmo tempo em que os integrantes dizem que ficaram quase vinte anos sem sair o Sr. Edmundo Passos, atual mestre da chegança deu um depoimento que em 1962 na hora da apresentação os componentes preferiram ir assistir ao jogo do Bahia contra o Náutico. O mesmo afirma que a manifestação foi reativada em janeiro de 1977 na festa do dia dos Santos Reis, por sua iniciativa juntamente com seu pai e outros companheiros. Tudo isso é um exemplo de persistência. Houve uma força que os impulsionou e a manifestação voltou às ruas de Saubara. Cascudo em sua obra Literatura Oral no Brasil

(1978) considera que a produção popular para ser folclórica deve conter como elementos característicos a antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade (1978, p. 23). Tudo isto está muito evidente nessa manifestação. A antiguidade da chegança conforme relato de D. Noemia Leite, bisneta do Sr. Isídio Passos, está confirmada, pois o mesmo nasceu mais ou menos em 1835, foi integrante da Chegança dos Mouros, já a encontrando em atividade em Saubara. Aliado a esse fato o pesquisador baiano Gilberto Sena publicou no Jornal da Bahia em 09 de setembro de 1980, que a chegança chegou a Saubara ao final do século XVIII. Os outros elementos estão inquestionavelmente presentes na manifestação. O fator oralidade proporcionou-me a experiência de ouvir dos próprios descendentes desse legado tão precioso, a história dos seus antepassados.

Continuando a abordagem sobre o pensamento de Florestan Fernandes com relação ao folclore, o mesmo afirma que a criança e o adulto através do folclore participam de um sistema de idéias, sentimentos e valores. Quando a circunstância o requer, pensam e agem em função do folclore.

O autor diz que a hipótese de que no folclore há uma mentalidade direcionando o comportamento humano, foi confirmada posteriormente, pelos estudiosos que perceberam o folclore de uma perspectiva psicológica, etnológica ou sociológica. Constatou-se que a perpetuação não é um simples fenômeno de letargia cultural. Se as crianças continuam a "brincar de roda", esse folguedo preserva para ela todo o valor e a importância psicossocial que teve para as crianças do passado. "Não se trata de uma 'sobrevivência', literalmente falando; mas de continuidade sócio-cultural" (ibdem p. 62). Segundo o mesmo, panorama histórico-social se alterou; contudo preservaram-se condições que garantem vitalidade e influência que movimenta os elementos folclóricos. Daí se poder evidenciar o valor do folclore em dois planos diferentes. Em se tratando de relações humanas a atualização de um jogo cênico ou de um brinquedo, por exemplo, "três três passará" requer todo um sustentáculo estrutural, fornecido pelas ações e atividades da criança . Há tarefas de ordens a executar. Para realizá-las, seguindo os padrões eleitos, as crianças precisam organizar coletivamente o seu comportamento. Considerando o segundo valor real do folclore, cada um dos jogos ou dos brinquedos envolve composições tradicionais e gestos convencionais. Por exemplo, no jogo "Margarida está no quartel" a menina que representa a Margarida tem que colocar-se no meio da roda com a face coberta com as mãos e as que representam as pedras do quartel, ficam em volta da mesma protegendo-a. À medida que o interlocutor diz "vou tirando uma pedra", cada

criança afasta-se da roda, desfazendo-se assim o quartel e aparecendo finalmente a Margarida. Essas composições e esses gestos mantêm algo mais do que princípios mortos: mantêm representações da vida, dos sentimentos e dos valores, colocando a criança em contato com um universo simbólico e um ambiente moral que se perpetua através do folclore.

Concordo com o autor quando o mesmo afirma que o folclore possui um valor educativo. Através do jogo e da recreação, a criança adquire suporte para a vida e amadurece. Tanto no plano das relações humanas, como no plano das composições tradicionais e gestos convencionais contidos nos jogos e brinquedos as influências socializadoras do folclore são variáveis. Sobre um aspecto a criança aprende a agir como "ser social", a cooperar e a competir com seus pares, a se submeter e a valorizar as regras sociais que fazem parte da herança cultural. A importância da liderança (evidente no jogo do roubo das melancias, onde uma criança induz às outras a perseguirem o ladrão) e da identificação com centros de interesses acima dos pessoais. De outro lado a criança incorpora em sua pessoa técnicas, conhecimentos e valores que se acham objetivados culturalmente. As músicas folclóricas falam de amor, de obrigações de pais e filhos, de namoro e casamento, de atividades profissionais, da lealdade, do significado do bem ou do mal, etc. A criança apropria-se desses elementos culturais, introduzindo-os em seu horizonte cultural e passando a ver as coisas muitas vezes através deles. Por exemplo, no brinquedo "eu sou, rica, eu sou pobre", quando a rica vai escolher as filhas da mãe pobre, esta pergunta: que ofício dareis a ela? A mãe pobre só cede a filha se a rica prometer que vai dar-lhe um ofício digno. As palavras socializadoras do folclore se dão tanto formalmente, quando por meio do teor dos processos sociais.

O autor considera importante o ponto de vista do folclorista e dos cientistas sociais, acrescentando a estas também o ponto de vista do pedagogo. Para ele os pedagogos consideram as questões relacionadas com a educação sistemática de maior interesse do que as relacionadas à educação informal. A qualidade da experiência possui para o educador sentido especial – para ele não importa apenas saber como a criança aprende; mas o que ela pode fazer com o que ela aprende. As ações socializadoras do folclore são construtivas. Elas sedimentam a capacidade de atuação social da criança, convindo ressaltar que:

> Participando do seu próprio mundo social, a criança adquire experiências e possibilidades de atuação social que aumentam suas potencialidades de ajustamento ao meio social e de correspondência às expectativas dos outros. Contudo, de outro ponto de vista, essas influências vêm marcadas pelo signo

> de um mundo simbólico e moral desaparecido. Mantêm no presente, símbolos, interesses e valores que tiveram plena atualidade no passado remoto. Se o indivíduo se apegar a eles, pode encontrar dificuldades de ajustamento e, mesmo sofrer decepções sérias. (FERNANDES, 1978, p. 63).

Para o autor as influências socializadoras do folclore são positivas no plano formal, na medida em que favorece o amadurecimento da capacidade de atuação social da criança. No entanto, temos que reconhecer que nem todas as influências dos conteúdos das composições folclóricas se adequam à exigências histórico-social atuais. Não que elas sejam "mas", a questão é que elas se distanciam do contexto existente sobre o que restou da antiga ordem social, na qual o folclore se constituiu e com a qual ele era coerente.

Merece reflexão a consideração do autor de que não podemos ficar indiferentes ao valor educativo do folclore, na medida em que suas influências socializadoras aparecem espontaneamente, e o mesmo afirma:

> A criança "aprende" na rua. Alarga sua experiência e amadurecimento, convivendo com outros. No entanto, quando se pensa em introduzir o folclore na escola e em tirar proveito deliberado do folclore como "técnica de educar", passa-se para outro nível de reflexão e de ação. Seria preciso, no mínimo, levar em conta as reservas que podem ser levantadas a partir dos dados de fato mais elementares. (...) Os folcloristas recomendaram a introdução simultânea do folclore no currículo do ensino primário e no do ensino superior – neste, como disciplina acadêmica. Acho que não se deve atender às duas recomendações nas formas propostas. Deve-se dar maior atenção às influências construtivas do folclore e aproveitá-las, onde for possível, na educação sistemática. (FERNANDES, 1978, p. 64).

A análise documental

Recorri nessa investigação também à técnica de análise documental, que embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja coLmplementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. (ANDRÉ , 1986, p. 38).

Guba e Lincoln (1981) citados por André apresentam uma série de vantagens para o uso de documentos na pesquisa ou na avaliação educacional. Em primeiro lugar destacam o fato de que os documentos constituem uma fonte estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os

documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos. (ANDRÉ , 1986, p. 39).

As autoras (1981) ao destacarem a vantagem dos documentos constituírem uma fonte estável e rica não atentaram que a manutenção, com qualidade, de documentos, que devem permanecer para consultas de pesquisadores por mais de um século é muito cara e que os municípios não têm condições de fazê-lo. Na maioria das vezes quando enviam para um laboratório específico para restauração o documento já está em estado deplorável de conservação. Se o pesquisador tiver certa urgência em obter os dados de determinados documentos, ele terá que ter paciência de esperar a sua restauração, que geralmente não é rápida ou abrir mão às vezes de importantes dados para sua pesquisa.

De acordo com Lüdke e André "embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos." (1986, p. 38). Esta técnica pode ser complementada com as informações obtidas por outras técnicas, ou descobrindo aspectos novos de um tema ou problema (PHILLIPS, 1974, p. 187) citado por Lüdke e Andre considera que "quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano são considerados documentos".

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 39).

Essa dissertação está estruturada em quatro capítulos assim distribuídos:

Introdução - o espaço onde exponho a justificativa, os objetivos, o problema, a questão central, a hipótese e a metodologia utilizada na pesquisa.

No primeiro capítulo "Contextualizando a chegança," descrevo as características do município, a formação do povoado de Saubara, a situação geográfica e sócio-econômica as

manifestações culturais, os tipos populares, os personagens centrais e a relação da chegança com a religiosidade.

No segundo capítulo “Antecedentes da pesquisa: uma trajetória memorialistíca” descrevo a memória, a chegança e a religiosidade, a solução de continuidade, o renascer da chegança, os seus antecedentes de registro ou seja, a memória dos seus ex-integrantes e a chegança hoje.

No terceiro capítulo trato dos antecedentes da escola de Ensino Fundamental do município de Saubara, das professoras do passado e da relação entre a chegança e a escola atual.

No quarto capítulo descrevo os caminhos percorridos na investigação Apresento os dados obtidos nas entrevistas, nos questionários e na análise documental.

Finalizo com as considerações finais sobre a investigação e apresento sugestões de intervenção no processo educativo.

2 CONTEXTUALIZANDO A CHEGANÇA

2.1 O MUNICÍPIO DE SAUBARA

Saubara é uma pequena cidade a 100 km. de Salvador que se emancipou de Santo Amaro, por força da Lei Estadual 5007, de 13 de junho de 1989, tornando-se cidade. Essa emancipação deveu-se em grande parte à luta incansável dos seus patrícios que por isso reivindicavam há muitos anos.

O professor Betinho d' Saubara em suas pesquisas sobre esse município , constatou que "Geograficamente localizado no 'coração do Recôncavo Baiano', banhado pelas águas da Baía de Todos os Santos, o município de Saubara possui raízes históricas advindas a partir do limiar do século XVI, desde os primórdios tempos da colonização brasileira" (2005).

Segundo o pesquisador a vinda dos exploradores europeus, provenientes da Península Ibérica às "Terras brasilis", e que por esta sesmaria aportaram, resultaram na escravidão e extermínio dos silvícolas, "os reais proprietários das terras brasileiras, a fim de explorar as riquezas naturais" (ibdem, p. 1).

"No passado, este espaço geográfico fora registrado pelos indígenas como SAUBARA, vocábulo etimologicamente originado de saúva espécie de formiga cortadeira, existente em abundância por esta seara." (ibdem, p. 2)

O pesquisador Pedro Tomás Pedreira em sua obra "Memória Histórico-Geográfica de Santo Amaro" afirma que o desbravamento da região santamarense, à qual pertencia Saubara,"foi efetuado por ordem do 3º Governador-Geral Mem de Sá que, pessoalmente, comandou a guerra do Paraguassu (ou do Peroaçú), contra os índios ali residentes". A grande sesmaria doada, em 1559, por Mem de Sá, a seu amigo Fernão Rodrigues Castelo Branco, residente em Portugal, ia de Marapé até a ponta da Saubara. As terras que pertenceram a Braz Fragoso, e depois ao clérigo Francisco de Araújo, iam da ponta da Saubara até Bom Jesus dos Pobres e adjacências, subindo o rio Paraguaçu para o lado de Cachoeira. Alguns meses depois de receber a sesmaria, Fernão Castelo Branco, a doou a Francisco de Sá, filho do 3º Governador-Geral, a 8 de julho de 1560, mas quem utilizou as terras, legando-as depois em testamento, foi

Mem de Sá. Nestas terras fez construir o seu famoso “Engenho Real de Seregipe”, em 1563. Este engenho possuía uma “casa fortaleza” onde o mesmo morava “quando ia ao Engenho para ver o andamento dos trabalhos e fiscalizar os serviços de plantio, colheita e moagem das canas, etc.” Para os serviços do Engenho havia 259 escravos, mais 95 escravos e 4 escravos para os trabalhos dos campos e da casa-fortaleza. “Desses escravos, muitos eram negros, e outros indígenas da região.” Na região do Açu (atual Acupe) e de Saubara, Mem de Sá tinha cerca de 350 cabeças de gado, nos currais ali existentes.

Pedreira afirma, também, que com a morte de Mem de Sá, em Salvador, a 2 de março de 1572, a sesmaria passou a pertencer a Francisco de Sá. Com o falecimento deste pouco tempo depois, a sesmaria foi herdada por sua irmã D. Felipa de Sá, que, a 22 de maio de 1573, contraíra núpcias com D. Fernando de Noronha, Conde de Linhares. Por esse motivo, o Engenho ficou conhecido por Engenho do conde de Linhares. D. Felipa ao falecer, “deixou o Engenho, e a sesmaria ou parte dela, aos Padres Jesuítas da Igreja e Colégio de Santo Antão, da cidade de Lisboa” (PEDREIRA, 1977. p. 7).

Na primeira zona da região de Saubara, pertencente a Mem de Sá, este possuía vários currais de vacas.

> Nela por volta de 1685, no povoado fundado por Braz Fragoso, onde já existiam algumas casas à beira-mar, seus moradores resolveram construir, num alto, uma igreja dedicada a São Domingos de Gusmão, a qual, em 1696, foi elevada à categoria de Freguesia pelo Arcebispo Dom João Franco de Oliveira, antes tendo sido Curato” PEDREIRA (1977, p. 19).

Foto nº1: André Santos. Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão 2007

O clérigo Francisco de Araújo era bisneto do casal Diogo Álvares-Catarina Caramuru. Foi batizado na Freguezia da Sé (da Cidade do Salvador) a 14 de fevereiro de 1581. Após ser clérigo, dedicou-se à criação de gado bovino, e fez construir, na atual localidade de Bom Jesus dos Pobres, a modesta capela que até hoje ali é existente e onde foi enterrado em 20 de fevereiro de 1669. (ibdem, p. 19).

A reedificação do corpo da igreja, e feitura de uma nova capela-mor, os quais estavam em precárias condições, foram feitas em 1727 pelo Vigário da freguesia de São Domingos da Saubara, o Padre Antonio dos Santos Bonfil, que solicitou uma importância ao Rei de Portugal para as despesas.

Antes de 1812 foi Vigário da Freguezia o Padre Bernardo de Melo Brandão, o qual comprou fazendas no Acupe. Ao deixar o cargo de Vigário ali continuou a residir. Foi um dos que mais colaborou pela independência da Bahia.

A autora Renata Trindade Rocha, em sua obra Quatro Sobrados e Coretos – breve história de dez municípios do interior da Bahia e suas bandas relata que a volta de D. João para Portugal em abril de 1821, exarcebou as políticas lusitanas corruptas em relação ao Brasil. Reconhecidas até então como Reino Unido a Portugal e Algarves, sob a regência de D. Pedro

I. Quando os portugueses tomaram a capital baiana, o Recôncavo foi utilizado como local de apoio e resistência para as operações militares nacionais. “Na luta pela independência, destacaram-se as vilas de Cachoeira, Maragogipe e Santo Amaro, da qual **Saubara** era distrito” (ROCHA, 2005, p.166)

Pierre Verger em sua obra Notícias da Bahia – 1850 relata: “em 12 de julho de 1821, o cônsul da França escrevia que as desinteligências que existem a muito tempo entre os portugueses e os brasileiros acabam de estourar enfim publicamente. Os dois povos confessam seu ódio recíproco e querem dar provas dele”. (1902, p. 108). O pesquisador ainda relata que no dia 3 de novembro de 1821, o partido brasileiro empreende em vão, a tentativa de derrubar o governo. Suas tropas entrincheiradas no forte de São Pedro, finalmente se renderam, contudo sem derramamento de sangue. “Em revanche, no dia 5 de fevereiro de 1822, a vitória era completa para o partido brasileiro: das sete pessoas eleitas para o governo, seis eram brasileiras. Nenhum membro do antigo governo tinha sido reeleito” (VERGER, 1902, p. 109).

Indiferentes à vitória brasileira, quinze dias depois, porém, o governo de Lisboa nomeava o general português Madeira de Melo que comandaria as forças das província da Bahia, em substituição a um brasileiro. Isto provocou combates entre as tropas portuguesas e brasileiras, obrigando os brasileiros a evacuarem o Forte de São Pedro (VERGER, 1902, p. 109).

Após a Independência do Brasil em 1822 por D. Pedro, as tropas portuguesas comandadas pelo General Madeira de Melo ocuparam a Bahia, e só foram expulsas depois de 10 meses de hostilidade por parte dois brasileiros.

Zilda Paim em sua obra “Isto é Santo Amaro” (2005), relata que a 08/11/22 de Santo Amaro parte para a luta no Arraial de Pirajá, uma batalha composta por quase 600 homens em companhias comandadas por João Ferreira de Arcanjo e Manoel Bernardo Calmon.

A 18 de novembro de 1822, as tropas do General Madeira de Melo investiram contra os postos avançados de **Saubara,** cuja tremenda luta impôs às forças nacionais ali sediadas regularem as suas operações de guerra. Um conselho militar foi logo reunido sob a presidência do sargento-mor Antonio Martins da Silva Torres, comandante das tropas, tendo como demais representantes o capitão Inácio Joaquim, Francisco Duarte Viana, comandante da Companhia de Jequiriça, tenente Manoel Galvão e o alferes Manoel Rodrigues da Silva.

(...) E, lá em **Saubara**, estava o bravo padre Bernardo, que com destemido heroísmo arregimentava suas tropas e defendia com denodo aquele ponto estratégico, que, sendo dominado ou conquistado, seria fatal para a revolução. (PAIM, 2005, p. 92/93)

Pedreira afirma que em 18/12/1812 o Padre Manuel José Gonçalves Pereira tomou posse na Freguezia de **Saubara** como Vigário. Este foi o "Comandante das defesas da costa santamarense 'desde a Barra do Paraguaçu até o rio Traripe', e muito lutou em benefício da nossa libertação, defendendo heroicamente aquela região contra os ataques dos portugueses". Estes tinham como objetivo o acesso, através do distrito, às Vilas de Santo Amaro e Cachoeira, centro do governo.

Convém evocar o que nesta época o Presidente da Província, Francisco Vicente Viana, em carta de 2 de maio de 1824, escreveu ao Ministro do Império, João Severiano Maciel da Costa, Visconde de Queluz:

> O Padre Manoel José Gonçalves Pereira, Vigário collado da Freguezia de São Domingos da Saubara, distante desta Cidade sete léguas, e à borda do mar. Pretendendo muitas vezes o inimigo desembarcar neste lugar para atacar por terra as Villas de Santo Amaro e Caxoeira, centro do governo, este eclesiástico animou os povos daquele distrito, que fizerão a mais crua guerra aos invasores, que muitas vezes retrocederão destroçados. Estes esforços forão também auxiliados pelo Padre Bernardo de Mello Brandão, que de sangue-frio enfrentou o furor luzitano.(PEDREIRA, 1977, p. 21)

O Padre Manuel José Gonçalves Pereira faleceu na Cidade do Salvador em 1836, sendo sepultado na Catedral Metropolitana.

Segundo Rocha, a participação de Saubara e do Padre Manuel José Gonçalves Pereira na guerra da Independência está registrada nas páginas 23 e 24 da 2ª parte do poema épico "Paraguassu", escrito por Ladislau dos Santos Titara. Atualmente o livro é considerado como uma das mais fidedignas fontes de informação sobre os acontecimentos da época.

> Também baldadas agressões, que amuidano/ Na curva ourela da / Saubara os Godos/ A'quem, por vezes tantas, nas medullas/ Íntimas, susto, morte e dor entranhas/ Tu Pereira(Reverendo Padre Manuel GonsalvesPereira) que à foz do Rio velas;/ (...) Vês na vasa ficar hostis intentos;/ E com vantagem sume, quando perto (Da ampla margem, que a ti foi confiada/ Terrível invasão tentou dezena/ de gabras orgulhosas. (TITARA apud ROCHA, 2005. p. 167)

Em 04 de agosto de 1974, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHGB) reconheceu a dedicação do Vigário e colocou na fachada da Matriz de São Domingos da Saubara a inscrição:

“A tradicional Matriz de São Domingos de Saubara, santuário do civismo baiano, e ao seu Vigário Manuel José Gonsalves Pereira, intrépido defensor do Recôncavo, nas lutas da independência em 1822-23, o reconhecimento do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia”.

2.2. A EMANCIPAÇÃO

Conforme depoimento da Sra. Florinéia Souza Ribeiro, que nasceu, se criou e nunca ausentou-se da cidade, Saubara passou por três tentativas de emancipação. A primeira foi em 1958, quando foi reprovada. A segunda foi em 1977, mas a emancipação não chegou nem a um ano. A terceira campanha iniciada em 1983, resultou na tão esperada separação de Santo Amaro, por força da Lei Estadual nº 500-7 de 13-06-1989 e sua elevação à condição de município, seis anos depois.

2.3 SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O município de Saubara está localizado no Recôncavo Baiano e caracteriza-se por uma paisagem diversificada que reúne praias, falésias, manguezais. O município já teve rios caudalosos, como o rio das Pedras e o rio do Banho onde crianças e lavadeiras iam lavar roupa e banhar-se. Com o decorrer do tempo e o pouco cuidado dos poderes públicos e da população com os mesmos, estes rios quase se secaram. O Vereador Pedro Souza Ribeiro, preocupado com a ocupação desordenada local, que prejudicou consideravelmente os rios, pôs em prática no ano de 2003 o seu projeto para replantio das margens do rio de Saubara a fim de que os mesmos voltem a ser caudalosos.

No projeto “Artesanatos Tradicionais de Saubara”, publicado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, os pesquisadores Cristine Milene A. de Santana, Elizabete Mendonça, Judite Barros, Maria José C. Ramos e Raul Lody, evidenciam que a localização de

Saubara às margens da Baía de Todos os Santos e próximo à foz do rio Paraguaçu, possibilitou a formação de um povo com condições de sobreviver dos recursos "que o mar oferecia, o que caracterizou uma subsistência vinculada à pesca e à coleta de marisco". (2005)

2.4 SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA

Saubara já teve muitas formas de sobrevivência, além da pescaria, da mariscagem, artesanato da palha e da renda de bilro. Lá existiam lavoura, criação de gado, casas de farinha, viveiros, salinas, olarias que fabricavam tijolos e telhas, fabrico de azeite de dendê, cal de cascalho, tamancarias que deram trabalho a muitos jovens.

Foto nº 2 de Francisco Moreira da Costa e Marisa Vianna, Marisqueiras na praia do Mangue Redondo (Saubara) - 2005

Judite Barros, em seu livro Saubara dos Cantos, Contos e Encantos, informa que a primeira atividade econômica de Saubara foi e é a pesca. A tripulação para a pescaria é formada de cinco, seis e até sete homens, a depender da pescaria que vão fazer. Existe também a pescaria feita por apenas uma pessoa, que é a mariscada. Algumas vezes em que passei alguns dias de

minhas férias em Saubara, observei que na mariscada a atuação é predominantemente do sexo feminino.

Os principais tipos de pescaria descritos pela autora em Saubara são:

- pescaria de ridinha – é a pescaria de camarão e de siri miúdo; pesca-se com quatro a cinco pessoas.
- pescaria de grozeira – enfia dois ou três paus dentro d'água e amarra a crozeira (um cordão comprido com isca para atrair o siri); depois sai recolhendo a mesma com o jereré para ver se já tem o siri.
- pescaria de rede pequena – também chamada de rede de fundo.
- pescaria faxiada – é feita em noite de escuro, na qual se pesca siri mole, peixe, etc.
- pescaria de catueiro – feita em locais onde passa peixes grandes como cação.
- pescaria de paruzeira – só pega o peixe paru.
- pescaria de bagueira – é a pescaria própria para pegar o bagre.
- pescaria de mangue ou mariscada – é a que pesca siri mole, siri duro, ostra, sururu, caramuru, salambi ou lambreta, etc.
- pescaria de tapasteiro – é feita em lugar de enseada e entrada de rios.
- pescaria de pesqueiro – cerca um lugar nas coroas ou costeiros, enfica os paus e coloca a rede nestes, onde a rede fica presa nos mesmos.
- pescaria de corongo – só é feita na lama, quando a maré está baixa. Prá se pegar o peixe pisa uma folha por nome João Barandi na areia e coloca no buraco na lama; se o peixe estiver lá dentro ele sai e morre.
- pescaria de bom juá – feita na maré e no mangue; se pega peixe e siri
- pescaria de pegar siri de ponta – quando a maré baixa o siri é pego com a ponta de um pau chamado forquilha .
- outros tipos de pescaria – de linha, de catueiro, de corongo.

As redes de pesca e os calões partem e chegam no porto de Zinoel, de Quarta e meia, de João de Oto, de D'Ouro e de Sapatão.

No porto do Mangue Redondo chegam as redes de tróia. Na tapembinha (região de Itapema), na Coroa Branca e na Lage, no Largo, na Ilha da Saraíba e em outros locais, se pega o marisco chamado preguari.

O porto de Zinoel, de Quarta e meia e de Bispo estão localizados próximos à Ilha da Boca da Gamboa e da praia do Apicum. Os outros portos ficam na região do porto do Mangue redondo.

A Sra. Florinéia Souza Ribeiro declarou que os mais antigos donos de barcos de quem recorda-se são os senhores: Antonio Sarico, avô do atual prefeito da cidade, Domingos do Rosário Néry e Esmeraldo.

2.4.1 Os viveiros de peixe e as salinas

Barros (2006) conceitua os viveiros e as salinas como atividades pesqueiras e produtivas que no passado foram grandes fontes de renda econômica de Saubara, na qual houve uma média de cinco viveiros e três salinas.

A autora afirma que todos os viveiros de peixe e as salinas de Saubara pertenciam ao Sr. Jaime Leoni. Assim eram designados: viveiro da lama preta, do porto da lenha, do mangue redondo, do guipe e do porto grande.

A pescaria no viveiro era feita uma vez no ano, sempre na ocasião da Semana Santa. O número de trabalhadores nos viveiros era em torno de quarenta a sessenta pessoas e estas trabalhavam também nas salinas.

As salinas – era o local onde se colhia o sal. Ao lado delas havia os barracões, que serviam de depósitos para guardar o sal.

Nas salinas havia as funções de: manobristas, razoeiros e mandamenteiros.

Barros (2006) afirma que o Sr. Chico Bagre trabalhou em todos os viveiros e em todas as salinas que existiram em Saubara e localidades vizinhas. Foram quarenta e oito anos de trabalho dedicados a essa arte. O mesmo afirmou à pesquisadora que sabe colher o sal grosso e fino no processo artesanal, devido à sua experiência no ramo.

Os pesquisadores citados no Projeto: Artesanatos Tradicionais de Saubara, Ba. evidenciam que:

> A variedade de peixes, mariscos e crustáceos propiciou o surgimento de atividades pesqueiras. Pescadores enfrentam as ondas do mar, confiantes no acolhimento das divindades das águas a seus sonhos e pedidos de proteção; marisqueiras, com seus passos miúdos, como um balé primitivo, movimentam-se nas praias e manguezais. E nesse universo adveio uma culinária típica e apreciada por todos, famosa pela variedade de pratos preparados com moluscos, leite de coco e azeite-de-dendê. Santana, Mendonça, Barros, Ramos, Lody in Centro Nacional de folclore Cultura Popular (2005, p. 13).

2.4.2. Pratos típicos

Os pratos típicos em Saubara são de uma especial diversidade. Isto se evidencia pela múltipla técnica de pescaria existente na região; do camarão ao siri mole, para cada fruto do mar, existe uma técnica de pesca. Outrora encontrava-se peixes frescos em Saubara em qualquer dia que você lá chegasse; com o crescimento das casas de veraneio em Cabuçu e Bom Jesus dos Pobres a dificuldade em encontrá-los aumentou. Não concebo a idéia de ir à Saubara para alimentar-me de carne ou frango congelados, porém antes de comprar a passagem de ônibus, recomendo à minha prima Florinéia que encomende o peixe para o almoço. O antagonismo é que, enquanto eu chego à procura de peixe, minhas primas preferem a carne bovina por estarem enjoadas de tê-lo em seu cardápio. Observei também que no dia da festa a São Domingos, em algumas residências o peixe não é o prato prioritário, inclusive em 2002 no almoço oferecido pela Igreja a alguns convidados, do qual eu e minha irmã participamos, a moqueca estava ausente.

Ortiz em sua discussão sobre o sincretismo entre santos católicos e orixás africanos diz que a especificidade da matriz cultural permanece enquanto diferença. As culturas teriam a capacidade de reinterpretar os elementos estranhos, oriundos de “fora”. Ao afirmar que o processo de desterritorialização é qualidade da modernidade ele pergunta se seria convincente estabelecer a oposição entre interno e externo. Para responder às suas perguntas ele convergem seus pensamentos a partir de um caso concreto: a alimentação. Segundo ele o consumo de alimentos é regido por regras específicas e revela a natureza dos grupos sociais e o mesmo confirma:

A comida representa simbolicamente os modos dominantes de uma sociedade (...) A alimentação revela e preserva os costumes, localizando-os em suas respectivas culturas. Ela traduz a estabilidade do grupo social. As velhas análises sobre a modernização dos países subdesenvolvidos (que estiveram na moda nos anos 50 e 60), sublinhavam este aspecto, quanto consideravam os hábitos alimentares como "barreiras culturais para a mudança", isto é, um obstáculo ao "progresso" (ORTIZ, 2006, p. 77)

Segundo o autor a fixidez dos modos de cozinhar revela a permanência da tradição. Febvre citado por Ortiz afirma que a inovação, isto é, os pratos que vêm "de fora", se adaptam ao paladar local, sendo "sincretizados", segundo as regras culinárias em vigor. O peso dos costumes os enraíza à terra.

Segundo Ortiz , da mesma forma que os orixás preservam suas qualidades de origem, os hábitos alimentares adaptam-se no espaço. Para ele a alimentação deixa de ser um universo ao abrigo da fragmentação e da rapidez do mundo moderno.

A respeito da internacionalização dos comportamentos alimentares, o autor cita Beauregard:

Tudo se passa como se os hábitos alimentares, regionais ou nacionais, caracterizados por um número limitado de produtos, e uma certa monotonia, recorrente nas preparações culinárias explodissem os meios técnicos – conservação, transportes, distribuição dos produtos – e o nível de renda, permitindo a expansão do consumo a uma gama de produtos tradicionais. (BEAUREGARD, 1980 apud ORTIZ, 2006, p.79).

Saubara tem tradição de boas moquecas, feitas com peixes fresquinhos, lavados com os limões cheirosos que nos bons tempos davam em todos os quintais do município. Outrora se comia muito a saborosa moqueca do peixe baiacu. Respeitado por conter, segundo os nativos da região, veneno em seu fígado. Comia-se essa moqueca apenas nas casas de quem o sabia tratar. Infelizmente há mais de treze anos aconteceu um incidente desagradável, que levou à morte várias pessoas de uma mesma família, por ter comido moqueca desse peixe. O acontecido levou a população a abdicar desse saboroso prato. Contudo, as moquecas ainda são

destaques nos cardápios de Saubara – de pegueri,[5] de bebe-fumo, de siri catado, de miroró, de vermelho, todas são gostosíssímas.

2.4.3. O Artesanato

Artesanato com conchas

As senhoras e jovens de Saubara com seu potencial criativo aproveitam as conchas e búzios dos mariscos, coletados para a alimentação para enfeitarem bolsas, cestos, chapéus de palha e cortinas. Criam também aves e flores para decoração trabalhados com muita habilidade, verdadeiras obras de arte.

2.4.4. Artesanato de palha

Foto nº 3: Foto de Francisco Moreira da Costa, D. Josefina Rodrigues de Santana trançando com ouricuri - 2005

Segundo Barros (2006) quem trouxe o ensinamento da trança do mocó da palha de ouricuri para Saubara, foi uma senhora chamada Augustinha, que chegou do sertão da Bahia, fugindo da seca. Em Saubara, há pés de palmeira de ouricuri em abundância, o que proporcionou a esta senhora dar uma grande contribuição econômica à comunidade saubarense com a sua habilidade e criatividade. Ela trouxe consigo uma força de produção, para onde existia uma necessidade de trabalho de subsistência, o que efetivamente, só poderia ser bem acolhido pela comunidade saubarense. A autora afirma que anteriormente na comunidade, usava-se dessa planta apenas o fruto. Este depois de seco contém uma massa sólida que serve para comer-se puro ou pisado com farinha e açúcar, mistura essa chamada, pisada de ouricuri. A planta que servia apenas como alimento, tornou-se um meio de subsistência. Saubara exporta não apenas mocós de palha de ouricuri, como também esteiras e chapéus. D. Frazinha, grande trançadeira de esteiras, que

[5] Marisco especial da região de Saubara

reside na Ladeira da Matriz, informou-me que vende muitas esteiras para clientes do Rio de Janeiro.

Segundo a autora, D. Gilu (Juliana Moreira) que morava num lugarejo atrás da Igreja de São Domingos de Gusmão, onde hoje é a invasão Alto de S. Domingos, avó materna de D. Jovelina Barbosa, foi a primeira saubarense a fazer vassouras da palha do ouricuri em Saubara. Este é mais um exemplo do poder criativo das mulheres de Saubara.

Antônio Cândido, citado por Ecléa Bosi, no seu trabalho Literatura e Sociedade, discutindo as relações entre arte e vida social afirma que "nenhuma arte é casual ou rudimentar: é expressão plena de um desejo da beleza. Quando ela caminha a par com a vida, manifesta-se nos objetos de uso diário: cestos, tecidos e cerâmicas, sendo a expressão do artista e do seu povo"(1977, p. 56).

Os primeiros comerciantes do mocó de palha em Saubara foram: Zeca Consumido, Pedro do Mocó (Pedro de Lima), Alcides Fiais, Eduardo de Pedrinho e outros. Estes viajavam de barco para Salvador para vender o produto.
As ruas Rio das Pedras, do Taboão, da Matriz, da Boca da Mata e do Lavrador são os baluartes da fabricação de produtos com palha de ouricuri.

Nas pesquisas de Santana, Mendonça, Barros, Ramos e Raul Lody, está declarado que as folhas de ouricuri "são fonte de trabalho de grande número de homens e mulheres de Saubara. Além das 25 artesãs pertencentes à Associação, existem cerca de 200 trançadores não filiados que, em suas casas, se dedicam à produção de mocó (bolsa de feira) e esteira". (LODY 2005, p. 26)

2.4.5. Trançado em cipó

É afirmado que a técnica do trançado em Cipó em Saubara é recente. É desenvolvida há cerca de sete anos pelo artesão Domingos Moreira Barbosa (Guti). O mesmo tem na pesca a sua profissão principal, trabalhando, também, quando tem oportunidade como pedreiro e em serviços gerais. O cipó que Domingos utiliza é denominado popularmente araguam, maracujá, timbó, atitu e caboclinho. Ele afirma que quando o serviço é "mais brutal, um cesto, um

balaio, já trago do mato pronto, pois trago menos peso, mas o serviço mais artesanal, como por exemplo, o pássaro, aí eu faço em casa".

2.4.6. A renda de bilros

Na produção do artesanato, destacam-se as rendas de bilros, prática centenária local que já enfeitou muitos lençóis e vestidos das senhoras dos tempos dos engenhos de açúcar. Os produtores da renda de bilros e dos trançados em ouricuri organizaram-se na Associação de Artesãos de Saubara. Criada em agosto de 1999, reúne exclusivamente mulheres, sendo 75 rendeiras e 25 trançadeiras.

Conforme Lody (2005) "a sede da Associação é própria desde primeiro de fevereiro de 1992, doada pela Paróquia São Quirino – grupo Missionário de Correggio (Reggio Emilia, Itália, e é responsável pela comercialização da produção das artesãs associadas)".
Maria do Carmo Amorim, rendeira, coordenadora econômica da Associação e importante liderança local, citada por Lody (2005) relatou:

"Do início até o meio de Saubara o pessoal faz o trançado. Do meio para cá, que é o bairro da Rocinha, é foco das rendeiras. O pessoal de lá trabalha mais na roça, então tem a tradição mais do trançado; o pessoal de cá trabalha mais na maré e tem a tradição da renda. Barros" (2005, p. 20).

Essas duas atividades são centenárias importantes fontes de renda na comunidade de Saubara. Vale salientar que a Sra. Maria do C. Amorim, em 1988 esteve na Filadelphia (E.E.U.U.), representando as rendeiras de Saubara e foi convidada pra mostrar a produção da renda de bilro brasileira em Portugal.

Ramos, citada por Lody afirma que a técnica da renda de bilro provavelmente surgiu no final do século XV, na Itália setentrional, oriunda da arte do bordado. As cidades de Milão e Gênova foram seus focos iniciais. Convém evidenciar a afirmação da pesquisadora quando ela afirma:

Em Portugal ela aparece em 1560, no reinado de D. Sebastião, e, no Brasil, as rendas de bilros entraram (...) com as primeiras mulheres portuguesas vindas, com suas famílias, de pontos de Portugal onde tradicionalmente se fazem rendas de bilros, como as áreas costeiras, do Minho à Estremadura e ao Algarves (LODY, 2005 p. 20)

Foto nº 4: Foto de Angélica Maria da Silva, rendeira com almofada e bilros 2006

2.4.7. As tamancarias

Também foram um forte meio de sobrevivência da cidade. Florinéia lembra que juntamente com muitas outras adolescentes e senhoras trabalharam muito, bordando flores em uma peça de pano para depois recortarem essa peça e colarem na ancoura dos tamancos. A goma era feita da massa da mandioca. “Todo rapazinho tinha sua faquinha e um martelo”(Florinéia) para moldar a madeira do jeito dos pés, depois que ela era serrada conforme os números dos pés se prendia a ancoura na madeira. No fim da semana todos tinham o seu dinheirinho”.(nov/2006). Fabricavam-se tamancos para homens mulheres e crianças; o das mulheres se chamava malandrina Os donos das tamancarias eram: João Marinho, Quinquim e

Desidério. Os tamancos eram exportados por barcos para Salvador e outras cidades do recôncavo. Os tamancos tiveram o seu tempo de glória, até que surgiram as sandálias havaianas no final da década de sessenta e os desbancaram.

2.5 AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O Professor de Geografia Betinho d'Saubara que escreve sobre a cultura popular do município saubarense afirma que mesmo enfrentando dificuldades financeiras, as manifestações populares de cunhos profano (lavagem, burdejo...) e religioso (missa, procissão...) continuam sendo mantidas, respeitando-se os costumes dos ancestrais (2005). Eis abaixo um verso do domínio popular do Distrito de Bom Jesus dos Pobres, tradicionalmente cantado na "jornada" (espécie de esmola cantada) por ele sinalizada "No dia 2 de Fevereiro / A sua missa vai ser celebrada /No altar mor da igreja / Onde Ele está colocado".

Descrevendo o meio de arrecadar donativos em prol dos festejos em louvor ao milagroso Bom Jesus o professor relata que os responsáveis pelos eventos procuram manter a tradição de realizar a jornada com bastante autenticidade.

> Neste evento os músicos, cantadores e sambadores visitam os lares dos fiéis devotos cantando: É chegado nesta casa/Quem havia de chegar / O Bom Jesus da Pobreza /A sua esmola veio buscar/Dê a sua esmola / Com muita grandeza / Brilha no céu e na terra / O Bom Jesus da Pobreza. Nesse folguedo muito animados o povo percorre as casas dos nativos e dos veranistas, cantando o samba que não pode faltar no repertório de domínio popular, o consagrado samba: "Ô dona da casa / Me dê licença / Me dê licença / Para eu vadiar". Imediatamente, a licença é concedida; o povo em animação troca as costumeiras umbigadas. (Ibidem, 2005).

O pesquisador no seu relato sobre o cancioneiro popular dos nativos de Bom Jesus, evoca suas preciosidades musicais (uma das quais segue abaixo), espontaneamente criadas pela comunidade nos seus festejos, desprovidos de discriminações, nos quais todos se divertem espontaneamente.

> Ô mulher feia / Faça o buraco / Na areia / Pra mijar; / Catarina minha nega / Onde está que não te vejo /Estou na cozinha do branco / Cozinhando caranguejo /Abane o fogo sinhá; Samba lê-lê. / Na praia de Bom Jesus / Siri virou camarão / E o Papa lá de Roma / De Papa virou pirão". (Ibidem, 2005).

O vínculo das boas amizades mantido pela comunidade de Bom Jesus, como o pesquisador afirma, pode ser representado pelos senhores Fernando de Amélia, Lúcio de Mimi, Adjovânio de Biduga, Valter de Miudinho, Dmiran de Mirandulino, Raimundo de Glória, Carlinhos de Nelza, Valter de Valtinho, Ratão e Misael de Tonho (ibdem, 2005)..

"O saudoso Nilson Garcia pode ser considerado como um dos grandes ícones da história contemporânea de Bom Jesus dos Pobres, devido a sua ativa participação política em favor de seu berço natal, como também o inesquecível Vanderlito Ferreira". (Ibdem, 2005).

Em Saubara, as pessoas mais idosas ressentem-se por que os jovens de hoje não querem ter disciplina. E para se organizar folguedos como por exemplo, um terno-de- reis, um baile pastoril, um reisado, é preciso disciplina e assiduidade. Por essa razão as manifestações populares em Saubara estão reduzidas às cheganças, ao samba de roda, as caretas do mingau, ao bumba-meu-boi (muito esporadicamente) e à barquinha de Bom Jesus dos Pobres.

Diante disso insisto na hipótese, com relação à Chegança dos Mouros como elemento construtor da identidade cultural das crianças e jovens saubarenses: quando os mesmos descobrirem que a preservação da manifestação se deu através dos seus antepassados, se interessarão sobre sua origem, a história de vida desses atores, como se processou essa preservação e a mesma terá visibilidade na comunidade escolar e será valorizada. Isso poderia ocorrer também com relação às outras manifestações que desapareceram do cenário saubarense.

Sobre esta questão Ortiz argumenta que, "A sociedade informática instituiria assim um corte profundo com o passado" (ORTIZ, 2006, p. 67). Os jovens de Saubara em sua maioria não têm acesso à informática nem sequer nas escolas. Até 2006 o único computador que encontrei por lá foi o da Câmara dos Vereadores, porém, creio que mesmo assim eles prefeririam ficar na Praça 4 de Agosto, entreolhando-se, a aceitar um convite para ensaiar um terno-de-reis.

A Sra. Ieda Mendes da Silva que organizou pela primeira vez um terno, em 1954, quando tinha apenas dezesseis anos, o Terno da Bailarina, relata: "as meninas de hoje não querem participar, não têm disciplina", confirmando que,

> Por mais imprecisas que sejam, tais observações possuem pelo menos um mérito: reconhecer a especificidade da etapa que atravessamos. Sem esta consciência da mudança facilmente caímos numa certa tentação conservadora. É preciso, no entanto, reorientá-las. A noção de sistema técnico já nos ensinava que toda expansão implica continuidade e superação (ORTIZ, 2006, p. 67/68).

O mesmo acontece com o reisado de D. Cleonice Barbosa, mais conhecida como Quequéu, residente na ladeira da Matriz. Nesse folguedo saem apenas senhoras; as mocinhas e rapazes não querem participar do mesmo.

A resistência dos jovens com relação ao exercício das manifestações populares tradicionais, em se tratando do contexto de escolas públicas, onde a minha experiência é maior, na minha percepção, tem uma relação direta com a rejeição da sua classe social. Eles percebem que tais manifestações são exercitadas, na maioria das vezes, pelas classes subalternas, formadas predominantemente por pessoas negras, à qual eles pertencem, porém não aceitam pertencer. Tais manifestações dão visibilidade à sua classe: por exemplo, os ternos-de-reis, onde as mocinhas que representam as ciganas são entre as de pele mais claras, enquanto àquelas de pele mais escuras são reservados os papéis de pastoras e são posicionadas muitas vezes na parte final do cortejo. Nos seus sub-conscientes eles não querem preservar o que rejeitam... o que querem esquecer. Optam então pelo hap, o rock, o reggae, que eles talvez ignorem que são também manifestações de origem negra. As cheganças, o congo, o ticumbí, o moçambique, os ternos-de-reis, a dança de São Gonçalo, o bumba-meu-boi, tudo isso pode trazer-lhes reminiscências da origem escrava. (SILVA, 2006: 6).

Essa preocupação pela preservação do patrimônio folclórico em troca da adoção de novas maneiras de pensar, agir e sentir em alguns centros urbanos nordestinos mais acessíveis ao impacto da civilização industrial, aparece na obra de Theo Brandão, folguedos Natalinos de Alagoas, 1907.

> Foi um impacto, por exemplo, que São Paulo, o mais progressista dos Estados da Federação, mais sujeito, por isso, aos mais variados e intensos contatos culturais, não possuía mais folclore, naturalmente em definitivo desaparecido diante da descaracterização da civilização industrial. Era de tal monta o preconceito, que um mestre esclarecido e poderia dizer quase clarividente como Mário de Andrade, deixou de lado sua terra e veio excursionar no Nordeste no afã de recolher o farto material que o esforço e dedicação de sua digna discípula Oneyda Alvarenga nos vem brindando com a publicação que da sua obra pessoal – Danças Dramáticas do Brasil, quer a que ele recolheu ou fez recolher pela Discoteca Municipal de São Paulo (BRANDÃO, 1907: 40).

Durante toda a minha experiência profissional, tenho observado uma grande resistência pelos jovens, em participar de eventos relacionados à cultura popular tradicional. Por exemplo, nas festas juninas a tentativa de se organizar uma quadrilha, na maioria das vezes é frustrada pela preferência pelo pagode, reggae, arrocha ou outros ritmos modernos. Por sua vez o corpo docente das escolas públicas, em sua maioria não tem a sensibilidade de fazer um trabalho no sentido de tentar transformar a consciência dos alunos com relação à preservação da nossa cultura popular. Na maioria das vezes entregam a tarefa de realizar a festa junina ou outro evento festivo escolar ao professor de Artes. Consideram o professor de Artes o promotor de eventos e não um educador (SILVA, 2007: 4).

Decerto esses jovens acham que participar dessas manifestações é "pagar mico", como eles usam no seu linguajar; a escola por sua vez não incentiva a pesquisa destas manifestações populares, talvez por ainda não ter vizibilizado a sua importância e então vai-se perdendo aos poucos o rico legado cultural herdado de nossos ancestrais. .

Morin ao fazer uma reflexão sobre cultura e sociedade afirma que a mesma tem como base os saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmitem por diversas gerações, se repete em cada indivíduo, domina a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. "Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim sempre existe a cultura nas culturas, **mas a cultura existe apenas por meio das culturas**. (MORIN, 2004, p. 56).

Em suas análises Montenegro não considera a cultura popular como algo perdido. Para ele "ela está presente, pelas próprias condições materiais de privação radical das condições mínimas de sobrevivência, ao gerar uma produção material e simbólica que muitas vezes revela características muito dessemelhantes da cultura oficial" (MONTENEGRO, 1994, p. 13).

É inegável a inestimável contribuição do programa Bahia Singular e Plural da TVE, no sentido de salvaguardar as nossas tradições. O quanto seria interessante se na década de cinqüenta este programa já existisse. Perdemos muitas imagens e relatos que ficaram na oralidade a exemplo dos precursores da chegança dos mouros de Saubara. A série do programa só iniciaria sua exibição em 1998.

> (...) Diante da demora em se obter um formato adequado para os documentários, optou-se por uma solução simples e que atendia à necessidade de veicular com presteza parte das gravações, que foi os interprogramas. No

> dia 22 de abril de 1998, quando se comemora o dia do Descobrimento do Brasil, a TV Educativa começou a exibir regularmente os interprogramas da série Bahia singular e Plural, veiculando-os nos intervalos dos principais programas da emissora (PIRES NETO, 2005: 101

Nos relatos sobre Os precursores da Chegança dos Mouros consegui em grande parte, datas de seus nascimentos e falecimentos, mas as imagens foram perdidas. Aliás, lembrando que a televisão chegou à Bahia, apenas em 1960, como não seria difícil fotografar-se em Saubara nas primeiras décadas do século XIX!

A bisneta do Sr. Isídio Passos, capitão da Chegança dos Mouros lembra que o mesmo falecera com quase cem anos, quando ela tinha mais ou menos dez anos. Se o seu nascimento foi em 1927 existe a hipótese que o falecimento do seu bisavô ocorreu entre 1935 a 1937, porém nos livros de assentamento de óbitos do cartório de Saubara desse período, não achei tal assentamento para verificar com que idade o mesmo faleceu. Tampouco a família tem sua fotografia e assim as gerações atuais vão perdendo registros preciosos da nossa tradição. Considero que uma memória sem imagem ao mesmo tempo em que nos faz sentir falta de algo, nos possibilita aumentar nossa capacidade de imaginação. Falar-nos de um antepassado sem foto, nos remete a imaginar, estatura do sujeito, do jeito do corpo, seu modo de tocar o pandeiro, de usar o chapéu, etc. Essa habilidade que temos em imaginar com a ausência da fotografia talvez seja para compensar o que a sua presença nos traria conforme a pesquisadora Di Gregório, em sua dissertação "Memória Coletiva: estratégias de preservação da identidade cultural dos imigrantes italianos em Itiruçu-Ba, 1950 -2000, afirma: "sendo a fotografia rica em informações a reconstituição do passado flui naturalmente, como princípio de um retorno no tempo em que a história particular de cada um é restaurada e revivida na mente e pelos sentimentos".(2003, p. 25).

Citado pela autora com relação à fotografia Bordieu afirma que as mesmas seriam as reproduções da integração do grupo e o uso social delas define verdades sociais. (ibdem 2003).

Em Saubara é muito comum as pessoas terem opções bem diferenciadas e defenderem-na arduamente. Lá eles chamam essas opções de "partido". É muito evidente a opção das pessoas que moram no centro da cidade, pela Fragata Brasileira uma vez que seus participantes, em sua maioria, residem em ruas mais próximas do centro de Saubara e parecem ser de famílias

que freqüentam mais a Igreja Católica. Os adeptos da Chegança dos Mouros residem na rua da Rocinha; área mais afastada do centro e em ruas bem periféricas. Costumam afirmar sobre as pessoas que lá residem como “o pessoal lá de baixo”, ou sobre os integrantes da Chegança dos Mouros: não têm cuidado com a roupa para o dia da apresentação; não têm a mesma persistência que o grupo dos marujos da Fragata Brasileira. Sobre eles existem vários estereótipos. O que se percebe, mesmo sutilmente, é uma discriminação por esse grupo.

“Saubara já teve brancos; hoje é que está essa mistura” segundo relato de uma nativa do município. Não é em vão que a atual Rua Antônio Roldão Gonçalves no centro de Saubara era denominada anteriormente de Rua dos Brancos. A mudança de nome foi por força da Lei Municipal 401/1967, quando Saubara ainda era distrito do município de Santo Amaro.

A consciência étnica em Saubara já teve tons de discriminação bem mais forte, hoje está um pouco mais amenizada.

Sobre a resistência na aceitação das diferenças Muniz Sodré afirma:

> A diferença não é um ponto de partida, mas de chegada – ponto de partida são as possibilidades concretas de diferenciação. Deste modo, a discriminação será o não reconhecimento da exclusão do outro nos percalços da diferenciação, ou seja, do movimento complexo dentro do estatuto da identidade. A verdade, enquanto identidade do mesmo resulta da discriminação. Pode-se contrargumentar a Badiou, apontando para a verdade como o advento do infinitivamente diverso, isto é, para a diversidade humana como uma constante em todo empenho de realização, como a verdade do real concreto (SODRÉ, 1999, p.15).

2.5.1. A chegança feminina

A chegança feminina é uma extensão da Chegança dos Mouros. Segundo o Sr. Edmundo Passos (Pintinho) a primeira foi criada em 1991, sendo depois reativada por sugestão de Barbinha e Lindaura Moreira dos Santos com novas pessoas em 2001. Na sua criação, o Sr. Edmundo que é o seu contramestre estava no seu primeiro mandato como vereador. Essa chegança é composta na sua maioria pelas esposas, filhas e netas dos integrantes da chegança masculina. A sua responsável é a Sra. Tânia Regina da Silva Santos, residente na rua Nova São Domingos. O seu esposo Lázaro Neris dos Santos participa da chegança masculina. Além

de suas irmãs Júlia Isabel da Silva (Bebel) e Sandra Conceição da Silva, outras componentes da chegança feminina foram: Maria, Sessa, Ângela, Creuza da Paixão, Conceição Santos, Evanilda Lima, esposa de Osmar Tosta, um dos organizadores da chegança masculina. Infelizmente, segundo relato de D. Tânia Regina, muitas pessoas não aceitam a chegança feminina, especialmente as mulheres. Entrevistando uma nativa em novembro/06, pedi a sua opinião sobre essa chegança e ela respondeu-me: "sou contra a chegança feminina".

Eis o relato verbal de D. Tânia Regina – novembro/2006.

> Meu nome é Tania Regina da Silva Santos. O que tenho a falar da chegança é que é uma cultura muito bonita, mas o pessoal aqui não valoriza. A chegança das mulheres foi criada através da chegança dos homens. Eu mesmo comecei a gostar através do meu marido, que já sai há muitos anos na chegança dos homens. Eu me interessei e formei um grupo juntamente com o presidente Mouro e formamos um grupo de chegança das mulheres.
>
> Já viajamos muito prá muitos lugares, Costa do Sauipe, Palácio da Aclamação em Salvador, Ilha de Itaparica e aqui em Saubara várias vezes, principalmente nas datas importantes, 13 de junho que é o aniversário da cidade e 04 de agosto que é a festa do padroeiro. Mas de uns tempos pra cá nossas companheiras, por não ser valorizada a brincadeira estão se recusando a sair. Quando a gente sai na rua o pessoal chama as mães de família de que não tem o que fazer. Pra onde essas horrorosas vai? Umas mulher dessa, tem que procurar o que fazer! E isto não pode acabar. Essa cultura é uma cultura muito bonita tem que ser valorizada.
>
> Quando a gente sai pra fora o pessoal valoriza muito, aplaude, quer aprender, procura a gente pra gravar, viu as músicas! E aqui em Saubara, as autoridades quando a gente quer sair colaboram As autoridades colabora, porque às vezes a companheira que não tem condições de se vestir, a gente vai, pede às autoridades eles dão o tecido, dão boine. Quando a gente não quer abusar faz leilão faz festas prá angariar fundos.
>
> As autoridades nunca deixou de participar, de ajudar, tanto as das mulheres como as dos homens. Principalmente as dos homens. Todas as vezes que a chegança dos homens vai sair tem que fazer novo fardamento. As das mulheres não, As mulher guarda, arruma, fica tudo guardadinho.
>
> E a cultura tem que continuar não pode acabar! O que é bonito tem que ser conservado. Não pode acabar como outras culturas que tem aqui em Saubara.

2.5.2. A marujada Fragata Brasileira

Foto nº 5 – Jônatas Conceição da Silva, Fragata Brasileira

1997

Segundo D. Nina, mãe de Quequéu residente na ladeira da Matriz, A Fragata Brasileira foi reativada há vinte e nove anos, logo em 1977, (Relato feito em novembro/2006) coincidentemente no mesmo ano da reativação da Chegança dos Mouros.

Gregório dos Santos, nascido a 20-01-1924, (entrevistado em julho/2006), atual integrante da marujada é neto de um ex-integrante do grupo, Zacarias José dos Santos. Por sua vez, Zacarias era filho de Sabino José dos Santos, também integrante da Fragata.

O pai de Gregório, Sebastião Alves dos Santos, genro do Sr. Zacarias, nunca participou do folguedo, logo ele deve ter sido incentivado pelo avô. O Sr. Sebastião apesar de nunca ter saído na chegança, gostava de assistir aos ensaios e lembra que em 1944 assistia-os na casa de Neco, pai de Zé de Imbu, cuja filha a Srta. Judite Barros, escreveu o livro, Saubara dos Cantos, Contos e Encantos.

Continuando o seu relato “seu” Gregório afirmou que:

Raimundo José dps Santos, conhecido como Professor Betinho de Saubara, hoje lecionando Geografia, é também neto do Sr. Zacarias, também participou do grupo por bastante tempo como o Capelão da Fragata, o mesmo papel que seu avô representava na chegança.

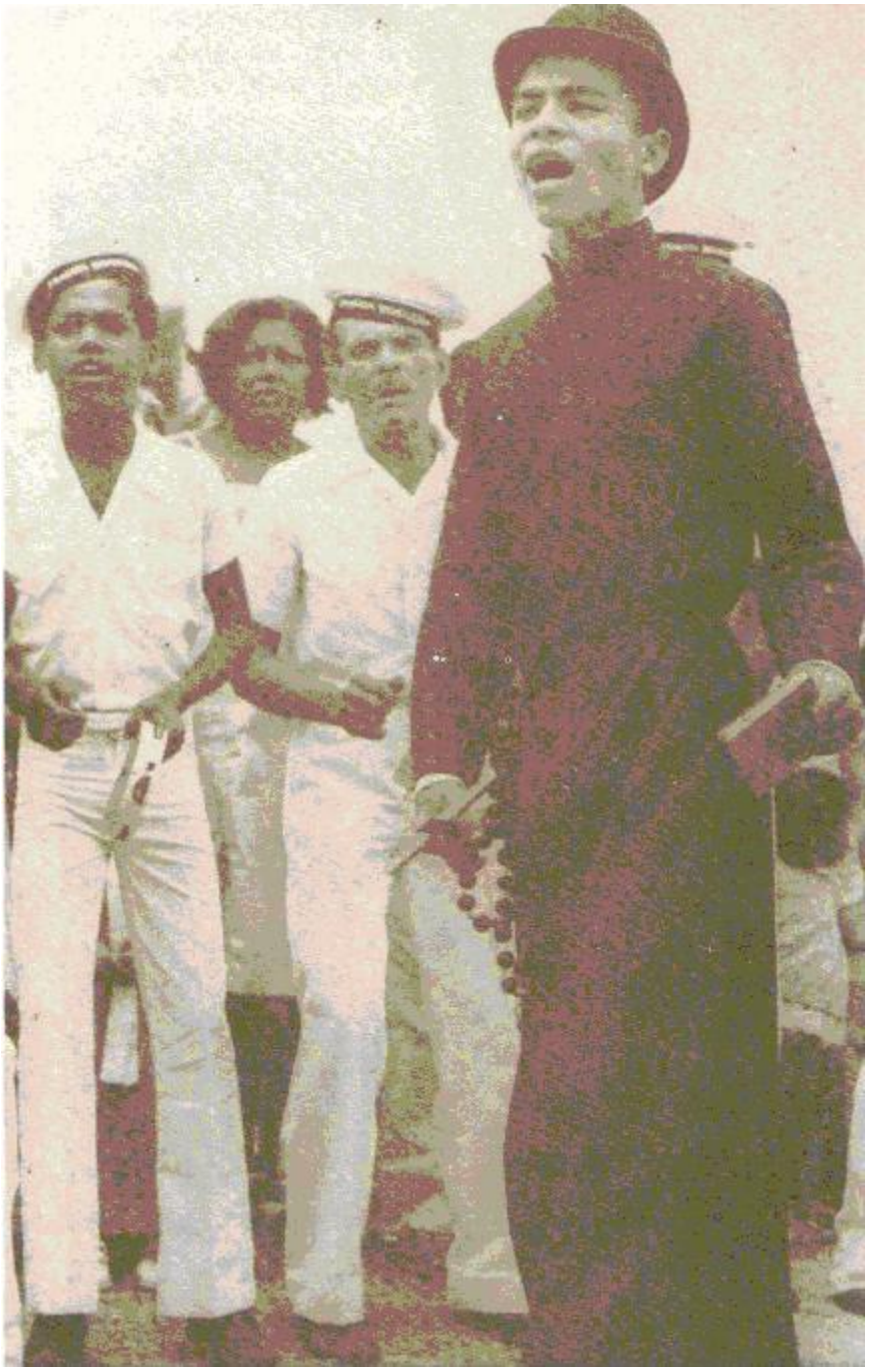


Foto nº 6 – Ralph C. Waddey: Betinho d'Saubara, Padre Capelão da Chegança dos Marujos "Fragata Brasileira", 1977

O Sr. Benjamin dos Santos era um dos organizadores da Chegança Fragata Brasileira, da primeira chegança, como eles dizem. Representava na mesma o papel de capitão, antes da sua desativação. Quando a Fragata foi reativada há 29 anos atrás, "seu" Benjamin já havia falecido.

O Sr. Benjamin teve dois filhos, Venceslau e Duca, mas o depoente não soube informar se os mesmos foram integrantes da Fragata. Teve dois irmãos que também eram integrantes da Fragata Brasileira:

O Sr. Adriano dos Santos que participou do grupo em 1949, quando sua filha Maria do Carmo, que nasceu em 06-01-39 tinha 10 anos. Faleceu em 30-05-86 aos 70 anos.

Segundo depoimento de "seu" Alfredo de Jesus, o seu pai Ângelo Cristóvão de Jesus, foi mestre da Fragata Brasileira. Nasceu em 19-11-1893 e faleceu em 1973 aos 80 anos. Além do próprio relator teve outro filho, Antonio de Santana Moreira. "Seu" Alfredo Bispo de Jesus era o seu filho mais velho, nasceu em 12-10-20. O mesmo relatou que participou de um ensaio da Fragata, mas esqueceu de ir ao dia seguinte a outro ensaio. Dias após, encontrando o seu tio Benjamin na beira do rio, este lhe perguntou porque faltara ao ensaio. Quando ele respondeu-lhe que não fora porque se esquecera, o seu tio respondeu-lhe que não precisava ir mais.

O segundo filho de "Seu" Adriano, Antonio, conhecido como Cachecol, faleceu em 2004. Participou por muitos anos da Fragata Brasileira. Deixou de participar do grupo devido à perda da visão. Todos os anos no dia de São Domingos, após a louvação ao santo na Igreja, o grupo fazia uma parada[6] em sua porta para dançar e em sinal de consideração.

Atualmente tenho um primo que participa dessa chegança, Mateus da Silva, que reside na mesma rua onde fica a sede da mesma. Todos os seus participantes residem em ruas na parte de "cima" da cidade, como eles costumam delimitar. Os participantes da outra chegança, "A Barca Nova" residem na parte de "baixo" de Saubara. A Fragata Brasileira tem sede própria, que fica na Rua da Boca da Mata, no centro de Saubara. Segundo Mateus a sede foi inaugurada em abril de 1984. A manutenção da mesma é realizada pela contribuição dos sócios. Frequentemente recebe convites para apresentar-se fora de Saubara. Já estiveram em Brasília onde foram recebidos pelo Presidente Lula, em 2005, em Recife, diversas vezes em Salvador e em outras cidades. Apesar de terem uma sede própria, enfrentam os mesmos problemas da outra chegança. Pouca valorização pela comunidade local, falta de recursos para comprar uniforme, sapatos, chapéus de marinheiro e os pandeirinhos, que com o uso o couro

[6] É costume os marujos pararem para dançarem e cantarem nas casas de alguns amigos que os convidavam.

rompe-se facilmente. O grupo está menor a cada ano e na apresentação no dia 04 de agosto/07 notei ausência de jovens. Felizmente os dois filhos do Capitão da chegança, Rosildo Moreira do Rosário, atual secretário de Educação da cidade e Antonio Arnaldo Moreira do Rosário, hoje com 25 anos, professor de Matemática e Presidente da chegança, participam da mesma e sente-se que eles têm o mesmo amor pelo folguedo que seu pai e seu tio, o que nos dá uma esperança de que essa manifestação seja preservada por muitos anos.

Segue abaixo um depoimento de um dos filhos do capitão da Fragata Brasileira em novembro/2006, professor Antonio Arnaldo "informação verbal".

> "Eu sou Antônio Arnaldo Moreira do Rosário, sou professor do colégio Centro Educacional Manoel Castro em Saubara.
>
> Leciono a disciplina Matemática no ensino fundamental II, quinta à oitava série. Para falar de Chegança pra mim é assim, um orgulho. Primeiro porque a minha família tem uma participação maciça neste grupo na história do grupo, da formação como vê mesmo, a gente esta sempre vivo neste grupo cultural que permaneço como presidente. Ele é formado por oitenta por cento do pessoal da família entre pais primos e irmãos, né, sua maioria mesmo; fica mais fácil conduzir e o interesse meu começou desde pequeno. Meus pais me levavam para os ensaios e lá eu comecei a me apaixonar pelo grupo, as músicas, as cantigas, a dança, tudo isto me cativou e me conquistou. Desde os dez anos eu faço parte deste grupo, hoje eu tenho 24 anos e já temos ai quatorze anos nessa caminhada. A história do grupo é interessante, a história da chegança Fragata Brasileira, especialmente, que eu comecei pelos meus tios e meus pais, dizendo que mostrando a relação que eles faziam com a religiosidade, com a religiosidade católica em si até porque acredito que cem por cento dos componentes do grupo são católicos. Falar de chegança é pensar as aventuras que eles faziam no mar e também os trabalhos e dentro das dificuldades eles louvavam, né, louvavam em alto mar, pediam ajuda ao padroeiro São Domingos, e isso criou uma relação. Muitas músicas inclusive, relatam essa passagem, sempre mencionam o nome do padroeiro agradecendo pela passagem da dificuldade que encontraram em alto mar e também saudações ao povo saubarense, ao povo forte dessa terra.
>
> É muito interessante os grupos culturais do nosso município, é muito importante e a chegança particularmente. **A sua história deve ser incluída na proposta pedagógica**, porque além de contar sua história vai te ajudando a formar seres críticos que possam chegar em qualquer lugar e discutir a cultura do nosso município em todas as partes, de todos os modos e todas as nações.
>
> A idéia seria convidar algum participante do grupo mais antigo, né, para fazer um relato à turma e que eles lançassem perguntas tornando assim mais fácil o aprendizado até porque a cultura é indispensável; a sua discussão seja ela em seu município, seja ela em seu estado, seja ela em seu país.

É interessante ressaltar que noventa por cento do grupo são pescadores e isso enriquece mais a participação, enriquece mais a vontade de não deixar essa manifestação desaparecer do nosso município, da nossa cultura. É um grupo que tem um reconhecimento em algumas cidades do estado da Bahia. Estivemos também em Brasília. Isso é assim pra gente... é que ficou marcante. É interessante a gente vê a alegria dos participantes quando tem alguém que reconhece, alguém que gosta do nosso trabalho. E falando em gostar eu quando me candidatei a presidente do grupo eu fui só com um intuito: em trazer mais jovens para esse grupo, por que eu percebia que os outros chegavam a idade e eles não iam resistir por diversos fatores como condição física e agente precisava ter jovens pra aprender e não deixar a manifestação acabar e eu consegui trazer um bom grupo de jovens. Tem hoje no grupo 35 participantes que quando eu me tornei presidente tinha apenas 26 anos. Então isso pra mim é uma conquista e esses jovens estão aprendendo. Ressaltar também que essas pessoas mais velhas não deixam o grupo; não conseguiram se desligar totalmente. Enquanto eles tiverem condições, embora sejam mínimas, estão lá para nos ajudar para divulgar essa história marcante do nosso município.

Agora o mais difícil é a gente colocar na cabeça do povo saubarense a importância do grupo, não só da Chegança, mas de muitos outros. **Essa discussão é que falta na verdade, e a escola pode ser um instrumento, um forte instrumento para fazer as pessoas terem consciência da importância dessas manifestações culturais em especial a Chegança dos Marujos**. Outra coisa que é interessante ressaltar é a dificuldade que nós temos em manter o grupo com fardamento e com os instrumentos e tudo isso. É criando os movimentos para arrecadar fundos, para ajudar mesmo. Mas como eu falei antes, é um grupo de pescadores com condições mínimas, porque muitas vezes a gente por não ter instrumentos a gente não sai. Por não ter um forte apoio da população prá nós, de alguém que queira nos ajudar a crescer, dar voz ao nosso povo à nossa terra. Enfim a Fragata Brasileira hoje faz parte de minha vida. É impossível falar em educação cultural sem essa, em especial essa manifestação; manifestação de um povo corajoso de um povo lutador, de um povo que está sempre descobrindo novos horizontes. No mais a Chegança dos Marujos Fragata. Brasileira é fé, além de tudo é cultura para todos. Obrigada.

2.5.3. As caretas

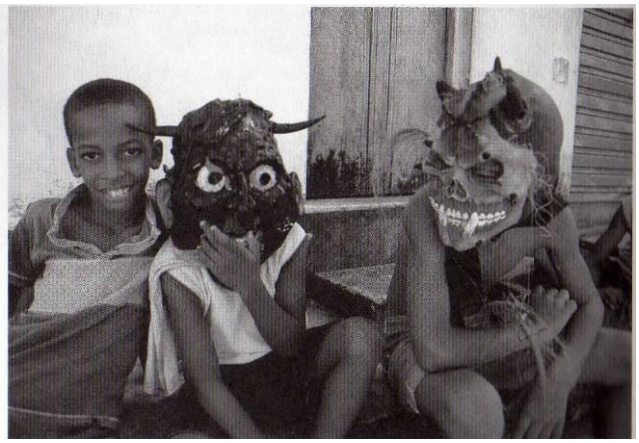


Foto nº 7: Foto de Francisco Moreira da Costa e Marisa Vianna, Caretas de Saubara – 2005.

Toda comunidade que conviveu com a escravidão tem na sua força sociocultural as representações conseqüentes dos embates ocorridos do seu seguimento histórico, um exemplo é a manifestação “caretas do mingau”. Barros confirma que as caretas mingau é conseqüência da luta pela independência da Bahia, na cidade. Representam as mulheres dos homens que levavam alimentos para os homens que estavam em combate na ponta de Saubara.. Vestidas com roupas esquisitas, esfarrapadas. encaretadas com máscaras horríveis, com panelas contendo alimento nas cabeças formavam um grupo de samba à noite e percorriam as ruas de Saubara, dizendo: Olha o mingau!... Olha o mingau! Olha o mingau!... “Desta forma despistavam os inimigos portugueses e iam até a gruta levar comida para os maridos”, os quais se escondiam para combater o inimigo português por terra. Barros (2006, p. 148). A memória coletiva a respeito dessas mulheres emerge todo os anos no mês de julho. A atuação delas nos embates pela independência da Bahia foi de suma importância. Louvem-se o companheirismo e a coragem que elas tiveram. Infelizmente não se tem registros de quem foram essas mulheres.

2.5.4. O nego fugido

Barros (2006) relata que segundo os mais velhos da região a dramatização do Negro Fugido veio do Acupe, que é distrito de Santo Amaro, porque lá existiram vários engenhos de açúcar. O Nego fugido era um escravo fugitivo devido aos maus tratos que recebia. Em Saubara o Negro Fugido era encenado pelos falecidos Manoel Flordolino, conhecido como Eurico, Gunhum, Antonio Firmino, Pedro Zetrado e outros. Era apresentado pelas ruas como se estivessem em uma mata. A família que desejava a apresentação em frente à sua casa, colocava um arco da planta “corana” em sua porta e contribuía com uma quantia irrisória, quanto pudesse dar. (2006, p. 101/102)

A pesquisadora Ana Maria de Aragão Ramos, na sua dissertação Negro Fugido, Representação da Liberdade Escrava no recôncavo Baiano, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História faz uma análise sobre essa dramatização:

Relacionando a representação do nego fugido, ao seu papel de memória da escravidão, a forma como o cenário do batuque aparece reconstituído, na fala de “seu” Esmeraldo, também possibilita aproximar esse discurso popular da forma em que outras fontes relatam os assaltos

dos capitães-do-mato aos quilombos e batuques, como também dos policiais aos no começo do século (RAMOS, 1996, p.57)

A autora cita Frey, Peter, Carrara Sérgio, Martins Costa e Ana Luiz in Reis João José (org.), p.p. 232-263 na discussão sobre o carnaval da Velha república em Salvador que evidenciam as medidas que a então recente República Brasileira recorre para excluir as manifestações fora do que o Estado Brasileiro admitia como civilizado. Ela afirma que nesse cenário as autoridades baianas reiniciaram os ataques contra os "costumes africanos como os batuques", tão peculiares ao período da instituição escravista. As manifestações de rua foram os alvos prediletos e o carnaval foi o eixo central". (ibdem, 1996, p. 57).

Ramos argumenta que o que está inserido "na dramatização do nego-fugido é a representação da memória coletiva sobre o papel dessas personagens no processo de passagem do cativeiro à liberdade" e citando Le Goff, História e Memória, p. 20, que cita Pierre Nora definindo memória coletiva como aquilo "que fica do passado dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado". (1996, p. 53).

2.5.5. – A Barquinha de Bom Jesus

. É um grupo de samba cujo principal personagem é uma moça que samba com uma barquinha na cabeça. Esse grupo acompanha a tradicional lavagem da igreja de Bom Jesus dos Pobres, no mês de janeiro.

2.5.6. Os ternos de reis

Segundo minha prima Florinéia, que por sua vez ouviu de tia Aurelina, que faleceu em 1984 aos noventa anos, na década de dez e de vinte existiam em Saubara os ternos: Bonina, Concha de Ouro, Rosa Amélia, Terno das Rosas, Terno das Violetas e os abaixo relacionados que também destacavam-se pela organização e bom gosto nas suas indumentárias.

Terno Estefanote - Tia Aurelina da Silva participou do mesmo quando ainda não tinha completado dezessete anos, em 1910 ou 1911. Nesta ocasião, o terno saiu a pedido do seu organizador que estava muito doente e queria vê-lo na rua. Conforme a depoente esse terno só foi às ruas uma vez e sua mãe Maria Francisca ainda era viva.

Terno Estrela do Oriente – era do centro de Saubara e organizado por D. Arlinda Borges dos Reis e seu pai Chico Borges (Francisco Borges dos Reis), pai do médico da cidade, Dr. Nezito, cuja viúva D. Leninha afirmou que este terno apresentou-se em Santo Amaro em março de 1925. Outra tia minha, Estelina dos Santos participou do mesmo, mais ou menos com a idade de 17 a 18 anos entre 1924 a 1925.

Terno Sol da Palestina - organizado por Neco de Velho. Neste terno havia integrantes do centro e da periferia de Saubara. Chamava atenção por suas músicas muito animadas. Deste terno participou uma tia minha Maria Adelita Silva do Sacramento (Dedé) em 1929 aos dezoito anos. Tia Dedé era a mais alegre das minhas tias; quando a mesma era viva, todas as vezes que ia à Saubara, já com noventa e hum anos, ela ainda recordava-se das músicas do terno e a forma como tocava o pandeirinho. Neste auto ela integrava o grupo das ciganas.

O Terno da Espera da Rua do Taboão - Surge na década de 30 em 1931. Suas integrantes eram predominantemente negras. Havia apenas duas integrantes brancas. Segundo Barros, esse folguedo surgiu devido a uma brincadeira de rua, por iniciativa de D. Benedita Germana dos Santos, conhecida como Miúda e suas amigas. O nome do terno foi dado por ela devido a mesma gostar da flor espera. Procurou ajuda com os Srs. Antonio Damásio Tosta (Mosquito), músico, que morava na ladeira da Matriz, Justino Barros que era comerciante da rua do Taboão e outras pessoas idosas da época. A pesquisadora também confirma a estrutura do terno: porta-estandarte, a flor espera, duas guardas de honra da porta-estandarte, quatro ciganas e as pastoras. Dona Bago e D. Mariinha, que respectivamente representavam os papéis de porta-estandarte e da flor espera eram irmãs do Sr. Mosquito que tinha a pele clara. Isto confirma o que tia Aurelina passou para a minha prima Florinéia, que neste terno havia apenas duas brancas, que decerto eram as irmãs do Sr. Mosquito e, como era costume nesses autos, às pessoas claras eram atribuídos os papéis de destaque como o de porta-estandarte, o da flor que representa o terno e o das ciganas. Talvez, por não poder contar com mais meninas claras, D. Miúda colocou como ciganas apenas quatro negras ou mestiças: Milu, Rosália, Quena e Adélia e como pastoras Nina, Chichi, Rosa, Salete, Bichinha, Sabina, Totonha, Amélia, Natália, Marieta de Senhoria, Marieta de Tuninho Sarico e tantas outras. Conversando com a pesquisadora que é filha e reside em Saubara, ela confirma que os descendentes das integrantes desse terno são negros. Ressalta também que D. Nina, (Emília Áurea Barbosa), a mais jovem integrante do grupo, que até hoje mora na ladeira da Igreja, tinha apenas 14 anos quando participou desse terno, em 1931. Ela fez no dia 03 de outubro do

corrente, 90 anos. Sendo assim, lamentavelmente, o terno saiu pela primeira e única vez nas ruas de Saubara em 1931. Vale lembrar que D. Nina é mãe da atual organizadora do Reisado de Natal juntamente com o seu marido, "seu" Pedro, Cleonice Barbosa, mais conhecida como Quequéu. O reisado foi reativado desde 2005, ficando evidenciado que herdou de sua mãe o espírito alegre e de liderança.

- Terno da Bailarina organizado por D. Malú, irmã do finado Noca.

Foto nº 8 de Jônatas Conceição da Silva. O Terno da Bailarina - 1983

Segundo a Sra. Ieda Mendes da Silva, saiu na década de 20. Voltou a ser reorganizado em 1954, mas saiu apenas uma vez.

D. Ieda Mendes da Silva filha dos Srs. João Mendes da Silva (1899-1985) e Lidia Mendes da Silva (1899-1985), nasceu em 18 de junho de 1938. Aos dezesseis anos em 1954 resolveu fazer uma homenagem a D. Malu. O que a incentivou a reorganizar o terno foi o fato de sua amiga D. Salete ter revivido o Terno da Espera um ano antes, em 1953. Quem saiu de porta-estandarte do Terno da Bailarina em 1954 foi D. Julieta, que mais tarde casara-se com Antonio Arlindo de Souza, conhecido por Carocha. As ciganas foram: Célia, Maria de Naná, Dabinha, Ana de Moreno e Edí. Quem ensinou-lhe as músicas do terno foi a finada Narinha, que participou do terno na década de 20. Os músicos que acompanharam o terno foram: no contrabaixo, João Marinho (contrabaixo), João de Dudu, Eurico Mendes("Seu" Velho) no clarinete, Domingos Mendes no pistom, Francisco Martins da Rocha (Miúdo) pai de Suçuca, no bombardino, morava no Beco do Dendê. A menina que representava a estrela morava em Salvador. Seu pai morava em Mundo novo e era motorista da empresa de ônibus Camurujipe, que por muito tempo serviu a Saubara. A bailarina foi Joana filha de "seu" Geraldo Pereira do Nascimento,

Segue abaixo duas das lindas músicas que foram entoadas por esse terno:

Ao raiar da estrelas

Ao raiar da estrela

Que a Belém conduz

Vamos pastoras adorar Jesus

Que nasceu por Deus
Vamos adorar
Ao Deus Menino
Para nos salvar

Marchamos pastoras (bis)
Unidas à Belém
Adorar ao Deus Menino
Que nasceu para o nosso bem

Vamos pastoras
Vamos pastoras à lapinha ver Jesus
Vamos contentes adorar-lo com prazer
Vamos contentes com Jesus
em nossa frente
Vamos contentes nossas preces oferecer
Somos do terno da bailarina
Que a Jesus veio adorar
Com todo contentamento
As nossas preces ofertar

2.5.7. Os bailes pastoris

Apesar de afirmarem que os bailes pastoris em Saubara começou com o Sr. Francisco Borges dos Reis, conhecido como Chico Borges, tia Aurelina dizia que antes dessa fase, já existiam bailes pastoris em Saubara. O mesmo nasceu em 28-02-1880 e faleceu aos 79 anos em 03-12-1959. Era casado com D. Preciliana da Luz Barreto Mais ou menos em 1915 ele começou as apresentações dos seus bailes pastoris. Segundo a Sra. Leninha, viúva do seu filho Francino, conhecido por Nezito, ele iniciou os bailes pastoris em Saubara mais ou menos em meados da primeira ou segunda década do século XX, no que teve como braço direito a sua filha D. Arlinda que sempre lhe deu muito apoio.

Foto nº 9 acervo da família Borges Reis. Dona Arlinda Borges Reis com Silvana sua sobrinha – 1953 a 1956

Os bailes pastoris revelaram a tendência para a dramaturgia do povo saubarense. Nas suas apresentações, que ocorriam sempre próximo ao Natal, o largo da Rocinha, talvez se não fosse tão amplo, não comportaria a enorme platéia que o vinha assistir. Vinham pessoas de Santo Amaro, Itapema, Acupe, Cabuçu e Bom Jesus dos Pobres para assistir aos espetáculos. Todos vinham assistir aos bailes pastoris trazendo seus bancos e cadeiras para sentarem-se, pois as apresentações eram ao ar livre. D. Catita de Idália (Catarina Mendes de Oliveira), nascida em 10-03-1930, participou dos bailes pastoris aos 20 anos. Ela recorda-se também que sua amiga Delina também participou dos bailes. “Seu” Chico Borges também contava com a ajuda de “seu” Geraldo Pereira do Nascimento que criou uma associação para implantar o curso ginasial em Saubara e de sua esposa D. Iraci.

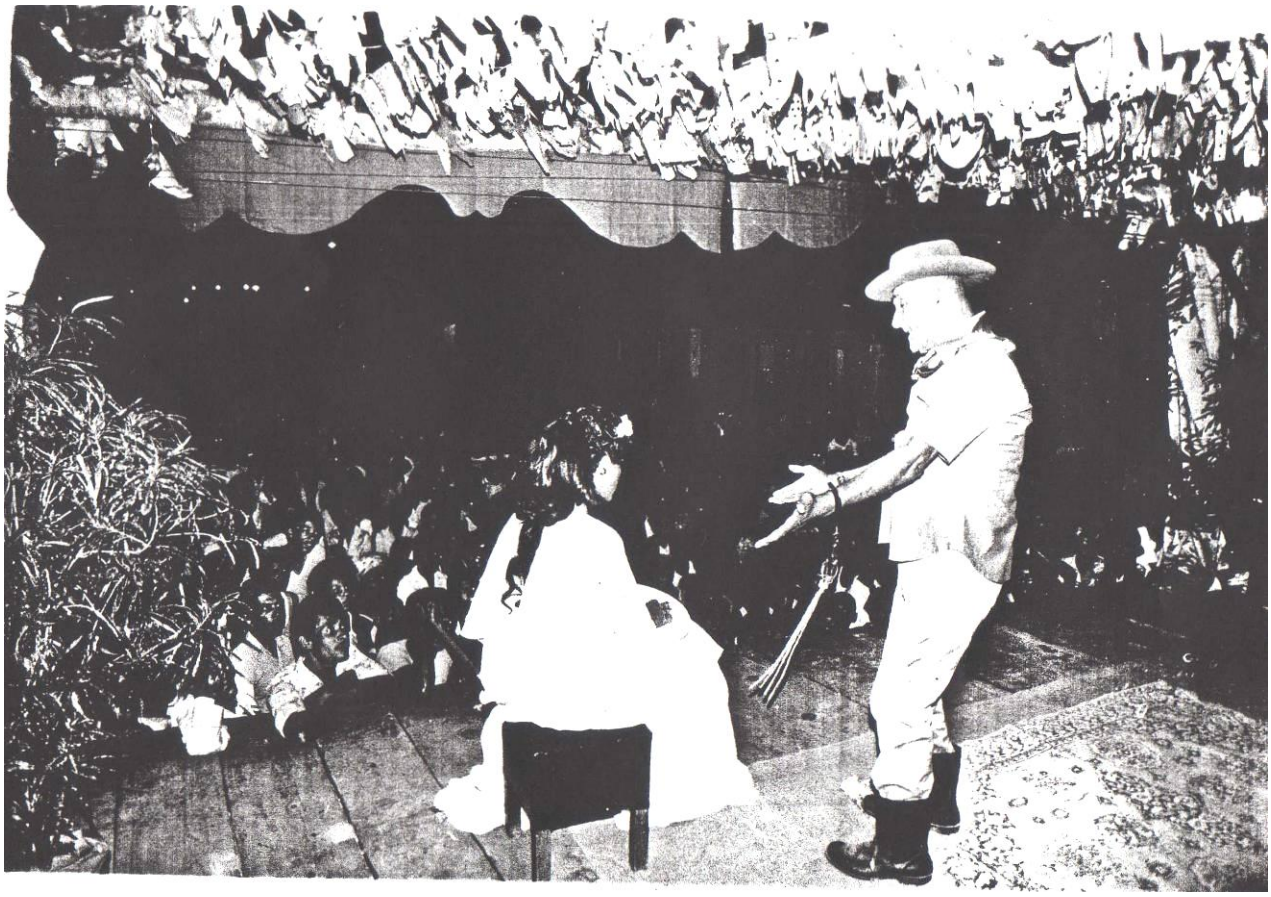


Foto nº 10 acervo da família Borges Reis. Dgezir e Enéas - 1953 a 1956

D.Catarina Mendes de Oliveira (Catita) informou-me que os baile pastoris são encenações teatrais que representam as peças: "Os Cinco Continentes do Mundo", "baile das Quatro Estações", "baile da Gruta de Lourdes", "baile da Escrava Isaura", "baile do Rei Herodes" e "baile das Rosas". Segundo a Sra. Florinéia o músico Antonio Damásio Tosta, conhecido como Mosquito representava Singo, o escravo de confiança no baile do Rei Herodes e também o feitor no baile da escrava Isaura. Segundo a mesma, a última apresentação do baile pastoril com "seu" Chico Borges em vida, foi a seu pedido em 1955. O mesmo estava muito doente e queria ver a apresentação do baile antes de falecer, o que veio a acontecer em 1959. Ele já estava com 76 anos e não agüentava mais administrar os ensaios do baile, mas a sua filha D. Arlinda vinha todas as sextas-feiras de Salvador, de barco, a fim de organizar os ensaios, satisfazendo assim ao desejo de seu pai. Houve uma fase de paralisação das apresentações, mas vinte e cinco anos depois, em dezembro de 1981, D. Arlinda volta a apresentar o baile pastoril na Rocinha. Permaneceu nessa apresentação o brilho que sempre teve, dessa vez, com jovens de uma geração que herdara dos seus ancestrais a tendência para

o teatro, satisfazendo assim ao desejo de todos que ainda o tinham gravado na lembrança e para aqueles, como eu, que antes nunca o havia assistido.

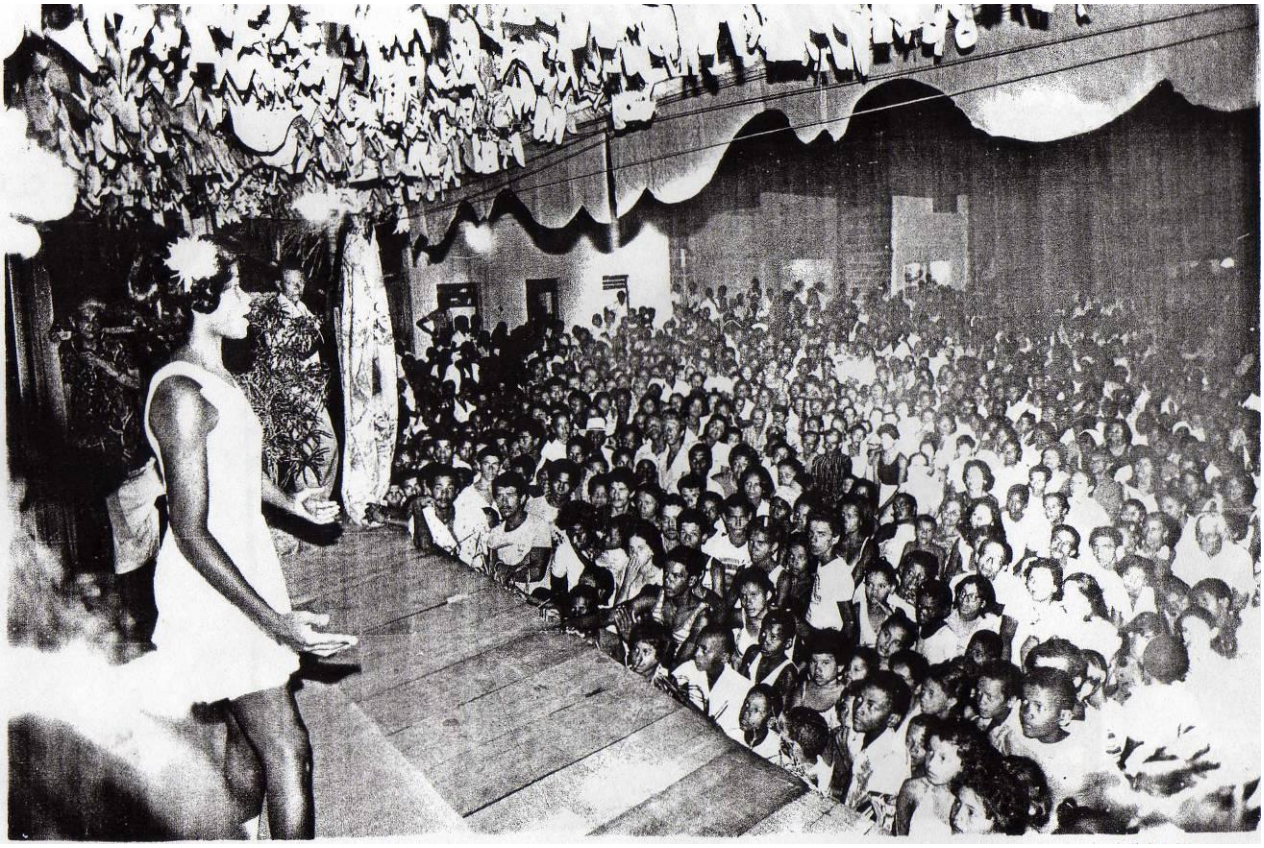


Foto nº 11 acervo da família Borges Reis,a cantora é Rose Meire Sueira – 1953 a 1956

Nesta oportunidade participaram dos bailes, Rita, filha de D. Almerice e "Seu" Duardinho, Rose Meire Sueira, Dgezir Siqueira Brito que foi a escrava Isaura, Antonio Damásio Tosta, que foi o feitor no baile da escrava Isaura. No baile do rei Herodes participaram Luis de Lima Brito, como Herodes, Valdelina Siqueira Santos, filha de Isac como a estrela, Antonio Damásio Tosta, como o escravo Singo e Enéas Silva Requião como Vinicius.

Segue abaixo um trecho do baile da escrava Isaura, cedido pela Sra. Florinéia Souza Ribeiro:

Feitor dirigindo-se à escrava Isaura: toca a sineta para o almoço!
Isaura - é muito grande a tarefa. Fazer todo este tecido marcou-me a senhora Josefa.
Feitor - não é para mãos tão mimosas, este trabalho grosseiro. Se tu quizeres serias bem feliz no cativeiro.
Isaura: como?

Feitor - ao meu amor ardente correspondido querida! Sou feitor e tudo daria para te ver feliz na vida.

Isaura - nunca! Prefiro a morte, que a vida por tal preço.

Feitor - para que tantos rigores! Seu desprezo não mereço.

Entra Leôncio (o senhor), dirige-se ao feitor e diz – Retira-te!

Feitor – maldito!

Depois desta apresentação só em dezembro de 2006, Catita (Catarina Mendes de Oliveira), juntamente com o professor Nilo Trindade, tenta reestrutar o baile pastoril, porém de uma maneira bem mais simples. Esse professor é de Salvador e foi contratado pela Prefeitura de Saubara, para desenvolver um trabalho social com as pessoas da terceira idade da comunidade. Espero que haja incentivo para continuidade deste auto.

2.5.8. Reisado de Natal

Foto n° 12 Jônatas Conceição da Silva - Reisado de Natal – 2006 (em destaque Prof. Betinho d'Saubara

O reisado de Natal de Saubara, após muitos anos sem sair às ruas, para alegria da comunidade volta a apresentar-se em 2004. Organizado pelo Sr. Pedro de Quequéu, e sua esposa, D. Cleonice Barbosa, mais conhecida como Quequéu. Segundo "seu" Pedro esse reisado foi trazido de Cachoeira, por sua irmã Justina de Jesus, que por sua vez herdou essa tradição de seus pais Helena de Jesus e Gregório Pereira dos Santos, que respectivamente faleceram em 1971 e 2001. O seu pai fazia o reisado em Campinas, distrito de Santiago do Iguape em Cachoeira antes de 1943. Seu Gregório, que também herdara a tradição de seu pai "seu"

Tranquilino era fazedor de balaio e sua esposa fazia arupema.[7] Tinham o hábito de trabalhar cantando.

2.5.9. A Filarmônica São Domingos

Foto n° 13 Acervo da Filarmônica São Domingos de Gusmão – 1916 a 1926

A pesquisadora Renata Trindade Rocha em seu trabalho Breve história de dez municípios do interior da Bahia e suas bandas contemplados pelo Projeto Domingueiras (2005), relata que a Sociedade Filarmônica São Domingos, nasceu pelo menos por duas vezes. Com o objetivo de incentivar entre os jovens a arte musical no município, a filarmônica foi fundada em 1916 como Sociedade Philarmônica Recreio São Domingos. Após 26 anos inativa ela ressurge em 1974 com a execução de um projeto mais moderno como banda de música e escola profissionalizante. Um dos seus mantenedores foi o fazendeiro, comerciante e político Ananias de Moura Requião, Presidente de Honra da Philarmônica São Domingos. Ele doou

[7] Espécie de peneira feita de palha de ouricuri.

os instrumentos, fardamento e uma casa onde passou a ser a sede da banda após sofrer uma reforma.

Segundo Rocha no livro de atas da Filarmônica São Domingos, consta que no dia l2/08/39 foi realizada uma Assembléia Geral, ocorrida na sede do Grupo Recreio são Domingos, com o objetivo de reorganizar e formar a sua nova diretoria. Fizeram-se presentes na reunião os Srs. Ananias de Moura Requião, Donatillo Abdon de Farias, Raphael Lima Ariany, Antonio Oruabo dos Reis, Francisco Martins Rocha, Antonio Damázio Tosta, Mário de Moura Requião, Domingos Passos, Antonio Borges de Brito, Chrispiniano Gomes Sueira, João Marinho dos Santos, Claudionor José dos Reis, Jorge Borges dos Santos, Nemézio Tubias de Sant'Anna, Antonio Alonso Rocha, Moysés Rocha, Mamede Barboza e Manoel Satyro dos Santos.

Dois anos depois, em 26/01/1941, numa sessão presidida pelo Presidente Ananias de Moura Requião o membro do Conselho Diretório Raphael Ariany considerou indispensável que cada músico contribuísse com uma quantia de 55$000 réis, para ajudar as despesas com fardamento, o que foi combinado e aceito por todos. "Estes dois registros demonstram as dificuldades pelas quais a Filarmônica de Saubara vem passando desde a sua fundação". (RAMOS, 2005, p.170).

A autora afirma que entre os anos de 1948 e 1974, a sociedade ficou inativa ficando então, as tocatas da cidade por conta de dois conjuntos, o de Joãozito Brito e o de Alfredo. É provável que esses conjuntos foram formados por ex-músicos da Filarmônica extinta. "Os conjuntos faziam o papel de banda nos eventos da cidade". Apesar de tudo, no desfile pela Independência da Bahia, no Dois de Julho, os músicos tinham de ser "convocados" para tocarem gratuitamente.

Benedito José Araújo citado por Ramos relata: "Os músicos aqui conservam os instrumentos em suas respectivas casas. Aí eu saía catando os antigos componentes. (...) Com muito esforço nós conseguíamos dez músicos para sair acompanhando a cabocla.". (2005, p. 170)

Rocha relata que no ano de 1974 um grupo de admiradores da Filarmônica São Domingos formado por Joãozito de Lima Brito, Geraldo Pereira do Nascimento, Benedito José Araújo, Raimundo Moreira da Silva, Pedro Dionísio de Jesus, Domingos Mendes da Silva, dentre

outros, resolveu reativar a sociedade. A idéia era reformular a estrutura da banda, além de criar um quadro de sócios que contribuíssem para a sua manutenção. O primeiro presidente indicado por Ananias Requião foi Joãozito de L. Brito. A filarmônica possuía no início apenas 13 componentes, mas recebia o apoio dos músicos mais antigos e contava com a participação de membros da banda do corpo de Bombeiros durante as tocatas e aulas da escola de música. Também foi formada uma ala feminina que trabalhou organizando eventos para angariar fundos para a associação. O primeiro maestro da São Domingos foi Martins Francisco da Rocha, conhecido como Miúdo seguido por Valdomiro Ferreira da Costa. Este ao se afastar deixou como substituto o maestro Domingos Mendes da Silva que já se empenhava como contramestre da banda desde 1975. Hoje em dia o Sr. Domingos ainda atua como regente, mas devido à idade avançada, não tem conseguido acompanhar a banda, trabalho que vem sendo feito com esmero por Roque Antonio de Jesus.

A autora afirma que para a entidade ser aceita como órgão de utilidade pública municipal, estadual e federal foi exigida a retirada do termo "recreio" de seu nome, já que se tratava de uma instituição filantrópica. A associação musical passou, então, a ser designada como Sociedade Filarmônica São Domingos, que no projeto constava como Escola de Música São Domingos. Um ano após a reativação em 1975, Pedro Dionísio de Jesus foi eleito presidente, permanecendo no cargo por dez anos.

A filarmônica hoje

Depoimento do atual Presidente da filarmônica, Clóvis Souza da Silva, à pesquisadora Rocha: "Todas as corporações da Bahia tem músicos de Saubara. O que falta aqui na cidade é investimento para que esta obra social se expanda mais e mais ".

2.6. OS TIPOS POPULARES

Os tipos populares em Saubara são muitos. Lá é muito comum designarem as pessoas por apelidos. Tem pessoas que se forem procuradas pelo nome próprio, não são identificadas. O interessante é que sempre se ligam o nome próprio ao nome paterno ou materno da pessoa. Na relação dos jogadores do Náutico abaixo observa-se: Zé de Firmo, Betinho de Adalice, Mundinho de Bispo, Roque de Firmo. Na época das eleições, nota-se também este fato nos nomes dos candidatos A preocupação dos nativos pode ser apenas de fazer-se uma referência melhor à pessoa, mas o que vejo é também uma expressão carinhosa.

Observamos isso na lista de alguns integrantes do Esporte Clube Ibérico, fundado antes de 1932, o qual o Sr. Domingos Mendes da Silva, ex-integrante da Chegança dos Mouros, conseguiu lembrar em 15 de novembro de 2006. Ao acabar de mencionar os jogadores abaixo o Sr. Domingos disse: quando terminou o Ibérico veio o Náutico com Duduca, Roque e os filhos de Firmo. Os jogadores eram:

Aloísio
Bunhum (Antonio Rodrigo Santos participante do Nego-Fugido)
Cabalero (goleiro e general na chegança dos mouros)
Carocha (Antonio Arlindo de Souza, o apelido é porque era contador de estórias)
Joãozinho Mereíte (Mercês)
Pequeno Ágil
Passinho (coordenador da chegança)
Santinho

Conforme depoimento da Sra. Florinéia, durante um jogo do Ibérico com um time de outra cidade a torcida saubarense gritava: “o melro engole a tainha”. Tainha era o goleiro do time contra o qual o Ibérico de Saubara jogava.

Os relatos de Roque Damião Souza e Edmundo Passos de Jesus, atual capitão da chegança, em 16 de novembro de 2006, revelam os nomes dos integrantes do Esporte Clube Náutico de Saubara que jogou contra o Bahia no dia da festa de São domingos, em 4 de agosto de 1962.

nº 1 goleiro – Ermírio pé de Foice
nº 2 lateral direita – Huguinho

nº 3 Mundinho Balsa - falecido

nº 4 Aguinaldo - falecido

nº 5 Davi

nº 6 Louro

nº 7 Catarino (Catito) – falecido

nº 8 Zé de Firmo – falecido

nº 9 Bequinho de Adalice

nº 10 Memézio, que teve sua participação calorosamente aplaudida porque dera o gool de cabeça

nº 11 Canhoteiro de Saubara

nº 12 Neinho (reserva)

nº 13 Mundinho de Bispo (reserva)

Lnº 14 Roque de Firmo (goleiro de reserva)

2.6.1. Atores que fizeram a história cultural de Saubara

Judite Barros com a sua perseverança, que deu uma grande contribuição à Saubara com a sua pesquisa, nos mostra vultos marcantes de Saubara que não podem ficar fora da história da cidade, tais como:

CHICO BORGES

Francisco Borges dos Reis conhecido como Chico Borges nasceu em 28-02-1880 e faleceu aos 79 anos em 03-12-1959. Era filho do casal Francino Borges dos Reis e D. Joselina Bezerra dos Reis. Foi casado com D. Preciliana da Luz Barreto, conhecida como Senhora, nascida a 04-01-1883 e falecida a 04-4-1973, com quem teve um filho Francino Borges dos Reis (1920-1992). De outro relacionamento teve os filhos: Arlinda Borges dos Reis(1894-1996), Abel Mendes da Silva (1908-1990), Celina Santos e Domingos Mendes da Silva (1916), que reside em Goiás. Segundo a Sra. Joselina (Leninha), viúva do seu filho Francino, conhecido por Nezito, iniciou os bailes pastoris em Saubara mais ou menos em meados da primeira ou segunda década do século XX, no que teve como braço direito a sua filha D. Arlinda que sempre lhe deu muito apoio. Segundo depoimento do Sr. Domingos Mendes da Silva Chico Borges todos os anos acompanhava o cortejo do Dois de Julho tocando sanfona, acompanhado de “seu” João Popô e “seu” Joaquim Lelis (Quinquim) que tocavam violão.

Todos usavam chapéu amarelo e verde. O amarelo era a cor era da própria palha. Cantavam várias músicas

Chico Borges também foi proprietário do primeiro açougue ao ar livre de Saubara. O açougue era instalado embaixo de uma velha amendoeira, onde o mesmo colocava um tronco bem largo para cortar a carne e pendurava o mesmo ao tronco da amendoeira.

Maria Domitilha da Paixão – O Sr. Domingos Mendes da Silva informou que todos os anos, na festa ao Dois de Julho, D. Domitilha juntamente com o Sr. Cândido Mendes da Silva, pai do mesmo, amarravam uma corda à cintura e saiam puxando o carro da cabocla à frente do cortejo.

Segundo depoimento do seu neto Chico Bagre à Barros, D. Domitilha nasceu e se criou na Ponta da Saubara. Filha de Maria Thetúrcia e José Tertuliano (apelidado Teco), iniciou os festejos ao dia Dois de Julho em Saubara, na rua do Fogo, atual rua da Independência, quando na então vila não existia sequer escolas.

Casou-se com Juliano da Paixão com quem teve três filhos: João Renato, João Flávio e Hermes Silva da Paixão. Tinha bom relacionamento com políticos de Santo Amaro. Às vezes convidava pessoas de Santo amaro para fazerem serestas em sua casa. Tocava violão, instrumento que ensinou aos seus filhos a tocarem. É sua a frase que a mesma repetia no decorrer do desfile ao Dois de Julho e que até os dias atuais os saubarenses lembram: se o Dois de Julho acabar, o que será de nós? Morou na rua do Dendê e na rua do Genipapeiro, onde faleceu em 1932 ou 1933 com mais de 90 anos.

Maria Thetúrcia e José Tertuliano (Teco) – pais de Maria Domitilha da Paixão foram morar em um povoado bem distante do povoado de Saubara, onde encontrou em abundância pés de uma palmeira que dá palha mirim, cuja utilidade é cobrir casas feitas de taipa . Então eles deram o nome ao local de Saubara Mirim.

Chico Bagre (Humberto Francisco da Paixão) – nasceu em 09 de março de 1915, atualmente com 92 anos; neto de Maria Domitilha e Juliano da Paixão. Filho de João Reinaldo da Paixão (Nego Saubara) e Ernestina de Santana. Chico Bagre em 48 anos trabalhou em todos os viveiros e em todas as salinas que existiram em Saubara e nas localidades vizinhas. Declarou

que, devido a longa experiência na área, sabe colher o sal grosso e fino no processo artesanal. Conforme próprio relato, eis a causa do seu apelido: após uma partida de futebol do Esporte Clube Ibérico, estando toda a turma da bola bebendo o mesmo falou para um dos componentes: você tem cara de guariba (vara comprida), ao que o mesmo retrucou: e você tem cara de bagre e aí o apelido pegou. Chico Bagre fez a seguinte observação: foi até bom, porque em Saubara tem muitos Franciscos. O depoente também afirmou que teve quatro esposas: Carmelita dos Santos (nasceu na Ladeira da Igreja) com quem teve um filho, Antonio Humberto da Paixão; Venina (nasceu na Malhada) com quem teve duas filhas Zeni e outra que morreu com poucos meses de nascida; Maria da Glória (Goya) e a atual Eunice Rodrigues Macedo.

Nego Saubara (João Reinaldo da Paixão) – filho de Maria Domitilha e Juliano da Paixão. Pai de Chico Bagre. Era carpinteiro e trabalhava no Porto de Saubara, fazendo barcos e tomando conta de vários outros. Trouxe no barco de José Antonio o primeiro veículo motorizado de Saubara, a marinete de João Murrada em 1930.

Chiquinho – era primo de D. Domitilha; foi o primeiro morador da Caeira (área localizada entre a Ponta da Saubara e as terras de Cabuçu; tem este nome porque foi construída uma casa lá para se fazer cal, porém esse produto nunca foi fabricado no local). Morava lá sozinho, onde morreu.

D. Maria da Conceição Ferreira (Mariquinha Bandurra) - parteira. Conhecida como Mariquinha Bandurra, porque seu esposo tocava um instrumento denominado bandurra. A sua neta Maria Domingas Ferreira, cujo progenitor é João, filho da mesma, não soube explicar se bandurra é instrumento de corda ou de percussão. D. Mariquinha foi casada com José Ferreira, com quem teve os filhos: Julieta Couto, João Batista Ferreira, Oscar Ferreira, Zozinho. Foi uma das melhores parteiras de Saubara Maria Domingas, explicou que a mesma já teve dois livros de assentamento de partos e um sobre medicina e parto. Este último uma de suas filhas colocou dentro do caixão quando a mesma faleceu. No seu único livro de assentamento de nascimentos, que escapou do mofo, está tudo organizado com a sua própria letra. e consta que o seu 1° parto ocorreu em 18/12/1901, foi de um menino filho de Rosa Padeiro, continuando a mesma a fazer partos em Saubara até 03 de março de 1903.

“Consta essa nota do seu punho em seu caderno de assentamentos de partos:” Este foi os primeiros que eu fiz. Segui para Cidade de Andaraí e voltei no ano de 1927. Lá eu fiz 68 (sessenta e oito) partos com o meu médico Dr. Maciel de Barros”. Segundo seus assentamentos os últimos partos feitos por ela em Andaraí foram em 1955 (42 partos).

Conforme sua neta, Maria Domingas, vinham buscá-la a cavalo para fazer os partos o que ela fazia em toda a redondeza. Ia até Bom Jesus dos Pobres. Fazia um purgante para as suas parturientes de: óleo de rícino, misturado com as folhas crista de galo, poejo, arruda, fedegoso, alfazema, losna palha de alho, cebola branca, raiz de fedegoso e mel de abelha.

Outra neta de D. Mariquinha, a Sra. Isaura Ferreira de Souza, que fará 80 anos no dia 09 de novembro do corrente é filha do Sr. Oscar (falecido), um dos filhos da parteira. A mesma declarou que aprendeu a fazer partos com a sua avó e que a mesma nunca cobrou pelos partos que fazia. Recebia pelos seus serviços presentes como prato de peixe. Declarou também que ela realizou muitos partos difíceis, a exemplo do parto da esposa do maestro Rafael que teve dois gêmeos, os quais estavam atravessados no útero e que a mesma faleceu entre 1947 e 1951.

Pelo seu livro de assentamento fez mais de 1020, sendo os últimos em 1954.

Eugênia Passos Xavier Barbosa - segundo informação do seu filho Raimundo Nonato Xavier Barbosa, conhecido em Saubara como “Mentira fresca”, residente à rua Ananias Requião nº 4, a mesma era parteira e fez o parto de hum mil e seiscentas crianças em Saubara.

Foto n° 14. D.Eugênia Passos Xavier Barbosa (sem data)

Chiquinho de Isidoro, Júlio de Félix, Massu – proprietários de casas de farinha.

Chegada (Romualdo Christóvam do Sacramento) – teve esse apelido porque no dia em que ele nasceu, 11 de abril de 1888, chegou no porto de Saubara os padres, que tinham como

objetivo realizar uma missão religiosa na cidade. Foi escrivão por muitos anos no Cartório Civil, passando o cargo ao seu filho Isael Christovam do Sacramento. Faleceu em 11 de maio de 1972.

Isael Christóvam do Sacramento, nascido em janeiro de 1915, filho de Romualdo Christovam do Sacramento e Amélia Emericiana do Sacramento. Casou-se em 06-01-1957 com Herondina Maria Rocha do Sacramento. Assumiu o cargo de escrivão, substituindo o seu pai no cartório aos vinte anos

D. Caladinha – esposa de Manoel Flordolino conhecido como Eurico, que foi o general na Chegança dos Mouros por muito tempo, participou do nego-fugido e fazia o papel principal na dramatização o "Zé-do-Vale".

Firme, Antonio Grigo - proprietários do primeiro viveiro de Saubara, denominado Viveiro da lama preta.

João Murrada – proprietário do primeiro veículo motorizado a percorrer as ruas de Saubara em 1930.
Mô – comprava capim para fabricar colchões e exportar para cidades vizinhas.

Betume (Camilinho) – comprador de piaçava.

Tuim (Antonio Maximiano Ferreira) um dos primeiros compradores e exportador de piaçava em Saubara.

Quarta e Meia – as pessoas passaram a chamar o antigo Porto da Lenha de Porto Quarta e Meia, devido ao mesmo trabalhar por muito tempo nesse local. Desse porto exportava-se lenha para outras cidades, inclusive, segundo a Sra. Florinéia Ribeiro, para a Usina Dom João em Madre de Deus.
João de Oto, D'Ouro, Sapatão - proprietários do porto de onde partem e chegam as redes de pesca.
João do Apicum – trabalhador do Viveiro Porto da Lenha. Responsável pelo carregamento da lenha (arrumava-as em carros) que eram levadas ao porto para serem exportadas em lanchas.

“Seu” João exportava lenha para a Usina Dom João em Santo Amaro e para outras localidades.

Pintinha – proprietária da Fazenda Apicum.

Alcides Fiais, Eduardo de Pedrinho, Pedro do Mocó e Zeca Consumido – primeiros comerciantes de mocó. Viajavam de barco para vender mocós em Salvador.

Tintino – proprietário do primeiro barco de Saubara, o “Espancador”.

Donato (Donatilho Abdom de Farias) – foi a primeira pessoa dedicada ao fabrico de vinagre em Saubara. Construiu o coreto que existiu na Praça Quatro de Agosto no Centro da cidade. Foi carpinteiro, pedreiro, mestre de obras e delegado de Saubara. Em época de festa do padroeiro, preparava a luz de carboreto, que chegou à cidade depois da luz de candeeiro.

Memeu – filho de Donato, muito conhecido mestre de obras.

Nazite – liderou a primeira greve de ônibus de Saubara

Nego Limpo – Tecia e fazia cordas de palha

Totonho Cerrado (Antonio Cazuza Cerrado) – foi o primeiro delegado de Saubara.

Biza (Antonio Xavier dos Santos), Pedro Soldado, Mingo da Padaria, Quena – primeiros proprietários de aparelhos televisores de Saubara.

Domingos Tambor – artista plástico, segundo seu sobrinho, Cezar Sueiro, era irmão de Domingas Souza (Iaiá). Morou no Rio de Janeiro por algum tempo, mas voltou a residir em Saubara onde faleceu.

Dodô, (Salvador Orualbo dos Reis), Caboclo (Antonio Orualbo dos Reis) – proprietários do imóvel onde colocava-se uma TV, cobrando da população um preço irrisório para assisti-la.

Doroga – (Manuel Juvenal Felix): nascimento 20-05-1910; falecido em 22 de setembro de 1993, aos 83 anos. Segundo Barros (2006), trabalhou na arte de fogueteiro, ofício que lhe custou a mão direita com uma bomba. Tinha 42 filhos com suas três companheiras, sendo uma delas, D. Roberta Ferreira da Silva, que faleceu em 11-08-97 aos 82 anos. Barros afirma que o mesmo declarou ter aprendido a ler sozinho. Tocava violão. Morava no Porto de Saubara, um lugar pacato, onde vive uma gente simples e humilde.

Agripino Gomes, Vavá de Algemiro – proprietários dos primeiros rádios de bateria da cidade.

João Catiara (João Crisóstomo da Cruz) – extraia os dentes, rasgava tumor e curava doenças venéreas da comunidade.

Gato Preto e Gato Manso, (Isaac de Quita e Messias)- eram estivadores, pessoas que trabalhavam nos barcos cobrando uma taxa aos comerciantes, uma espécie de imposto pela quantidade de mercadorias que levavam a bordo.

Otacílio Soares de Araújo - o ortopedista leigo. Encanava braços e pernas e toda a comunidade confiava em seus serviços como ortopedista.

Dudu, Mambiba e Zeca Bezerra – comerciantes conhecidos pelo modo de comercializarem.

Maninho (Ananias Requião) – a rua da Matriz foi primeira rua de Saubara a ser calçada sob sua responsabilidade. Doou o terreno para a construção da sede da Sociedade Filarmônica São Domingos.

Mundinho de Quita (Raimundo Almeida Tosta) e Celina de Clarindo – iniciaram a feira em Saubara, que durou apenas seis meses. Trabalhou na administração do prefeito Renato Augusto Pedreira Leoni.

Zé de Umbu (José Barros) – guardou a cabocla, símbolo do Dois de Julho, em sua residência há aproximadamente 30 anos. É pai da pesquisadora Judite Barros.

Zeca do Mocó – comprava muitos mocós de palha em mãos das senhoras mães de família.

Cancão de Fogo – era pescador, gostava muito de conversar, mas bebia muito e arrumava arruaças. Nasceu mais ou menos em 1872, pois foi contemporâneo e amigo de meu avô Ambrósio que nasceu neste ano. Foi convertido e ingressou na Igreja Batista.

3 ANTECEDENTES DA PESQUISA: UMA TRAJETÓRIA MEMORIALISTICA

Oneyda Alvarenga em sua obra Música Popular Brasileira, afirma que entre as nossas danças dramáticas realmente populares a Chegança de Marujos e a Chegança de Mouros são as únicas que se baseiam em tradições exclusivamente ibéricas (1950, p.59). A autora afirma que nos textos mais antigos das duas cheganças , que datam do fim do séc. XIX, o tema da primeira é uma narração de navegação, celebrando as aventuras marítimas de Portugal e a segunda tem como tema as lutas ibéricas entre cristãos e mulçumanos.

Manuel Querino afirma que a chegança é um a festa predileta dos pescadores da Bahia e de suas adjacências. Para o autor a chegança é uma recordação do tempo histórico, a catequese dos cristãos pela conversão dos mouros. A considera um auto patriótico-marítimo do ciclo das conquistas portuguesas. O autor afirma que apesar do tema da chegança ser português ela é uma criação brasileira. A chegança portuguesa se distancia completamente da brasileira, pois "aquela é uma dança lasciva como muito bem ressalta da crônica romanceada que lhe dedica Júlio Dantas, n'O Amor em Portugal no século XVIII, p. 179-188 (QUERINO, 1955, p. 63).

Antonio Osmar Gomes transcreve o significado da chegança do Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo, que registra o termo como: dança lasciva do século XVIII.

O autor afirma que a chegança trazida para o Brasil pelos colonizadores ibéricos, não veio com as características lascivas que as tornaram inconvenientes na península. "Foram transplantadas para cá e aqui permaneceram como cenas dramatizadas de episódios de navegação marítima dos tempos em que os lusitanos, senhores dos mares, (...) dominaram tantas outras terras e tantas outras gentes (...)" (1941, p. 2)

Para o autor a chegança, de acordo com os cortes que foi sofrendo, "de tradição em tradição, de região para região, diferenciando-se muitas vezes, na forma ou nos modos e dizeres de encenar esse ou aquele episódio, mas, no fundo apresentando o mesmo sentido de identidade tradicional e histórica" (GOMES, 1941, p. 18).

Altimar de A. Pimentel (2004) afirma em seu trabalho A Barca, o desconhecimento da existência atualmente, “na Península Ibérica de dança dramática com motivos das guerras contra os mouros ou das conquistas do ciclo das navegações, semelhante às encontradas no Brasil, como os temos hoje” e transcreve o registro de Henry Koster, em 1815.

> Fomos à praia do mar para assistir ao batismo do Rei dos Mouros. Nesse dia todas as jangadas e canoas foram requisitadas, e seus proprietários, assim como os moradores das redondezas, são divididos em dois grupos: Cristãos e Mouros. Um tablado fora construído sobre altas estacas, na linha da maré baixa, representando uma Fortaleza Moura, e a hora da festa fora calculada para quando a maré estivesse bem alta, no começo do folguedo, ficando o palco rodeado pela água. Na praia erguiam-se dois tronos, com seus baladaquinos, numa distância de trezentas jardas um do outro, e logo acima da pancada do mar. O Rei dos Cristãos ocupou um trono e o Rei dos Mouros o outro, ambos com bonitos vestidos e mantos. O ato começou pelo primeiro enviar ao último um dos seus oficiais a cavalo, exigindo que, sem demora recebesse o batismo, o que foi recusado. Vários outros correios passaram, para lá e para cá, todos montados e fantasticamente vestidos. A guerra estava declarada. Numerosas jangadas e canoas de cada facção movimentaram-se para a Fortaleza no meio d’água, mas umas para ataca-l e outras para defende-la. As pessoas que estavam na Fortaleza prepararam-se para a defesa. Houve muita descarga e por fim, com luta terrível de parte a parte, a Fortaleza foi tomada pelos Cristãos. Os barcos mouriscos que escaparam fizeram desembarque de sua tripulação, enquanto os adversários faziam o mesmo. Os dois exércitos se encontraram na praia e se bateram, de corpo a corpo, longamente, mas para terminar, o Rei dos Mouros foi feito prisioneiro, arrancando de seu trono e batizado à força. Essa festa é verdadeiramente brilhante, e a praia estava repleta de povo com suas melhores roupas” (PIMENTEL, 2004, p. 18/19).

Mário de Andrade considera curiosa a persistência nos costumes brasileiros, “de celebrações da epopéia marítima portuguesa e das lutas ibéricas entre cristãos e mouros”. O que mais o faz ficar admirado é a concentração dessas duas memórias em nossa pátria, em duas danças dramáticas, com enormes e complicados enredos. Esses enredos designados pelos integrantes do folguedo como embaixadas, se apresentados em toda a sua extensão, durariam mais de duas horas.

Manifestando o seu encanto por esse bailado o autor revela:

> Chego mesmo a afirmar que é justamente nestas duas danças dramáticas brasileiras, intituladas por Sílvio Romero “Chegança de Mouros” e “Chegança de Marujos”, que os trabalhos do mar português e as lutas contra o Infiel tiveram a sua mais notável, mais bela e profunda celebração popular. Foi a gente brasileira que, reunindo e amalgamando um mundo de tradições

> diversas aqui chegadas, fez nestes dois bailados a rapsódia mais admirável que jamais cantou o ódio ao Infiel e os trabalhos do mar (ANDRADE, 1982, p. 94).

A admiração do autor pela concentração das duas memórias da epopéia marítima portuguesa e das lutas ibéricas entre cristãos e mouros, também reflete-se nas palavras de Josias Pires na sua obra "Dramas no Mar":

> Como é possível explicar a permanência, durante séculos, de uma manifestação cultural tão complexa, feita com a aglutinação de variadas linguagens artísticas – música, dança, teatro – desempenhada por gente iletrada, representando histórias que, à primeira vista, nada informam do seu cotidiano, dos seus problemas e dos seus desejos? (PIRES NETO, 2004, p. 74)

Alceu Maynard Araújo (1964), juntando-se a tantos outros pesquisadores, confirma a controvérsia sobre a origem desse bailado popular, mas simultaneamente levanta a hipótese do mesmo ser de origem portuguesa, devido ao bailado ser conhecido do nordeste ao sul do Brasil, em decorrência da unidade que o português imprimiu ao nosso país. Todo o povo brasileiro fala uma única língua. O pesquisador ressalta também que a marujada é guardadora de modismos que lembram a linguagem de Gil Vicente no "Auto da Barca do Inferno", como o "oula da marujada", vocativo usado no início de cada uma das "partes" para chamar a atenção dos participantes do auto popular. No linguajar da chegança existem também elementos que se não o são, lembram a linguagem africana, a exemplo do verso "cutila, cutila, torna a cutilar/ mouros em campanha/ mouros em campanha/ torna a degolar Conforme a pesquisadora Pessoa de Castro, entre os bantos, três povos litorâneos, destacou-se pela superioridade numérica, duração e continuidade no tempo de contato direto com o colonizador português: bacongo, ambundo e ovimbundo. O povo bacongo, falantes de quicongo, língua que engloba vários falares regionais espalhou-se por territórios correspondentes com os limites do antigo Reino do Congo, sudoeste do Congo-Kinshasa e noroeste de Angola. Daí foram levados para Lisboa os primeiros negros bantos escravizados, em lotes que se multiplicaram a ponto de surgir, na literatura portuguesa da época, imitação do falar crioulizante do negro em Portugal, como nos autos "Fragoa de Amor" e "O Clérigo da Beira" de Gil Vicente (Cf. 1965, p. 68).

Na verdade o que houve foi uma comunhão das culturas portuguesas e africanas. A pesquisadora Marlyse Meyer deixa isto evidente na sua abordagem quando diz que formas e

temas mantêm-se vivos, às vezes num nome, numa forte devoção, como exemplo a Senhora do Rosário ou o ritual do Divino, penitentes no chão de Anhembi, em São Paulo e continuando diz:

> Podem manter-se vivos em um "cortejo e batalha singular como entre Oliveiros e Ferrabrás, sob os olhos do majestoso Carlos Magno, belo mulato vestido de veludo azul celeste, desfilando na Congada de São Benedito em Poços de Caldas, sob a batuta de Zé do Brejo, memória do texto". A autora argumenta que pelo último exemplo está refletida a força dos padrões europeus, que marcam até a cultura africana, já abalada na origem pela ação da doutrina cristã portuguesa e duplamente marcada na colônia pela evangelização e escravidão. (MEYER, 2001, p. 148/149)

Assim como o europeu marcou a cultura africana, o africano por sua vez também ficou no imaginário português, como afirma Cascudo:

Quando o português chegou ao Brasil, o mouro já havia sido expulso do Algarve duzentos e cinqüenta anos antes. Nos finais do século XV na Espanha o reino de Granada era castelhano, justamente em janeiro do ano em que Cristóvão Colombo largaria de Palos para a expedição deslumbrante. "O mouro viajou para o Brasil na memória do colonizador. E ficou. Até hoje sentimos a sua presença na cultura popular brasileira" (CASCUDO, 1984, p. 15).

Realmente, é impressionante que outras manifestações, a exemplo de ternos-de-reis, reisados, comédias, danças de São Gonçalo e outras nas cidades em que existiram, conforme relato de meus alunos e algumas professoras do interior bahiano, fala-se das mesmas como coisa do passado, com exceção de algumas que são registradas pela TVE, porém as cheganças com todas as dificuldades em se manter, conseguem dar um retorno, mesmo após vinte ou mais tempo de ausência. A Chegança dos Mouros de Saubara é um exemplo, após mais de vinte anos desativada, ressurge, apesar de todas as dificuldades em se manter. O que faz este grupo de homens, simples pescadores, em sua maioria negros, manterem viva essa tradição?Esta memória moura tão longíngua continua viva entre nós e não só no Recôncavo Bahiano, como afirma Araújo (1967), mas do nordeste ao sul do Brasil.

O pesquisador, Freitas de Oliveira em seu ensaio Memórias de Mouros no Brasil frisa "que a denominação mouro aqui predominou sobre outras talvez mais apropriadas, como árabe ou serraceno, persistindo, contudo, ao lado de uma outra que bem pouco, em verdade, tem a ver com a realidade portuguesa – a de turco" (OLIVEIRA, 2003, p.159).

Sobre a vitória dos cristãos contra os turcos na batalha naval de Lepanto em 1571 o pesquisador afirma que:

> Vale lembrar que a vitória alcançada sobre os turcos, nos embates travados em Lepanto, no litoral da Grécia, teve enorme repercussão em toda a Europa e, de modo especial, na Península Ibérica, onde a lembrança das pelejas travadas, durante séculos, entre mouros e cristãos, continuava viva nos povos que a habitavam (ibdem, 2003, p. 161).

Se a Chegança chegou até nós no final do século XVIII, ela antecedeu às rebeliões escravas em Salvador, pois o pesquisador João Reis (2003) em seu trabalho Rebelião Escrava no Brasil, cita que em 1807 houve uma rebelião que foi sufocada por um dos inimigos mais ferrenhos dos quilombos: João de Saldanha da Gama Mello e Torres Guedes de Brito, o Conde da Ponte, Governador e capitão general da Capitania da Bahia.

> Foram presas 78 pessoas entre escravos e libertos. Os homens receberam penas de trabalho forçado nos arsenais militares e as mulheres foram recolhidas à cadeia. Entre estas havia uma renomada sacerdotisa chamada Nicácia, que entrou presa em Salvador sobre uma carroça acompanhada de numeroso séqüito. Nicácia, por sinal, era uma africana mulata (REIS, 2003, p. 71)

A revolução dos malês foi planejada por escravos islamizados. Kátia Mattoso em Sua pesquisa “Bahia Séc. XIX” aborda a seguinte questão:

É provável que os primeiros africanos islamizados tenham chegado à Bahia no fim do século XVIII e no princípio do século XIX. Tratava-se essencialmente de negros haussas e iorubas (ou nagôs), vítimas dos problemas políticos e religiosos que devastaram seus países. Inicialmente, ocorreram as guerras iorubas no sul da Nigéria atual, então império de Oyo, causadas pelas revolta do comandante-em-chefe (are-ona-kankafo) Afonjá contra a autoridade do rei (Alafin), (...) Na Bahia, os mulçumanos africanos ficaram conhecidos como malês, nome cuja origem deu lugar a várias hipóteses, discutidas por Roger Bastide. (MATTOSO 1992, p. 424).

No território brasileiro, a chegança recebeu diferentes denominações: marujada, nau catarineta, barca, barquinha, fandango, fragata. Em Saubara, onde desenvolvi minha pesquisa, existem a Chegança dos Mouros – A Barca Nova, que se apresenta esporadicamente e a

10Marujada Fragata Brasileira, que apesar do processo de aculturamento causado pela mídia televisiva, sobrevivem até os nossos dias. A indumentária de todos os participantes, assim como os quepes de marinheiro, usados nas apresentações são confeccionados por um participante que é alfaiate e os faz com muito boa vontade. Os pandeirinhos, único instrumento que acompanha os cantos nas apresentações, também são feitos por outro participante.

O fato que mais me surpreende nessa manifestação é o fato da mesma ter sido levada das regiões de jangadas (Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco) e Recôncavo baiano, para o interior de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul. Isto evidencia como foi forte a influência cultural transmitida pelas migrações do nosso povo do nordeste para o centro oeste, sudeste e sul do Brasil. Quando a Profª da disciplina Presença de Línguas Africanas no Brasil, Dra. Yeda Pessoa de Castro falou-nos sobre a forte influência em nosso português, do banto transmitido pelas mães de leite, através da sua atuação no interior das casas grandes, levou-me à reflexão sobre a semelhança ocorrida com a chegança.

Alceu Maynard Araújo (1964) ressalta a semelhança das músicas cantadas na marujada de Montes Claros (Estado de Minas Gerais) com as de Alagoas, embora em regiões tão distantes, evidenciando assim "a idéia de unidade, ou seja, do substrato luso que vive em nossas tradições". Essa semelhança percebi, também, entre as cheganças de Saubara, Irará e Cairu, embora com algumas pequenas modificações na maneira de entoar, a melodia básica é a mesma. Até mesmo quando a TV Educadora exibe trechos da série Bahia Singular e Plural com cheganças de diversas localidades da Bahia, a exemplo de Prado e Arembepe, a semelhança musical é muito evidente.

Na Bahia os termos usados para o folguedo são chegança ou marujada. Usam o termo marujada geralmente quando apresentam como tema a epopéia marítima portuguesa e chegança quando apresentam as lutas ibéricas entre cristãos e mouros, na qual o mesmo recebe a alcunha de infiel.

Este estigma permanece com os mouros parece que por toda a vida:

> Em 2 de janeiro de 1492, poucos meses antes de Colombo iniciar a sua viagem, cai Granada e com ela terminam oito séculos de domínio mouro na

> península. Logo depois, milhares e milhares de livros escritos e preservados ao longo de séculos por insignes geógrafos, matemáticos, astrônomos, cientistas, poetas, historiadores e filósofos mouros são queimados no fogo da Santa Inquisição, a mesma que a partir de 31 de Março de 1492 cumpre o edito de Isabel de Castela, expulsando os judeus e confiscando-lhes os bens com que vão ser financiadas logo a seguir as viagens de Colombo (CAREW, 1988ª: 15; 1988b; 51). É o fim do Iluminismo mouro e judaico sem o qual, ironicamente, a Renascença não seria possível. Com base na linguagem abstracta e manipulável da fé e nos não menos manipuláveis critérios de limpeza de sangue, é declarada uma guerra total aos grandes criadores culturais da península, os quais, no caso específico dos mouros, tinham sido partes integrante de uma ordem política em que durante séculos, puderam conviver, em espírito de tolerância, cristãos, judeus e mouros, e de uma ordem religiosa, o Islão que na sua fase inicial tinha recebido importantes influências das grandes civilizações africanas do Vale do Nilo, da Etiópia, da Núbia e do Egipto. (SANTOS, B. S. 2005, p.138).

Alexandra Gouvêa Dumas em sua dissertação "Mouros e Cristãos: cenas de um folguedo popular na cidade de Prado-Bahia" apresentada ao Programa de pós-graduação em Artes Cênicas da Escola Teatro/Dança-UFBA em 2006, para obtenção do título de Mestre: apresenta algumas cenas relacionadas com disputas entre mouros e cristãos acontecidas em territórios e tempos distintos da brincadeira de Prado-Bahia. O seu objetivo foi acompanhar o entendimento da brincadeira de Prado com os fios da história à qual esteve/está laçada, numa tentativa de compreender o seu significado na cena de hoje.

Um fato:

No ano de 1578 o rei católico de Portugal D. Sebastião decide com seu exército invadir Marrocos no Norte da África. O intuito desse ato guerreiro que iria conduzir a Batalha de Alcácer-Quibir – era ampliar os poderes econômicos, políticos, territoriais e religiosos de sua nação. Estavam do outro lado do combate os Mouros seguidores da religião muçulmana ou islâmica que, por esse motivo, eram considerados "infiéis", inimigos absolutos do cristianismo europeu.

Nesta disputa, em 4 de agosto de 1578, os mouros dizimaram os portugueses e venceram a batalha.

Uma representação: Alexandra Gouvêa Dumas "Mouros e Cristãos: cenas de um folguedo popular na cidade de Prado-Bahia", 2006, p. 48.

A cada dia dois de fevereiro, em Prado, extremo sul da Bahia, Brasil, acontece uma batalha. De um lado o exército mouro, do outro um exército cristão. A disputa gira em torno da posse de uma imagem de São Sebastião. Depois da batalha que se apresenta em forma de "embaixadas" e lutas de espadas, os cristãos saem vitoriosos, sendo o exército mouro batizado, convertido ao catolicismo (DUMAS, 2006, p. 4).

Em Saubara a representação dessa contenda e de um modo mais simples. Não existe **a** representação de um exército mouro. Os representantes dos mouros são apenas dois personagens: o mouro pai, O Imperador da Turquia e o mouro Azilino (que é o mouro filho). A luta de espadas acontece entre o mouro e o general da tripulação, que representa o católico português. Os instrumentos são apenas pandeirinhos confeccionados por um dos integrantes do grupo e as armas são espadas. Na chegança existe uma hierarquia que é respeitada e evidenciada pela diferenciação da farda que indica a função de cada membro no grupo. O Sr. Edmundo Passos de Jesus é o capitão da chegança, posição mais importante do grupo. É ele quem dá as ordens ao grupo, usando o seu apito e auxiliado pelo contramestre, o patrão e o general. Este me informou que anteriormente o Embaixador era Humberto Rocha (falecido) irmão de Flordolino Rocha que fazia o papel de General. Este hoje (julho/2005), está com 84 anos e em estado de saúde muito grave. Os figurantes são: o capitão -– Edmundo Passos de Jesus, o contramestre e general – Osmar Tosta (assume 2 funções), o patrão - Lourival Nunes Rocha, o mestre – José Alves de Jesus, o imediato (sem figurante), mouro pai – Fernando Sampaio Barbosa, mouro filho (sem figurante), guia 1 – Antonio Lázaro Silva Filho, guia 2 – Benedito Cândido de Jesus Filho. O guia vão à frente junto com o contramestre tirando as músicas. Ainda existem os papéis de piloto, gajeiro grande, 2º gajeiro, o pimpão, aquele que sobe no ponto mais alto da embarcação para ver o inimigo. Tem ainda dois calafetinhos[8] que são representados por crianças. Observei que ao invés de três mouros como era antigamente hoje só existem dois. Nelson de Araújo (1986) faz referência que haviam três mouros em 1985. Geralmente as cheganças têm uma madrinha que ajuda na administração e acompanha toda a apresentação do grupo. A Chegança dos Mouros nunca a teve e eles não sabem explicar o motivo. Na última apresentação da chegança no município de Acupe, em 29 de junho/07 o capitão representou também o papel do mouro, Imperador da Turquia e o mouro Azilino (o filho do Imperador) foi representado pelo Sr. Fernando Sampaio Barbosa (Cavalo Roído). A tripulação usa o uniforme de marinheiro, sendo que os mais altos na hierarquia trajam a roupa

[8] Encarregados de vedar com estopa alcatroada as junturas, buracos ou fendas de uma embarcação.

de oficiais. Os mouros vestem uma indumentária vermelha de cetim: calção, meião, manto preso ao pescoço e coroa. Segundo o Sr. Edmundo para assumir o cargo de capitão, mestre e contramestre não existe eleição. As pessoas permanecem no cargo até o seu falecimento ou enquanto tiver condições físicas. Quem os substitui é sempre um filho e quando este não o aceita a pessoa mais velha da chegança faz a indicação.

Sobre a Chegança dos Mouros – a barca nova, Araújo ainda afirma:

De sua parte, a chegança dos mouros de Saubara é, na categoria, uma das menos "contaminada" que existem na Bahia, pouco tendo admitido, na sua disposição dramática e nos seus cantos, que não seja específico dessa criação brasileira de raízes ibéricas. Como folguedo local, há razões para acreditar que esta chegança existe desde o século XIX, segundo avaliação feita pelo seu atual Patrão (Mestre), Manoel Passos de Jesus (ARAÚJO, 1986, p. 98)

Quanto às espadas símbolo de poder, usadas pelo figurante do Imperador da Turquia e General da Marinha, pertenceram à avó paterna de D. Arlinda Borges dos Reis, organizadora dos bailes pastoris na cidade, que as doou à chegança. O pai de D. Arlinda, "Seu" Chico Borges nasceu em 1880, se as espadas foram de sua mãe as mesmas têm mais de cem anos.

Jerusa Ferreira, citada por Dumas, em sua dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas relata: "as contingências várias fizeram do gládio um símbolo ascensional; a arma dos conquistadores e dos chefes passa a ser a espada, arquétipo para o qual deveria ser orientada a significação profunda de todas as outras armas (...)" 2006, p. 174.

O Sr. Edmundo Passos relatou também que a causa do combate entre cristãos e mouros foi: a barca portuguesa invadiu por acidente as milhas das águas da Turquia e essa invasão foi considerada uma afronta ao Império Turco. Na época os conflitos eram resolvidos com luta de espadas. Não existia general na Barca, então foi solicitado um ao Exército Português e à Marinha para combater com os mouros. Este em uma luta de espadas vence o filho do Imperador, Azilino. O General era um grande espadachim. Os portugueses seriam presos se o General não fosse do Exército Português.

Na Chegança dos Mouros – A barca nova o auge do espetáculo, inicia-se com a missão do embaixador mouro de nome Abumalaco, perante o general português da barca nova, enviado pelo Imperador da Turquia, para libertar o seu filho. A embaixada antecede à luta de espadas, em que o embaixador e o general iniciam uma disputa, que se resume em um diálogo de hostilidade de ambas as partes. Com a sua missão frustrada, comparece então à nau o próprio pai, o Imperador da Turquia para tentar resgatar o seu filho. O General em vão tenta convertê-lo ao cristianismo e não concede a liberdade ao seu filho. O Imperador suicida-se com um punhal no peito, angustiado por não ter o seu filho de volta. A dramatização entre os dois é quase toda cantada, exceto nas partes assinaladas em negrito. Ao diálogo os componentes da chegança chamam de rezinga.

Segue o texto da embaixada representada em Saubara entre o Embaixador (Mouro) e o General, cristão, passado para mim, pelo Sr. Edmundo Passos de Jesus, Capitão da chegança:

Embaixador – Licença senhores que nesta nau eu quero entrar (bis)
Venho dar-te a embaixada quem me manda é o meu senhor (bis)
Venho dar-te a embaixada do Grão Sultão ao General (bis)

General – E quem é o teu senhor?
Embaixador – É um grande imperador!
Embaixador – Eu sou mouro Argelino, rei e senhor de meio mundo (bis)
Se pelejares comigo (bis) a tua nau há de ir ao fundo (bis)
Venho dar-te a embaixada quem me manda é o meu senhor (bis)

General - E quem é o teu senhor
Embaixador - É um grande Imperador, rei senhor da Mauritânia, que por mim saudar-te manda (bis)
Saudar, saudar-te manda.
General - **Senta-te embaixador, reparas como falas e com quem falas!**
Embaixador - **Olá General, não conheces que da Turquia sou o Imperador? Como de mim não tens temor?**
General – **Sei, reconheço que da Turquia és o Imperador. Como segues a lei de Mafoma para mim não tens valor!**

Nessa hora o General luta com o embaixador. Lutam intensamente com momentos de cansaço de ambas as partes. O General invoca o sacramento e o Embaixador invoca Mafoma . Enquanto lutam toda a tripulação canta, tocando os seus pandeiros:

Cutila, cutila, torna a cutilar (bis)

Mouros em campanha, mouros em campanha, torna a degolar!

Embaixador – Ainda me faltou Mafoma, como hei de me entregar (bis)

Ainda tenho um Ampolim, esse não há de faltar (bis)

General – Entregas-te bárbaro mouro não persigas o caminho da lei (bis).

Pela fé do meu Deus eu juro (bis) Que a mim não hás de vencer

Embaixador – Ainda me faltou Mafoma, como hei de me entregar(bis)

Ainda tenho um Ampolim, esse não há de faltar (bis).

General – Entregas-te mouro que preso estás (bis)

Por ordem de El Rei, Rei de Portugal

Embaixador – Ai que eu não posso mais combater (bis)

Visto a cristandade me querer vencer (bis)

General – **Prende o mouro!**

General – **Mouro, queres te batizar?**

Embaixador – **Troques, troques Marrocos!**

General – **Mouro, queres te batizar?**

Embaixador – **Trocares troco Marrocos.**

General – **Responde, eu lhe darei os batoques!**

General pega o mouro pelo braço e o empurra.

General – Levai meus guardas, este traidor, tirai-lhe a vida com todo o vigor (bis)

Embaixador – Não me tires a minha vida, nem me arranque o meu valor! Não conheces que eu sou filho do Monarca Imperador! (bis)

General – Levai meus guardas, este traidor, tirai-lhe a vida com todo o vigor. (bis)

Embaixador – Não me tires a minha vida, nem me arranque o coração! Basta levar-me prisioneiro, dentro desta embarcação! (bis)

General – (chamando o pai de Argelino que perdeu a batalha):

Ô mouro, ô mouro, vem te batizar. Ô mouro, ô mouro, vem te confessar (bis)

Tripulação - Se tu és mouro não batizado, o teu império rei coroado (bis)

Imperador (mouro pai) – Ninguém de mim tenha medo, que eu não venho fazer mal. Venho entrar nesta fragata, para o meu filho resgatar.

Tripulação – Se tu és mouro não batizado procura o prêmio da Cristandade. Se assim quiseres seja louvado o teu império reis coroado.

Imperador – Os barões da Monarquia, todos vivem separados, por ver meu filho e sobrinho, reduzido à Cristandade.

Tripulação – Se tu és mouro não batizado, procura o prêmio da Cristandade (bis)

Imperador – Te darei a minha filha, para contigo casar

Te darei minha coroa e o meu cetro real (bis)

General – Eu não quero a tua filha, nem lhe prometo casar, não quero tua coroa, nem o teu cetro real.

Imperador – Olá General, não conheces que da Turquia sou o Imperador? Como de mim não tens temor?

General – **Sei e reconheço que da Turquia és o Imperador. Como segues s lei da Mafoma, para mim não tens valor.**

General – (virando para Mafoma). **Quem és tu?**

- Sou eu Mafoma.

Imperador – **Desça do céu as espadas dos altos penedos e do matador a traição. Com esse punhal que trago traspasso meu coração. No inferno escuro vou parar. Tudo com a morte há de se acabar.**

(empurra o punhal no peito)

Tripulação: o mouro morreu vamos enterrar o dinheiro dele é pra nosso lar / o resto que fica é pra o general (bis).

Tripulação – todos marujos se for batão, venha ao convés receber seu tostão

Patrão – todos marujos que for batão venha ao convés receber sua ração

Tripulação – não, não, não senhor patrão serve o dinheiro mas não a ração

Goffman em sua obra, A representação do eu na vida cotidiana, diz: “quando estudamos uma prática que requer uma equipe de vários atores para sua apresentação, verificamos às vezes que um dos membros se torna o protagonista ou o centro das atenções”(1999, p. 95). Na Chegança dos Mouros – A barca nova, na hora da batalha o centro das atenções é o Mouro pai e o General católico que lutam espada. O Mouro resistindo contra a imposição da sua conversão ao catolicismo, e o General querendo impor a sua autoridade e poder.

A Chegança dos Mouros de Saubara não costuma sair pela matina. A tradição é todo o grupo aguardar o término da missa no adro da Igreja, com exceção dos mouros que ficam no mínimo

a 150 metros de distância da Igreja. Ao findar a missa o grupo entra, ajoelha-se em fila dupla e inicia a saudação cantando o "Deus vos salve casa santa". Terminada a saudação descem a ladeira da matriz cantando. Quando fazem uma pausa para o mestre dar as palavras de ordem para a marujada, observo que o mesmo assume realmente uma postura de comando; o seu corpo, seus gestos e expressão são de quem naquele momento está investido no papel de comandante. Recordo-me que em uma das apresentações da embaixada, o mouro que nessa apresentação era Mosquito e que se suicida com um punhal, fez a representação tão bem, que a sua irmã, Fava chorou.

Alguns dos versos da manifestação transmitem tristeza, como esses abaixo que são dos mais entoados pelo grupo:

Moça baiana
Chegue à janela
Venha ver os marujos ai ai meu Deus
Que já vão pra guerra

O palco para suas representações são as ruas de Saubara, testemunhas oculares dessa tradição tão singular que esses simples pescadores, talvez com aparência rústica, mas internamente possuidores de espíritos tão sensíveis, que com todos os esforços preocupam-se em mantê-la.

Kroeber, citado por Ortiz, a respeito da difusão cultural afirma:

A difusão é o seguimento pelo qual os recursos ou sistemas de cultura se espalham. Resistentemente ela está ligada à tradição, na medida em que a cultura material passa de um grupo para outro. "Porém, como é usualmente entendida, a tradição se refere à transmissão de conteúdos culturais, de uma geração para outra (do mesmo grupo de população); a difusão de uma população para outra". A tradição se realiza em termos de tempo. A difusão em termos de espaço (2006, p. 74).

A tradição na chegança saubarense se faz sentir pela transmissão dos cargos hierárquicos da tripulação de avós, para pais e filhos. Os papéis que hoje seus figurantes representam, já o foram por seus pais, avós e bisavós. Durante o período em que venho acompanhando a chegança, não lhe foram acrescentados novos elementos. O uniforme dos marujos é daquele mesmo padrão, usado há mais de 20 anos. O uniforme só foi mudado em 1977 (a camisa foi azul), por falta de recursos para comprarem o uniforme todo branco. Não há alegorias, usam

simplesmente um pandeirinho. A única alteração que ocorreu no folguedo foi a forma de entoar os versos, o que é muito natural. A nossa tendência é alterar ou acrescentar, notas musicais embora não tenhamos formação em música.

3.1. A MEMÓRIA DA CHEGANÇA

Foto n°15 de Jônatas Conceição da Silva. A Chegança Dos Mouros

Pelos depoimentos colhidos percebi que a Chegança dos Mouros, teve na família Passos o seu alicerce. O figurante mais antigo do grupo, encontrado pela ordem cronológica é o Sr. Isídio Passos, que possivelmente nasceu entre 1835 a 1837. Sua bisneta, D. Noemia Leite Costa não sabe dizer se algum filho seu participara da chegança, mas na década de noventa do século XIX nasce Manoel Eráclio Passos de Jesus. Na década de dez do século vinte nasce seu filho Manoel Passos de Jesus (Passinho) da mesma família que foi capitão da chegança, passando esse cargo ao seu filho Edmundo Passos. Este, por sua vez afirma que "seu" Antonio Pedro da Silva (Totônio), integrante da chegança por muitos anos com dois de seus filhos era parente do seu avô paterno.

A preservação da Chegança dos Mouros de Saubara vem sendo mantida pela oralidade. O passado mantido na memória é interpretado no presente decerto, com algumas modificações, mas a essência da manifestação se mantém pela memória coletiva, sobre o que nos diz Ortiz:

> (...) os mecanismos da memória coletiva lhes possibilita recobrar as lembranças do esquecimento. Mas para isso é preciso que os grupos construam nichos no seio dos quais a lembrança possa resistir. Um novo território é redesenhado, no qual a identidade anterior é preservada.(ORTIZ, 2006, p. 75).

Sacks em sua resenha "A paisagem dos seus sonhos" afirma que o questionamento sobre a memória tem sua origem pelo menos até Santo Agostinho sem, contudo chegar-se a uma resolução para o que é realmente a memória.

Realmente nós nos acostumamos com essa noção de memória como armazenamento, que a aceitamos como certa, apesar de passarmos pela experiência oposta de memórias "normais", do dia-a-dia – escapando e deslocando-se, modificando-se sempre que pensamos nela. O autor enfatiza um fato comum quando afirma que "duas testemunhas nunca contam, a mesma história, e nenhuma história, ou memória, permanece para sempre a mesma. Uma história é repetida, e muda a cada repetição" (SACKS, 2006, p. 174)

Frederic Bartlett, citado por Sacks convenceu-se nos anos 20 e 30, de que "a memória" não existe, na realidade o que ocorre é um processo dinâmico de "recordação". Ele escreve:

> Relembrar não é a excitação de inumeráveis traços fixos, inanimados ou fragmentários. Trata-se de uma reconstrução, ou construção, imaginativa, erguida a partir da relação de nossa atitude com toda uma massa ativa de reações ou experiências passadas, e com um pequeno detalhe importante que aparece relembrar não é a excitação de inumeráveis traços fixos, inanimados ou normalmente em forma de imagem ou linguagem. Portanto, nunca é realmente exato, mesmo nos casos mais rudimentares de uma recapitulação mecânica, o que não tem a menor importância (ibdem, 2006, p. 174).

Segundo Sacks a conclusão de Bartlett encontra hoje eco no trabalho de Gerald Edelman. Ele vê o cérebro como um sistema onipresente "ativo onde está em processo um deslocamento permanente , e tudo é continuamente reciclado e novamente relacionado." Para Edelman "cada percepção é uma criação, cada lembrança é uma recriação – toda recordação é relacionante, generalizante, recategorizante".

Sacks questiona que sob essa perspectiva não pode haver nenhuma lembrança fixa do passado. Para ele nossas lembranças estão impregnadas pelo atual. Para Edelman e Bartlett lembrar é sempre reconstrução e não reprodução, mas aí Smith pergunta, "que dizer das memórias de arquivo altamente precisas e encontradas nas culturas orais, onde histórias tribais

inteiras, mitologias e poemas épicos são transmitidos fidedignamente através de dúzias de gerações?" (SACKS, 2006, p. 175).

Acredito que a memória dos autores da Chegança dos Mouros tenha um pouco de reprodução quando eles repetem diálogo da embaixada que acontece entre o mouro mensageiro do Imperador da Turquia e o General português. No entanto há também um processo de reconstrução. Isso fica evidente nas músicas da manifestação, quando eles reproduzem a letra da mesma maneira como eu as conheci na minha infância, porém alteram fortemente a sua melodia.

Ainda com relação à memória coletiva Montenegro afirma que a memória coletiva de um grupo representa determinados fatos, acontecimentos, situações; no entanto, reexecuta-os constantemente. Tanto o grupo como o indivíduo produz estas transformações. Embora tome por base o real, o fato, o acontecido, o processo da memória se desloca e passa a operar através de uma extensão onde as motivações inconscientes e subjetivas constituem o vetor determinante da construção desse quadro. Com a história a dimensão do fato, do acontecido, do acontecimento opera sempre em harmonia com o que é estabelecido no momento em que o fato ocorreu. (MONTENEGRO, 1994, p. 19).

Entre os ex-participantes e pessoas da comunidade saubarense existe dúvida a respeito de qual das duas cheganças surgiu primeiro: a dos Mouros - A Barca Nova, ou a Marujada Fragata Brasileira, que por diversos relatos, inclusive, dos seus atuais participantes denota-se ser também muito antiga. Teria sido apenas uma que depois dividiu-se?

Nelson Araújo, em sua obra Pequenos Mundos, onde nos oferece uma pequena mostra da riqueza da sua pesquisa sobre manifestações populares no Recôncavo baiano afirma:

> Saubara pode ser considerada, em muitos aspectos "o coração do Recôncavo". Assim será vista à luz da resistência que opôs a uma cultura em armas, teimosa em sobreviver, a dos portugueses de Madeira. Não será por menos que merecerá esse título, se for vista a outra luz, a da resistência que continua oferecendo aos assaltos da cultura metropolitana e transnacional, que já minou muito do solo do Recôncavo. Duas resistências que muito ficaram - e ficam – a da parcela negra na sua população de cerca de 8.000 habitantes. (ARAÚJO, 1986, p. 34)

A respeito dessa resistência negra, Juana Elbeim Santos afirma:

Bumba-meu-boi, afoxé, escola de samba, cavaladas e muitas outras instituições de caráter de diversão mapeam todo território brasileiro, em cujo âmago a memória dos princípios inaugurais africanos se recria; saindo de seus locais institucionais, ocupam ruas, avenidas, largos e espaços públicos em uma afirmativa demonstração existencial (SANTOS, 2002, p. 24).

3.2 A CHEGANÇA E A RELIGIOSIDADE

A religiosidade entre os integrantes da Chegança dos Mouros é uma característica marcante. Segundo Edmundo Passos, atual capitão da chegança, o grupo entra na Igreja para saudar São Domingos, padroeiro da cidade, por quem todos têm grande devoção. Apesar desse fato os três componentes que representam os mouros ficam a uma distância de no mínimo cento e cinqüenta metros de distância da igreja, pois estes são os considerados pagãos e infiéis. O seu deus "como conta a história" é o Mafoma.

A outra chegança a Fragata Brasileira, além de saudar a São Domingos, em suas loas tem uma especial de agradecimento a Nossa Senhora do Rosário, por tê-los salvos de um naufrágio após duras lutas contra as ondas do mar.

Conforme depoimento de Betinho d' Saubara, que por muito tempo foi capelão da Marujada Fragata Brasileira, papel que também o seu avô, Zacarias exerceu, a Igreja em Saubara, não permitia que as cheganças adentrassem ao seu interior para saudar a São Domingos. Apenas após a revitalização de ambas, quando a Fragata Brasileira esteve em Salvador e aqui foi permitido que a mesma entrasse na Catedral Basílica, é que a matriz de Saubara passou a

No artigo do pesquisador Gilberto Sena, publicado no "Jornal da Bahia" em nove de setembro de 1980, fica registrado:

> Dali, em formação e entoando cantos próprios, a Chegança, subiu a ladeira e desembocou no Terreiro de Jesus, onde o destino lhe reservava talvez a maior de suas surpresas e contentamento. A "Chegança Fragata Brasileira", como de resto, todas as cheganças tem com a religião católica um vínculo que seus participantes fazem questão ferrenha de cultivar. Em todas as apresentações a igreja é o primeiro local visitado, onde por meios musicais, rendem graças aos santos. Acontece que, em Saubara, na Matriz de São Domingos de Gusmão, para quem, no dia 4 de agosto a Chegança sai às ruas, não lhe é permitido entrar na Igreja e fazer sua "reverência", completa, ficando restrita ao adro, onde não pode entoar cantos destinados exclusivamente "aos pés do altar". A Catedral Basílica não só permitiu a entrada da Chegança como também acendeu toda a sua iluminação, possibilitando deste modo ao grupo executar pela primeira vez a "reverência", a qual até então havia sido ensaiada, permanecendo na Igreja cerca de 40 minutos. Dali saindo e tomando conhecimento que a Igreja de São Domingos estava à sua frente, para lá se dirigiram repetindo a "reverência"(1980).

As cheganças de outros municípios também conservam essa característica. Antes de iniciar-se a festa a presença das cheganças à igreja é decisiva. É como se eles fossem pedir proteção ao padroeiro local, para que a festa em sua homenagem transcorra em paz. Em Prado, sul da Bahia, a reverência é a São Sebastião, onde o imaginário em torno desse santo, segundo a pesquisadora Alexandra Dumas, o faz ser "percebido e interpretado dentro das realidades a que ele pertence seja como soldado romano da Europa medieval, como mártir português de séculos passados, na atualidade como índio, um mouro ou um franco "cabôco" da cidade de Prado" (DUMAS, 2005, p. 85).

Em Irará, Jacobina e Cairu a saudação é respectivamente aos santos: Nossa Senhora da Purificação e São Benedito. A profª. Dra. Carmélia Miranda na sua dissertação, resultado da pesquisa sobre a chegança de Jacobina, apresentada para obtenção do título de mestre em História pela PUC considera que:

As festividades na época da Colônia buscavam moldar as populações à aliança dos colonos entre a Igreja e o Estado, interferindo nas formas de sociabilidade e de economia psíquica. O espaço público era utilizado como forma de tornar presente o poder da metrópole. Nesse espaço havia múltiplas trocas: de olhares, de leituras e de funções políticas e religiosas. A festa e seu calendário transformaram-se nesse período, numa ponte simbólica entre o mundo profano e o mundo (MIRANDA, 1996, p. 31).

Josias Pires em seu trabalho "Bahia Singular e Plural" (2005) lembra que no Sertão da Bahia, sobremaneira nas fronteiras com Pernambuco, Alagoas e Sergipe, a personalização de um

conjunto cultural muito distinto do Recôncavo é evidente e tem nos penitentes da semana santa um dos elementos mais marcantes. O autor pontua também que a religiosidade sertaneja organizada em torno da morte, ao contrário do que se vê no recôncavo, é marcada por rituais de penitências e pelo valor intenso à cruz em detrimento de imagens dos santos (2005, p. 73).

A pesquisadora Oneyda Alvarenga (1960) afirma que a coincidência geral da realização das danças-dramáticas com datas católicas, é oriunda do antigo costume catequista da congregação "de ranchos de índios e negros dançadores às procissões brasileiras"(1950, p.30).

A autora entretanto demonstra em suas palavras que apesar dessa coincidência, não há nenhuma catolicidade nas danças dramáticas brasileiras:

> Pelo contrário, são comuns nelas as figuras burlescas de padres e a imitação irreverente de práticas católicas, até de sacramentos como a confissão. A comunhão e o casamento, tal como acontece, por exemplo, nas Cheganças, no Bumba-meu-boi, e na Ciranda, dança dramática da Amazônia. Que se liga aos Cordões-de-bichos. Se o catolicismo está ausente das danças dramáticas, não o está a religiosidade (ALVARENGA, 1950, p. 30).

O que tenho observado nas cheganças de Saubara, Irará e Cairu, as quais já assisti as apresentações ao vivo e nas demais que já assisti através de vídeo, apesar do vínculo com o catolicismo estes grupos além da presença do padre e do terço não ostentam outros símbolos da Igreja Católica, como imagens, cruz, ou retratos do santo padroeiro.

No dia cinco de agosto acontece em Saubara uma missa e uma procissão em louvor a São Dominguinhos. Essa celebração especial logo após a festa de São Domingos é uma continuidade de uma promessa feita por três proprietários de embarcações após terem-se salvos de um naufrágio nos mares de Saubara, há mais de cinqüenta anos. Eram três embarcações:

Sete Léguas de "seu Domingos Neres, Lancha sem Rival de "seu" Esmeraldo do Sacramento e Feliz no Oceano do Sr. Antonio Araújo. Um dos três barcos naufragou, porém os três proprietários salvaram-se e na hora da aflição prometeram que se salvos, iriam diretos à igreja de São Domingos, para agradecer-lhe a graça e assim o fizeram de pés descalços. A tradição dos fiéis acompanharem essa procissão de pés descalços manteve-se por muitos anos, porém há poucos anos atrás as pessoas já não mais acompanham a procissão sem sapatos. Na

celebração de 2006, observei que havia um jovem de pés descalços. Por não saber qual era a causa, estranhei, mas quando ouvi a estória dessa promessa, é que compreendi que aquele jovem era o único que ainda queria manter a tradição.

No passado o catolicismo era dominante em Saubara, mas segundo relato de Florinéia Souza Ribeiro, na família Requião, tradicional da cidade, na década de quarenta já havia adeptos da Igreja Batista. Apesar disso a professora Elizabete Dalva Fernandes Gonçalves afirma que quem fundou a primeira Igreja Batista de Saubara, foi seu pai, o Sr. Antonio Roldão Gonçalves, que nasceu em 19-01-1912 e faleceu aos 51 anos em 16-11-1963. Foi casado com D. Marieta Noelia Fernandes Gonçalves. D. Elizabete ressalta que a sua mãe era de Acupe e tinha Feijó no seu sobrenome de descendência portuguesa, perdeu-o ao casar-se e que a sua avó materna quando viva, foi carregada em cadeirinha de ouro nas ruas de Acupe.

Apesar de D. Elizabete afirmar que a primeira Igreja Batista de Saubara foi construída por seu pai, a mesma diz que o primeiro protestante de Saubara foi "seu" Manuel Fernandes Leite (Mucinho), pai de Samuel Fernandes Leite da farmácia, quem converteu o seu pai.

Estando na farmácia de "seu" Samuel, este contou-me que seu pai tinha um barco. Negociava em todos os portos da Bahia, comprando e vendendo. Entrou um dia em uma Igreja Batista em Nazaré das Farinhas, na qual foi convertido. No início o povo saubarense não aceitava as pregações de seu pai, jogavam até areia nele; mesmo assim "seu" Manuel Fernandes conseguiu converter "seu" Francisco, conhecido por Cancão de Fogo, por beber muito e arrumar muita "arruaça" em Saubara. Segundo seu filho, "seu" Manuel Fernandes Leite veio do sertão durante a seca. Casou-se em Saubara com D. Antonia Santos Leite. Dessa união nasceram os filhos: Eunice, Olgalice, Gersonita, Analice, Antonieta, Jairo, Wilson, Isael, Israel, Daniel, Joel, Antonio, Samuel e o próprio declarante. "Seu" Manuel faleceu em 1958 e sua esposa em 1950.

3.3 TEMPO DE INÉRCIA DA CHEGANÇA DOS MOUROS

Sobre a ausência das manifestações populares na então Vila, mais ou menos de 1937 a dezembro de 1956, a Sra. Florinéia Souza Ribeiro, viúva do Sr. Ponciano Ribeiro que nasceu

em 1932 relatou que quando tinha mais ou menos seis anos de idade ouvia “murmúrios” que a chegança ia sair.

Via muita gente reunida, porém nunca viu a apresentação nem das cheganças nem de outras manifestações populares. O que sua mãe, Maria Adelita, conhecida por Dedé, nascida em fevereiro de 1911 lhe contara é que na sua juventude em Saubara havia vários ternos de reis tendo a mesma inclusive participado do terno Deusa do Oriente organizado pelo Sr. Francisco Borges dos Reis.

Florinéia já tinha 24 anos, em 1957, ano em que se casou quando viu a apresentação da Chegança dos Mouros pela primeira vez na festa do Dia de Reis. D. Nina, 89 anos informou que a Fragata após vinte anos de recesso voltou às atividades em 1978 e o Sr. Edmundo Passos informou que a Chegança dos Mouros foi reativada em 1977. Desta forma não houve apenas um período de paralisação da manifestação e sim dois. Outra confirmação da existência da Chegança dos Mouros no início do século XX é que meu pai Tertulino Sales da Silva, nascido em 1898 saiu de Saubara para trabalhar em Mata de São João aos 14 anos, em 1912. Só voltara a Saubara algumas vezes para rever o pai e irmãos, no entanto trouxe na sua memória toda a dramatização cantada, ao que eles chamam “embaixada” a ponto de eu e minhas irmãs aprendê-la de tanto ouvi-lo cantar.

O certo é que a Chegança dos Mouros – A Barca Nova, com a sua apresentação na festa do Dia de Reis, em janeiro de 1957, ensaiou uma tentativa de retorno às atividades culturais da então vila de Saubara. Época em que para chegar-se até lá, o único caminho era o mar. Nas ruas não havia calçamento e sim uma areia muito branca e bois que passeavam pelas ruas, convivendo com seus patrícios de maneira harmoniosa.

O grupo que teve a iniciativa de fazer ressurgir a Chegança dos Mouros – A Barca Nova em 1957, não conseguiu que ela tivesse uma participação seqüencial dali em diante nas festas ao padroeiro, São Domingos de Gusmão no dia quatro de agosto. Estiveram ausentes também nas festas do Dia de Reis, que é a festa dos proprietários de barcos, pescadores e negociantes, mas mesmo esporadicamente continuaram apresentando-se. Suponho que o mesmo deve ter ocorrido com a outra chegança ali existente, a Fragata Brasileira. O ressurgimento da Chegança dos Mouros, deve ter sido um incentivo para a sua reabilitação.

3.4 O RENASCER DA CHEGANÇA DOS MOUROS

Edmundo Passos de Jesus nascido em 27-03-52, é pescador e atual coordenador da Chegança dos Mouros – A barca Nova. Representa o papel de capitão. A participação no folguedo para ele, é uma tradição familiar, uma vez que seu pai, Manuel dos Passos de Jesus, (Passinho) também pescador, anteriormente também desempenhou o mesmo papel no folguedo. Manuel dos Passos tinha como companheiro na coordenação, Antonio Pedro da Silva, marceneiro apelidado Totônio, que por sua vez tinha dois filhos integrantes do folguedo, Eurico e Humberto.

Edmundo afirma que seu pai, juntamente com Totônio, foi o criador da chegança dos Mouros. Afirma, também, que seu pai, em vida, lhe contara que a chegança veio de Mar Grande e que "o povo de Mar Grande sempre teve muita aproximação com os de Saubara, principalmente os de Encarnação da Salinas das Margarida". Segundo ele a primeira chegança de Mar Grande esteve em Saubara para se apresentar na festa de São Domingos a mais ou menos 80 anos atrás. Edmundo teve essa confirmação quando esteve em Barra Grande, vizinha à Mar Grande e tocando em uma mesa de um bar, cantando uma música da chegança, o dono do estabelecimento começou a dar a resposta também cantando e disse-lhe: "conheço muito de chegança, porque aqui tiveram muitas". Esse senhor era Cosme, presidente da colônia de Pescadores de Barra Grande.

Isto deixa evidente que os participantes não têm déia da dimensão temporal que tem este folguedo. O que está mais próximo no tempo para ele, é a participação de seu pai. Se ele tivesse tido a oportunidade de ler o texto sobre Saubara, de Nelson de Araújo na obra Pequenos Mundos, veria que seu pai concedera ao mesmo uma entrevista em 1985, afirmando que o seu bisavô também participou desta chegança.

Esta dificuldade por maiores informações, decerto encontrou o pesquisador Nelson de Araújo, pois o mesmo transcreve em seu trabalho Pequenos Mundos – um Panorama da Cultura Popular da Bahia:

> Neste capítulo nada mais se acrescentará, senão uma notícia sobre a sua Chegança de Mouros e sobre a Fragata Brasileira de Saubara, denominação formal da marujada, velho brinquedo saubarense que por mais de vinte anos permaneceu inativo e reviveu em l978, graças aos esforços dos moradores que ainda retinham a lembrança das suas "rezingas", numa exemplar mobilização sem a ingerência de estranhos à comunidade. (ARAÚJO, 1986, p. 96/97)

O autor afirma que a partir daquele ano, a marujada de Saubara ganhou novo ânimo, voltou às ruas, e não tem necessitado de apoio, que lhe tem chegado de muitos lados, inclusive de pesquisadores da cultura popular do Recôncavo. Infelizmente hoje, pelo depoimento de Antonio Arnaldo atual presidente da Fragata Brasileira, a realidade é completamente adversa. O grupo está precisando de total apoio para se manter.

Edmundo lembra-se que assistiu a apresentação da chegança pela primeira vez, quando tinha mais ou menos oito anos, na festa de São Domingos de Gusmão. Se através da depoente Florinéia ficou confirmado que a chegança após um período de total inércia de mais ou menos vinte anos, volta a apresentar-se em 1957, Edmundo assistira à chegança pela primeira vez após 1960. Isto confirma-se pelo fato do mesmo, juntamente com seu amigo Roque Damião lembrarem-se perfeitamente que na festa de 1962 o time de futebol Bahia havia sido convidado para jogar com o Náutico de Saubara. Nesta mistura de festa a São Domingos com partida de futebol, acontecera um fato que nunca fora esquecido por Edmundo e muitos nativos da então Vila: muitos integrantes da Chegança dos Mouros deixara de participar da apresentação para assistirem à partida entre o famoso Bahia e o Náutico de Saubara.

Carnaval e futebol estão entre os fatores que mais impulsionam o povo brasileiro e o saubarense não faz exceção a isto. Entre o desejo de assistir a partida entre o Bahia e o Náutico e reverenciar ao padroeiro, a primeira opção falou mais alto. Hoje, após quarenta e quatro anos Edmundo juntamente com seu amigo Roque ainda lembram os integrantes do Náutico de Saubara.

Florinéia confirma que este jogo fazia parte da programação da festa de São Domingos, pois seu esposo Ponciano Ribeiro(já falecido), fazia parte da comissão da festa, juntamente com os Srs. Isael Sacramento, Geraldo do Nascimento, Salvador Oruabo dos Reis (Dodô) e Arnaldo Requião

Ainda com referência à participação de Edmundo Passos de Jesus na Chegança dos Mouros, este ao voltar de São Paulo em 1976, após uma temporada por lá, já com vinte e quatro anos de idade encontrara a chegança completamente desarticulada. Então juntamente com seu pai, Manuel dos Passos de Jesus, o seu amigo Totonio com seus filhos Eurico e Humberto e outros companheiros, decidiram reviver a chegança dos Mouros. Com um dinheiro arrecadado vieram a Salvador, para comprar o tecido para a indumentária de todo o grupo. O dinheiro que um político prometera não fora a quantia esperada e houve muitas dificuldades nesta compra, pois eles queriam um uniforme todo branco, porém a quantia que tinham só os possibilitava comprar o tecido das camisas de outra cor. Enfim comprado os tecidos, confeccionados a roupa de marinheiros, os bonés e pandeiros para todos, a chegança volta a apresentar-se na festa do Dias de Reis, em seis de janeiro de 1977.

Isto torna evidente, que mesmo com a sua reestruturação em 1957, o folguedo não conseguiu manter as apresentações anualmente. Nesta época Saubara era apenas uma vila pertencente a Santo Amaro. O meio de subsistência era principalmente a pesca, o fabrico artesanal de tamancos, o fabrico do azeite de dendê e de blocos de cerâmica. As mulheres ajudavam na economia com os trabalhos de palha esteiras, chapéus e mocós e a costura de Ls, que por sinal é uma referência de Saubara pela sua beleza e perfeição.

A comunidade de Saubara em sua maioria é formada por pessoas de baixa renda e os integrantes da Chegança dos Mouros nela está inserida como as pessoas que moram quase na periferia. Essas pessoas sempre tiveram muito pouca opção de lazer, mas o gosto pelo cantar e dançar, mesmo com todas as dificuldades cotidianas, não lhes tiraram esse jeito especial de ser. Tudo me leva a crer que também a falta desses momentos juntos nos ensaios, o prazer de apresentarem-se galhardamente vestidos de oficiais e marujos, o prazer de cantar, tudo isso os impulsionou a reativarem o grupo. A atividade pesqueira é muito sacrificada, especialmente nos dias chuvosos, é natural que eles sintam falta de lazer. É certo que herdamos esse gosto pela música e dança também dos nossos ancestrais africanos.

Tinhorão em sua magnífica obra, “As Festas no Brasil Colonial”, ressalta a prova documentada do gosto dos negros africanos por música e folguedos que aparece em gravuras e telas do artista Frans Post. Tinhorão afirma que em uma ilustração feita pelo artista para a edição em 1647 da História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil, de Gaspar Barlaeus figuram:

> Grupos de negros a dançar ao som de pandeiros, de braços erguidos, diante da senzala coberta de palha, vizinha da casa grande de um engenho (em que outros aparecem ocupados em alimentar a moenda de roda d'água). Em tela datada de 1657, mostrando o "Terreiro dos Coqueiros da Cidade Mauricia", pode-se ver no canto esquerdo, embaixo, outra roda de dança de negros, em que um casal se defronta, braços abertos no alto,, na iminência do arremesso para a umbigada. E em outra tela, intitulada "Vista de Olinda, do acervo do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, as figuras de cinco negros, no primeiro plano, dançam ao som de um tambor africano do tipo hoje chamado de candongueiros, que o tocador sustenta à altura da cintura. (TINHORÃO, 2000, p. 55).

Sobre a possibilidade da chegança em Saubara ter sido no passado apenas uma, que fragmentou-se o Sr. Edmundo Passos de Jesus confirmou que:

> A chegança é uma chegança só. Só que a Fragata brasileira conta a estória interna da fragata A fragata brasileira tem uma série de problemas com padre capelão, com o imediato, com o guarda-marinho com isso aconteceu uma série de fatos. A princípio a marujada começou representando a rezinga entre os próprios marinheiros. O comandante briga com o contramestre porque a barca perde a direção e bate na pedra. Logo após essa discussão entra o calafetinho e tem outra rezinga entre este e o contramestre. "A fragata não dá pelo leme (não atende ao leme) nem consegue alçar (fica com a polpa no vento) (nov/2007)

Eis a transcrição da rezinga.

Um marujo diz: olha lá senhor piloto que na praia vamos dar!
- Contramestre: vá lá embaixo calafetinho, vá depressa sem demora, calafeta a barca nova com Deus e Nossa Senhora!
- Calafetinho: ai, ai, ai meu contramestre que havemos de fazer, a fragata deu na praia foi por causa de você! O relator esclarece que essa é apenas uma das rezingas e continuando diz.

> A chegança a barca nova conta a história externa que já era a luta entre cristãos e mouros; Então na verdade não existem duas cheganças. Uma, uma chegança só uma estória só. Só como era muito comprida não tinha como um grupo só contar a estória. toda A barca nova ela se for contar a estória toda do princípio ao fim ela tem uma duração de quase duas horas de relógio; quer dizer com mais duas horas de relógio ou mais um pouco da fragata brasileira isso significaria que as pessoas irão ficar entediadas. Então se formou duas cheganças
>
> Então a rocinha optou pela parte externa onde tem os mouros e ela, a fragata conta a estória interna, onde o guarda marinho rouba fazendas e é punido pelo contramestre; o calafetinho tenta recriminar o contramestre porque era alcoólatra gostava de bebida é...o padre capelão tem os seus problemas

> também com os comandantes com o contramestre e com todo esse pessoal. As duas tem uma parte que eles tem uma luta de espadas
>
> A fragata tem luta de espadas, mas não chega a ser assim uma luta, digamos assim um duelo como no caso a barca nova tem um duelo uma luta de morte. Os problemas deles aconteciam dentro da barca Eles tem digamos assim uma encenação entre eles mesmos que não chega a ser assim um duelo pois na verdade a estória deles estão dentro da própria barca Os cristãos contra os mouros Por isso existe uma série de marchas cantada que é iguais,
>
> Por exemplo, a barca nova, a reverência, todas as duas fazem a reverência todo mundo ajoelhado, que é um pedido de proteção ao padroeiro local, a Deus para partir para a navegação no mar.
>
> Os mouros, eles nem ficam do lado de fora eles não ficam perto da igreja. Eles ficam a 150 a 200 m de distância. Pois eles só acreditavam no Mafoma o deus deles, o deus dos pagãos. Os mouros não eram batizados é o que a estória conta. Na fé em Deus eles não acreditavam. Quando a apresentação é lá em cima eles ficam na praça, lá, embaixo (JESUS).

Eis algumas letras cantadas na chegança:

É chegada a barca nova que do céu caiu no mar

Nossa Senhora vai nela

Santo Antonio é o piloto

São João o general

Nossa senhora da luz cuide dessa embarcação

Nossa senhora da luz dá-nos vossa proteção

Adeus ó tirana ingrata

Essa despedida é que nos mata

Adeus meninos também

Adeus companheiros meus

que a grande barca nova vem

Sobe gajero vê se avista terra

Já estou em cima meu contramestre olhando pra o sul olhando pra o leste

No natural da linha vejo quatro velas

São quatro velas que navegam a barravento

é o navio inglês que vem trazer mantimentos

Ó meu comandante

Comandante responde: enquanto era dia nada quis fazer

3.5 A MEMÓRIA DOS EX-INTEGRANTES DA CHEGANÇA (Antecedentes de Registro)

Tendo como objetivo investigar a origem da Chegança dos Mouros em Saubara, como ela foi preservada pelos seus precursores, entrevistei familiares de ex-integrantes falecidos, de ex-integrantes que já não participam da manifestação e alguns que ainda participam da mesma.

Tenho como hipótese, que a descoberta pelas crianças e jovens de que a preservação dessa manifestação tão significativa na pequena Vila de Saubara realizou-se através de seus antepassados, tataravós, bisavós, avós, os despertarão para saberem sobre sua origem. Acredito que eles terão a curiosidade de conhecerem também a história de vida dos seus ancestrais. Desta maneira, colhi todos os dados que consegui sobre os mesmos, para posteriormente transformá-los em um exemplar de pequenas biografias de ex e atuais integrantes da chegança, no intuito de servir de mais uma fonte de consulta, aos alunos do município.

MARCOS BATISTA NETO (julho/2005)
Na primeira vez que fui ao campo, o esposo de minha prima, Roque, não pode acompanhar-me. Chegando na praça Quatro de Agosto perguntei a uma senhora se ela conhecia algum participante da Chegança dos Mouros. A mesma indicou-me um senhor que havia feito 100 anos a um mês, chamado Marcolino, que segundo ela, sabia tudo sobre a manifestação, pois fora participante da mesma. Mandou que eu procurasse pelo pai de Nina, que também é muito conhecida na cidade.

Ao chegar à casa de “seu” Marcolino, como é conhecido por todos, sua filha não estava e um neto levou-me até ele. Quando me encontrei com ele observei que o mesmo vivia isolado em um quartinho que apesar de fazer parte do corpo da casa, a sua porta não dava para seu interior.”Seu” Marcolino era muito conhecido, completara cem anos no dia 27 de julho, sua filha Dina (Dinalva de Jesus) vende na feira de Terra Nova, fina rendeira e ainda vende moqueca de chumbinho aos domingos na praia de Cabuçu.

Ao chegar à casa do Sr. Marcos Batista Neto, em agosto/2005, para entrevistá-lo, ele ouvia um rádio de pilha e ao saber que eu viera de Salvador, disse-me que todo o dia ouvia o programa de Varela e pediu-me que lhe desse um recado: que gostava muito dele e que todos

os dias ouvia o seu programa. Embora ele tivesse me informado que nunca participara da Chegança dos Mouros e sim da Marujada da Boca da Mata (referindo-se à Fragata Brasileira), ainda assim continuei a entrevista. A minha esperança era que o mesmo recordasse quando foi a sua primeira participação na mesma, ou talvez se lembrasse dos amigos que participavam da Fragata no mesmo período. Percebi que além da sua participação na outra chegança a Marujada Fragata Brasileira, o mesmo queria falar também da participação do seu avô paterno na guerra do Paraguai, quando relatou: "O velho Antonio Moreira lutou na guerra do Paraguai por nove anos. Voltou com uma bala na perna; entrou na panturrilha e saiu perto do calcanhar. Eu tinha oito dias de nascido. Quando ele veio da guerra casou com Maria Moreira. Morreu de velhice" (agosto/05).

Segundo seu depoimento seus pais eram Furtuoso Gualdino Lotero e Maria Luisa Batista. Seus avós maternos eram Manuel Francisco Batista e Maria Joana Batista e paternos Antonio Moreira e Maria Moreira, sendo estes últimos de Cachoeira. Contou que nasceu no Rio da Prata em 1905 e que teve quinze filhos. A sua filha Dinalva confirmou-me o ano de seu nascimento, o número de filhos e declarou que rio da Prata é um lugarejo de Saubara.

Ele lembra perfeitamente que nunca participou da Chegança dos Mouros e sim da Marujada da Boca da Mata, cujo capitão era Marcelino. Quando o mesmo diz Marujada, está referindo-se à outra chegança existente no município, a Fragata Brasileira. Lembra que quando a Chegança de Mar Grande veio a Saubara ele era o mestre da música e seu companheiro Onésio também participava da mesma e ensaia um canto com a voz trêmula: o sino dessa matriz

Mas a voz embarga-lhe, emocionado pela lembrança e não continua.

Vale evocar o que a autora Ecléa Bossi diz sobre a memória: "A memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade de nossa experiência adquirida" (BOSSI, 1994, p.47).

O velho carrega em si mais fortemente, tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória. (BOSSI, 1994; 49).

Uma outra lembrança marcante, está em sua memória: a visita da Chegança de Mar Grande à Saubara no dia da festa ao santo padroeiro local, São Domingos de Gusmão, embora não recorde o ano. “A Chegança de Mar Grande chamava-se Chegança do Jegue. Só tinha negros. A roupa era toda branca. Ela chegou primeiro, tomou a frente e bateu na Fragata Brasileira” agosto/2005

Isto significa que as músicas que a Fragata Brasileira iria cantar foram cantadas primeiras pela Chegança de Mar Grande, logo não teve graça a Fragata repetir as mesmas músicas.

“Seu” Marcolino lembra, também, que neste ano a Chegança dos Mouros “não cantou porque “seu” Cândido Mendes estava prá morrer”. O Sr. Cândido era um dos líderes da Chegança dos Mouros.

Outra afirmativa sua: “a Marujada sabia mais versos do que a Chegança dos Mouros”.

Marcos Batista Neto – agosto/05

Foi lamentável o mesmo não conseguir falar mais sobre o seu avô; não lembrar se o mesmo participara ou não de uma das cheganças.

O interessante é que apesar do depoente chamar-se Marcos Batista Neto, seus avós chamavam-se Manuel Francisco Batista e Antonio Moreira, o que foi confirmado por sua filha Dinalva, que não soube explicar porque seu pai tinha Neto no sobrenome.

ISÍDIO PASSOS

Conforme relato da sua bisneta, Sra. Noemia Leite Costa o ano provável de seu nascimento fora entre 1834 e 1836 e seu falecimento entre 1932 e 1934. A mesma levanta essa hipótese devido ao fato de que quando o mesmo falecera ela tinha quase dez anos e a mesma nasceu em 1927. A mesma relata que o mesmo foi capitão da chegança da Rocinha (a dos Mouros) e ela lembra-se que quando ele começava a tocar pandeiro e a cantar as músicas da chegança embaixo de uma das árvores do largo da Rocinha, os vizinhos aproximavam-se. Logo formava-se um grande grupo a cantar com ele o que ia até altas horas da noite. Era uma pessoa muito alegre. Seu falecimento fora um pouco antecipado porque devido à sua teimosia subira em um coqueiro, a contragosto de suas filhas, do qual caíra. Depois dessa queda nunca mais teve saúde, vindo a falecer. Provavelmente participara da chegança por influência de seu

pai, confirmando-se assim a hipótese que a Chegança dos Mouros existe em Saubara há mais de duzentos anos.

Seu Isídio tinha duas irmãs: Honória e Lisa Passos e teve duas filhas: Maria Benta Passos e Rosa Passos(Silu).

D. Maria Benta teve dois filhos Antonio das Mercês Passos e D. Maria Antonia Passos. Esta teve nove filhos, entre os quais a depoente bisneta de Seu Isídio, Noemia Leite Costa e Francisco Passos, conhecido como Chico Pampo. Este era irmão por parte de pai de Manoel Flordolino Rocha (Eurico) um dos integrantes mais conhecidos da Chegança dos Mouros, por que representava também o filho rebelde, em outra manifestação popular local que tem o nome de Zé do Vale.

Pelos relatos tudo leva a crer que algum descendente de "seu" Isidio, teve uma união com a família de Ponciano da Silva, porque o avô de Edmundo Passos, atual capitão da chegança é parente do Totonio, que por sua vez é filho de Ponciano.

ANTONIO PEDRO DA SILVA (TOTÔNIO DE PONCIANO)

Filho de Ponciano da Silva. A depoente, sua filha Raimunda da Silva não se lembra do nome da sua genitora. Nasceu em 27-06-1903 e faleceu em 07-09-1994. Foi casado com D. Eugênia da Silva, de cuja união teve os filhos: Humberto, José (Buzé), Eurides, Antonio e Babado (a depoente lembrou-se apenas do seu apelido). Aos dezoito anos, de outro relacionamento tornou-se pai de Manoel Flordolino Rocha que tornou-se seu companheiro na Chegança dos Mouros. De outros relacionamentos teve os filhos: Raimunda, Sizete, Idalia, Raimundo, Pedro conhecido como Miliano, Francisco, (Chico Pampo), Alabá e Salseiro.

Foto n° 15 de Jônatas Conceição da Silva: "Seu" Totônio de Ponciano-1997

Conforme depoimento do Sr. Edmundo Passos de Jesus ele foi criador da Chegança dos Mouros, junto com seu companheiro Manuel dos Passos de Jesus. (Passinho) Era pescador e Marceneiro. Representava na chegança o General, cargo que foi passado para o seu filho Flordolino, quando do seu falecimento. O seu último papel na chegança era o de Comandante.

MANOEL FLORDOLINO ROCHA (EURICO)

Foto n° 16 de Jônatas Conceição da Silva: Manoel Flordolino Rocha - 1997

Conforme relato do próprio, em julho de 2005, na residência de sua filha mais velha em Saubara, o mesmo era filho de Antonio Pedro da Silva, conhecido como Totonho e de D. Aurelina Rocha. Nasceu em 27-11-1921, estando pois com 84 anos de idade. Em seu depoimento, apesar do brilho nos olhos, pela satisfação em relatar a sua experiência na chegança, era evidente que estava muito doente. Embora em tal estado, estava, completamente lúcido. Relatou que participara da Chegança dos Mouros – A Barca Nova, pela primeira vez em 1939, aos 17 anos como General e lutava espada. Nesta ocasião o responsável pela chegança era o seu pai, Antonio Pedro da Silva, apelidado Totônio de Ponciano, juntamente com o pescador, Manuel Passos (Passinho). Quem fazia o papel de um dos Mouros, era Antonio Damásio Tosta (Mosquito); já não lembrava quem fizera o papel do outro mouro.

"Seu" Totonho teve outros filhos, porém o seu sucessor na chegança fora Manoel Flordolino Rocha, conhecido como Eurico. Segundo relato deste, "seu" Totonho faleceu em 1994.

Manoel Flordolino teve vinte e oito filhos dos quais vinte e três estão vivos. Segundo relato de D. Olga com quem teve doze filhos, dos quais oito estão vivos era um homem muito sedutor. Faleceu no dia 06 de janeiro de 2006. Por coincidência, dia da festa dos Santos Reis, em que a Chegança dos Mouros, costumava apresentar-se.

CÂNDIDO MENDES DA SILVA (Candinho)

Segundo depoimento do seu filho Domingos Mendes da Silva, músico aposentado, "seu" Cândido nasceu em Saubara em 1878 e faleceu de câncer de próstata em 1940 aos sessenta e dois anos. Filho de Euzébio Mendes da Silva. O depoente não lembrou-se do nome de sua genitora. Era roceiro; plantava mandioca, melancia e outros produtos em um lugar de Saubara chamado Ilha. Do primeiro casamento com a Sra. Joana Antonina dos Anjos teve os filhos: Lindaura (Lindu), Arlinda (Lili), João e Antonina (Moçazinha) já falecidos.

Do segundo casamento com a Sra. Maria Amélia de Brito, além do próprio depoente, teve os filhos Ester Mendes da Silva, Antonio Mendes da Silva, Benedita Mendes da Silva, Morena Mendes da Silva, Eurico Mendes da Silva (seu Velho) e Celina Mendes da Silva (Miúda), hoje com 88 anos.

O Sr. Cândido juntamente com o Sr. Luiz Gonzaga de Brito (Dudu), que era irmão de sua esposa, Maria Amélia, organizou por muitos anos a Chegança dos Mouros – A Barca Nova. O seu filho Domingos, declarou que "a chegança não se apresentou na festa a São Domingos no ano de 1940, quando Saubara recebeu a visita da chegança de Mar Grande, porque meu pai já estava muito doente; o traje era todo branco" (referindo-se ao traje da Chegança de Mar Grande).

Segundo depoimento do Sr. Domingos a festa do Dois de Julho também tinha um significado especial para o Sr. Cândido. Todos os anos, juntamente com Dona Domitilha da Paixão organizava um grupo de quinze a vinte homens, todos com chapéus de palha verde e amarelo (a cor era da própria palha). Cantavam várias músicas. "Seu" Chico Borges acompanhava o grupo tocando sanfona e "seu" João Popô e "seu" Joaquim Lélis(Quinquim) tocando violão. "Seu" Cândido e D. Domitilha amarravam a corda do carro da cabocla às suas cintura e saia puxando o carro à frente do cortejo. A sua companheira e organizadora do primeiro desfile ao Dois de Julho em Saubara dizia uma frase que ficou na história:" se o Dois de Julho acabar, o que será de nós?"

DOMINGOS MENDES DA SILVA

O depoente em sua residência em agosto de 2005 declarou que era filho de Cândido Mendes da Silva e Maria Amélia de Brito. Seus avós maternos eram Pedro Atanásio de Brito e Clotildes de Brito e avô paterno Euzébio Mendes da Silva. (não lembrou-se do nome da avó paterna). O mesmo reside na Rua Nova Floresta – Coréia – Rocinha.

Nasceu em 1923. Atualmente está com 82 anos. Participou pela primeira vez da Chegança dos Mouros aos sete anos, representando o calafate, "era o arengueiro, o que fazia queixas ao grande" Lembra-se que quando tinha 13 ou 14 anos as duas cheganças se "pegaram". "Teve uma luta terrível; quem acalmou os ânimos foram 'seu' Dudu e 'seu' Cândido". Segundo o mesmo, "no tempo de 'seu' Dudu havia uma grande rivalidade entre as duas; uma queria ser melhor que a outra". Na época o organizador da chegança era o Sr. Luiz Gonzaga de Brito (Dudu), casado com a sua tia Maria Amélia de Brito. Informou que aos 14 anos, em 1937

deixou a chegança e se incorporou à Filarmônica para aprender música com o maestro Luiz Bermanni. Foi contratado como músico, recebendo R$400 mil reis por mês, pago pelo Sr. Ananias Requião. Esta importância era-lhe paga da contruibuição que os associados da filarmônica pagavam mensalmente.

Foto nº 17 Acervo da Filarmônica São Domingos de Gusmão. Maestro Domingos Mendes da Silva com alunos – 1962 a 1967.

Sua primeira apresentação na filarmônica foi no dia 03/05/1938. Tocava trompa; Permaneceu na filarmônica até setembro de 2003, porque entrou um novo presidente e mandou que ele descansasse. Foi Mestre da filarmônica de 1980 a 2003. Ganhava um salário mínimo todo mês. Continua recebendo essa importância. Foi dispensado do exército. Sempre viveu da música e da pescaria.

A respeito da atual situação da Chegança dos Mouros com poucos integrantes, sem sede própria, sem participar da festa do padroeiro, declarou:

"A chegança está se acabando porque só esperam pelo prefeito. Quando o povo que fazia, saía tudo bem organizado e bonito. Agora, parece que estão pedindo esmolas; não tem administração, Deve continuar porque é importante para a cidade"

EURICO MENDES DA SILVA (entrevista concedida em julho/2005)

Em sua residência em julho/2005, o depoente declarou ter nascido em 13-09-1921 Reside na rua do Dendê, s/n – Rocinha. Filho de Cândido Mendes da Silva, ex-coordenador da chegança. Participou da chegança pela primeira vez como calafate quando tinha mais ou menos doze anos. Representou por duas vezes o calafate e por uma vez representou o mouro velho.

Neste último papel já participava também da filarmônica. Deixou de participar da chegança antes dos dezoito anos para ingressar nessa agremiação.

O depoente não pode conversar muito, pois estava bastante fragilizado e com problemas de audição. As minhas perguntas eram repetidas por uma ajudante de sua residência em tom de voz mais alto. O mesmo veio a falecer em 2006.

MANUEL PASSOS DE JESUS (PASSINHO)

Conforme depoimento do seu filho Edmundo Passos de Jesus o mesmo era filho de Manoel Eráclio Passos de Jesus (não lembra-se o nome de sua mãe). Nasceu em 1909 e faleceu em 02-10-1997 aos 88 anos.

Era pescador, representou na chegança o papel de Patrão (Mestre) e tinha como companheiro na coordenação, Antonio Pedro da Silva, marceneiro, apelidado Totônio. O seu filho Edmundo Passos de Jesus que passou a integrar a Chegança dos Mouros a partir de 1976 não lembrou a data de seu nascimento. Felizmente o pesquisador Nelson de Araújo em sua obra Pequenos Mundos: um panorama da cultura popular da Bahia (1986, p. 98), registrou que quando o entrevistou em 1985 ele estava com 76 anos e registrou também sua fala "**no tempo dele já existia**". Neste momento ele estava afirmando que no tempo do seu bisavô a chegança já existia, porém não faz referência sobre a participação de seu pai e avô na manifestação. Ao falecer, o seu filho Edmundo, ficou representando o papel que era o seu, o de Mestre.

JOSÉ RODRIGUES VILARINO

Segundo depoimento de sua filha, dado em agosto/05, Antonia Agripina de Jesus, o Sr. Vilarino participou das duas cheganças, a dos Mouros e a Fragata Brasileira. Participava também da "esmola de Santo Antonio", cantando de casa em casa. Seus pais eram Manoel Caboclo dos Santos e Maria Josefa das Virgens. Era casado com Maria Francisca de Jesus.

Trabalhava tirando piaçava no mato. D. Antonia lembra que o pai faleceu no dia 1º de novembro há mais de vinte anos, mas não recorda o ano, nem a idade que faleceu.

ANTONIO DAMASIO TOSTA (MOSQUITO)

Conforme depoimento de seu filho Vevéio, o mesmo nasceu em 1903 e faleceu 12-08-1990 com 87 anos. Era filho de Antonio Olímpio de Almeida e Deoclides Vieira Tosta.

Foi casado com Maria São Pedro de Oliveira de cuja união teve os filhos: Antonio Faustino Tosta, Haroldo de Oliveira Tosta, André de Oliveira Tosta, Cosme de Oliveira Tosta, Zara de Oliveira Tosta, Rute de Oliveira Tosta, Gessy Tosta de Andrade, Vevéio.

Irmãos: Julieta de Almeida Gomes (Pomba), Flávia (Fava), Mariinha, Urânia (Birlo) e Bago.

O seu filho Vevéio não soube dar nenhuma informação sobre a sua atuação na chegança, porém, conforme depoimento de Eurico, seu companheiro no folguedo ele representava o Mouro Pai. A minha prima Florinéia confirmou a sua participação como mouro na festa do Dia de Reis em janeiro/1957, ano em que a mesma casou-se com o Sr. Ponciano Ribeiro, seis dias após a festa do Dia de Reis. Participou também dos bailes pastoris de "seu" Chico Borges, interpretando o escravo Singo no Quadro de Herodes e o de feitor no quadro "A escrava Isaura". Rocha em seu trabalho, "Quatro Sobrados e Coretos – breve história de 10 municípios do interior da Bahia e suas bandas contempladas pelo projeto Domingueiras", transcreve uma citação do Sr. Benedito José Araújo: "aqui tinha um músico apelidado Mosquito e no Dois de Julho ele dizia: 'quer dizer que eu só sou brasileiro nesta época, nas outras épocas eu sou estrangeiro'. Isso porque só se lembravam dele para tocar no Dois de Julho de graça". Além de músico (tocava trombone), tinha pendores para teatro. Participava do baile pastoril organizado pelo Sr. Chico Borges. Segundo depoimento da Sra. Leninha nora de Chico Borges, Mosquito fazia o papel do feitor no baile da escrava Isaura.. O seu primo João Capenga afirmou que o mesmo " era o melhor fazedor de mote de Judas e leiloeiro; era muito engraçado; nas quermesses, festas de time de futebol, era sempre ele quem animava os leilões. Quando aproximava-se o sábado de Aleluia, era muito procurado na região para fazer o mote de Judas. No seu armazém na ladeira da Matriz tinha pregado: Samuel que diz que é meu irmão, me tomou uma caixa de fósforo e duas de charuto e não me pagou".

BENEDITO CÂNDIDO DE JESUS (BORDOADA)

Em entrevista na residência de sua mãe, à rua do Curuzu – Rocinha, o mesmo declarou ter nascido em 21-11-1938 em Saubara. É filho de D. Maria Bastiana dos Santos (Miúda). É

conhecido como Bordoada. Tem esse apelido desde criança. No seu depoimento disse ter saído pela primeira vez na chegança aos 18 anos. “Não saí antes dos 18 anos, porque não dava valor”. Nesta época o mouro era Eurico, apelidado “Seu Velho”. Sempre representou na chegança o papel de 2º gajeiro. “Saio na chegança porque gosto e pretendo continuar até as pernas aguentar”.

EDELZUITO PASSOS BRANGATE

Em sua residência na Rocinha o mesmo declarou ter nascido em 07 de dezembro de 1936. É filho de Emanuel Brangato e Maria Almerinda Xavier Passos. Entrou na Chegança ao aceitar o convite do Sr. Manuel dos Passos, pai de Pintinho, atual capitão da chegança, para representar o “mouro pai”. “Meu pai nunca saiu na chegança, mas eu gostei e saí muito tempo; hoje não agüento mais”. Sua esposa, D. Vanda Rocha era pastora no terno da Bailarina e sua neta Elissandra Rocha do Carmo era camponesa no mesmo terno.

VALDIVINO MOREIRA (MANTINHA)

Em sua residência na Rocinha, o mesmo declarou ter nascido em 17 de outubro de 1933 em Saubara. É casado com D. Dulcelina Gonzaga de Jesus, conhecida por Doú. Saiu pela primeira vez na Chegança dos Mouros, quando sua primeira filha Lúcia, tinha cinco anos, em 1958, logo ele tinha 25 anos. Neste ano o mouro velho foi Delzo e o mouro filho era Cavalo Roído. Declarou ainda:

“Entrei para a chegança porque gosto. Hoje não saiu porque não agüento mais o ritmo da chegança; as pernas não agüentam. A Prefeitura não dá importância ao povo de baixo, não gosta do povo de baixo. O antigo prefeito, Jambeiro, apoiava”. Quando ele fala “o povo de baixo”, refere-se às pessoas que moram na Rocinha, local onde residem os integrantes da Chegança dos Mouros, local afastado do centro de Saubara.

LOURIVAL NUNES DA ROCHA

Em seu estabelecimento comercial na Rocinha, o mesmo declarou ter nascido em 1938. É natural de Santiago de Iguape – Cachoeira, mas reside em Saubara há muitos anos. Participou da chegança na época “seu” Totônio que era o coordenador da mesma. Ficou um tempo afastado. Voltou a assistir há seis anos ao ensaio do grupo e a convite de um amigo resolveu voltar à participar da manifestação. Representa na mesma o papel de patrão, o que o faz com muito entusiasmo.

ERALDO DE SANTANA

Em sua residência na rua da Rocinha, o mesmo declarou que nasceu em 13-07-1930. Sempre foi pescador. Passou a participar da chegança quando tinha mais ou menos 22 anos e deixou de participar a mais ou menos uns 15 anos. Apesar de não participar, enquanto pode acompanhava o grupo. Quando estive em Saubara em junho/2007, o seu filho Nalverito dos Santos Santana participou-me do seu falecimento em abril do corrente.

CARLOS ANTONIO DOS SANTOS (Caballero)

O seu filho Lindomar dos Santos, declarou que o mesmo nasceu em 1946. Participou da chegança durante muitos anos e só o deixou de fazer com o seu falecimento em 2005, com 59 anos. " A chegança era a sua vida". Assumiu dois cargos no folguedo, o de guia, a pessoa que tira as músicas e o de general, o cristão que executa o duelo de espadas com o Imperador da Turquia.

Foto n°18 de Jônatas Conceição da Silva: Carlos Antonio dos Santos (Cabalero) em combate com Fernando Sampaio Barbosa(Cavalo Roído) – 1997.

LINDOMAR DOS SANTOS

Declarou que nasceu: 1970. Atualmente com 37 anos é diretor da Centro Educacional Marco Antonio do Carmo, local onde o entrevistei. Entrou na chegança em 1980, aos dez anos de idade como calafetinho, encaminhado por seu pai. Depois passou a ser marujo. Deixou a chegança no ano 2000 aos trinta anos. A sua altura 2.04m e o tamanho do seu pé muito grande, dificultava a aquisição do uniforme e sapato para a brincadeira. Na entrevista concedida em novembro de 2006, revelou que o seu sonho é formar uma chegança com 40 alunos do colégio o qual é diretor.

FRANCISCO DOS PASSOS (CHICO PAMPO)

Atualmente está com 83 anos. Filho de Antonio Pedro da Silva (Totônio) e Maria Antonia Passos. Nasceu em 08 de junho de 1924. Seu pai durante muito tempo foi o coordenador da Chegança dos mouros. Declarou que seu avô paterno Ponciano da Silva nunca participou da chegança. Seus tios por parte de pai eram Edgar, Florêncio, Dina, Durico e o caçula Binho, que tocava na filarmônica. Dois de seus irmãos participaram da chegança: Manoel Flordolino Rocha e Humberto. Deixou de participar da chegança porque em um comício do candidato a prefeito de Santo Amaro, Renato Leone de Itapema, realizado em Acupe, um caminhão passou sobre o seu pé. No caminhão estavam muitas pessoas que tinham ido assistir ao comício, por isto o trauma fora grave. Isto ocorreu a mais de 20 anos.

FERNANDO SAMPAIO BARBOSA – conhecido como Cavalo Roído, tem 58 anos, é pescador e mora na ladeira da Igreja. Na entrevista concedida em novembro/2006, assim foi o diálogo;

AMS - o que a chegança dos Mouros representa para o senhor? Algum parente seu também participou dela?

FSB - A Chegança dos Mouros é uma coisa que o povo de Saubara não dá valor; não sabe o que é que tem. Parente meu na chegança nunca saiu nenhum. Saio há 32 anos, agora tenho 59 anos. Nessa chegança aqui de baixo toda a vida fui o Mouro Azilino, é o filho. Eu saia na chegança de lá de cima, na Fragata Brasileira, então faltou o mouro Pintinho que viajou pra Salvador. O falecido ”Mosquito” que era o mouro velho aí me convidou pra vir aqui pra baixo; foi aí que passei a fazer parte.

AMS - Houve alguma discordância ou aborrecimento do pessoal da Fragata, em o senhor vir para a Chegança dos Mouros?

FSB- O pessoal da Fragata? Não, não ficou aborrecido não, porque quando a daqui debaixo saia, eu saia, quando a de lá de cima saia, eu saia.

AMS -Há possibilidade dessa chegança ainda ser renovada?

FSB - Há, tendo força de vontade sim.

MAS - Os jovens estão aderindo à chegança?

FSB - Alguns daqui debaixo sim, mas a maioria lá de baixo do Porto não sai nessa brincadeira não. Não querem, não querem mesmo; não preservam o que tem. Quando é uma apresentação em Salvador vem todo mundo; quando é aqui ninguém vem.
Aqui é tipo uma política. Quem é daqui de baixo sai na chegança aqui de baixo; quem é de lá de cima sai na Fragata. Não querem se misturar.

ANTONIO LÁZARO SILVA DOS SANTOS (LAZINHO)
Na entrevista concedida em novembro de 2006 o mesmo declarou que na chegança faz o papel de um dos guia, a pessoa que tira as músicas.
AMS - O que representa para o senhor a chegança dos mouros. Seu pai ou algum parente participou da chegança?
ALSS – Meu avô Totônio que faleceu participou e meu pai ainda participa. A chegança prá mim é a melhor manifestação cultural que existe em todo o estado da Bahia. Porque foi uma manifestação que eu saio nela através de meu avô e através de meu pai que eu já saio na chegança a uns 21 anos. Foi meu avô Totônio que me colocou nela e através disso aí foi que eu aprendi a amar e a valorizar esta manifestação, só que o pessoal daqui não dá o valor que ela merece. Só o pessoal de fora, quando a gente sai é que sabe a importância que tem a chegança aqui pra nossa cidade.

Já recebemos muitos convites pra se apresentar fora de Saubara. Aí ta com mais ou menos dois anos que a gente não recebe convite nenhum. Não sei se é através de política porque a maioria daqui de baixo apoio o outro prefeito. Aí através disso a gente parou. Quando tem algum convite prá fora não chamam a gente. Depois que esse prefeito tomou posse, a gente nunca mais saiu pra lugar nenhum. Tem alguns convites que ele convida pra sair aqui no município. Aí...O pessoal tá fazendo corpo mole porque quando tem convite pra fora ele não chama a gente. Por esse motivo é que a chegança está nesta decadência. Quando meu avô Totônio faleceu em 1994, ficou eu e meu pai. Meu pai é vivo. É Lázaro.

AMS – O senhor acha válido colocar a história da Chegança dos Mouros como conteúdo de uma disciplina nas escolas de Saubara?

ALSS - **Há essa possibilidade. Aí agora tem que ter um incentivo, principalmente da Prefeitura e também da Secretária de Educação**. Pode organizar assim um evento de convidar as escolas pra gente fazer uma apresentação, explicar a eles (os alunos) a importância que tem essa cultura prá nosso município. Aí vai passando isso pros professores né?

ANTONIO PASSOS

Apesar de estar um pouco apressado, o depoente concedeu-me essa entrevista em novembro de 2006 no interior do bar de "seu" Lourival, também integrante da chegança que fica localizado na Rocinha.

AMS - por que motivo o senhor deixou de participar da chegança? E sobre a causa da paralisação da mesma por quase vinte anos, respondeu:

AP- Já não quero mais brincar não. Aí bota outro em meu lugar! Ai botaram outro em meu lugar. Tava indo bem, de repente foi, todo mundo se esfriaram! Quando tinha ensaio um ia outro não ia Aí levou um tempão sem sair na rua ta! E quando formou outra e me convidaram. Aí! Não quero mais não! Ficou mais de cinco anos! Ficou muito tempo sem brincar! Ficou muito tempo de me esfriar! Aí, eu não quero mais!

AMS - Que papel o senhor representava na chegança?

AP – Eu era o mouro velho. O mouro filho, que saia comigo era Cavalo Roído. Isso foi na faixa de 70 eu tava moderninho ainda.

AMS – Se o senhor for convidado para retornar à chegança o senhor aceita?

AP - Se me chamarem de novo não dá mais ! A parte mesmo que eu cantava era muito longa.

AMS – O que significa a chegança para o senhor?

AP - Ah é ótima é uma das melhores brincadeiras que a Saubara tem. É, a mais antiga é a dos mouros. Essa brincadeira. Pode conversar em qualquer lugar!

AMS – O que o senhor acha da falta de apoio do prefeito para com a chegança?

AP - O prefeito? Ele dá apoio a todas duas. Se for questão de dar apoio o prefeito dá a todas duas

AMS – Algum parente ou filho do senhor sai na chegança?

AP - Meu filho nunca quis sair na chegança. Nunca chamei, mas ele nunca quis brincar não. Só tenho um filho ele tá com 48 anos. A brincadeira dele só era bola.

3.6 A CHEGANÇA HOJE

Nos contatos com a comunidade percebe-se que uma considerável parcela da mesma não se integra ao grupo. Prioriza a filarmônica local. Um exemplo desse fato é o Sr. Domingos Mendes da Silva, hoje com oitenta e três anos. Participou pela primeira vez da chegança aos doze anos. Aos quatorze anos saiu da chegança para integrar-se à filarmônica e aprender música com um descendente de alemão, o Sr. Luiz Bermanni que residiu com sua família em Saubara por dez anos. O Sr. Bermanni, citado por Florinéia costumava comentar que "gostaria que o povo de Saubara fosse tão interessado quanto os de Bom Jesus dos Pobres e os daquela localidade, tão inteligentes quanto os de Saubara". A cultura européia foi mais importante não só para "seu" Domingos, mas também para outros jovens que não participaram sequer uma vez da chegança.

Para "seu" Domingos a filarmônica não lhe oferecia apenas a possibilidade de desenvolver o seu talento musical, o status de tocar um instrumento através de partitura, mas, também, um meio de sobrevivência no futuro, a garantia de um salário. Foi contratado após tornar-se um profissional em música, percebendo um salário mensal de quatrocentos mil réis. Essa importância era paga pelo Sr. Ananias Requião, um dos associados da Filarmônica e dono de terras em Saubara . "Seu" Domingos aposentou-se como músico aos 80 anos, em 2003. Os jovens que não tiveram acesso à filarmônica, posteriormente aposentaram-se pelo FUNRURAL, como pescadores ou em outras profissões.

Atualmente jovens saubarenses que optaram pelo ingresso na filarmônica, estão ingressando nas bandas da polícia militar, do exército ou bandas particulares, devido ao conhecimento musical adquirido naquela agremiação.

Essa é uma realidade comentada por Muniz Sodré quando o mesmo argumenta que sob a autoridade da globalização, o culturalismo é geralmente um novo meio de administração das diferenças socioeconômicas e de dissimulação de problemas de sobrevivência das populações às quais está negado em princípio o acesso aos lucros materiais da universalidade (SODRÉ, 1999, p. 19)

O sentimento de preservação da herança cultural dos organizadores de ambas as cheganças foi mais forte do que a crise econômica, porque decerto passara aquela vila, na Década de 30.

Sobre este sentimento Ernest Renam citado por Hall, em seu ensaio sobre cultura nacional e identidade menciona que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação:"...a posse em comum de um rico legado de memórias.., o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisiva, a herança que se recebeu" (RENAM, 1990 apud HALL, 1997 p. 62).

A identidade dos pescadores com a manifestação foi também um elemento decisivo no que diz respeito ao retorno do exercício da mesma, após tanto tempo inativo. Não conseguiram manter a seqüência de apresentações nos anos próximos, porém fizeram-se lembrados. Foi como um clamor, um despertar, como se quisessem dizer para toda a vila ouvir: estamos vivos, a tradição continua, não a deixamos morrer!

Leda Maria Martins citada por Josias Pires Neto em seu trabalho Bahia Singular e Plural (2005), adota o seguinte conceito de tradição: "(...) as tradições culturais, orais e escritas, não se constituem como um lugar-depósito periodicamente revisitados pelos sujeitos, mas, sim, como sistemas formais de organização, repertório, sim, mas de signos em processos operantes de recomposição diversificada, engendrados pelas culturas e seus sujeitos" (MARTINS, 1997:126 apud PIRES NETO, 2005 p.60/61).

Atualmente em Saubara está havendo uma grande profusão de igrejas evangélicas, que atraem para si um grande número de jovens. Sabemos que a estratégia dessas igrejas é evangelizar,

anulando literalmente a cultura local, causando um enorme prejuízo no sentido do fortalecimento da identidade cultural regional desses jovens. Morin aborda a questão sobre a identidade humana, mantida através da cultura nestes termos:

> A cultura mantém a identidade humana naquilo que tem de específico; as culturas são aparentemente fechadas em si mesmas para salvaguardar sua identidade singular. Mas, na realidade, são também abertas: integram nelas não somente os saberes e técnicas, mas também idéias, costumes, alimentos, indivíduos vindos de fora. As assimilações de uma cultura a outra são enriquecedoras. (MORIN, 2004: 57).

O grupo Chegança dos Mouros – A Barca Nova recebe vários estereótipos pela comunidade tais como desorganizados, indisciplinados. Tais estereótipos marcam o grupo, fazendo muitas vezes, com que eles próprios sintam que não valem muito, não merecem o prestígio da comunidade, como espelham as palavras de "seu" Mantinha (Valdivino Moreira), ex-integrante do grupo, hoje com setenta e três anos:

O secretariado desvia os convites da Chegança dos Mouros para outros grupos da cidade. "O que é ruim, mora na casa de quem não presta", por isso ele não vai quando o prefeito chama para apresentar aqui. O prefeito faz isso e seu secretariado, porque "em terra de cego quem tem olho é rei" (MANTINHA, agosto, 2006).

Sobre o estereótipo Bhabha (1998) afirma:

> Reconhecer o estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conhecer a relação entre o discurso e a política. A analítica da ambivalência questiona as posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação (...) Julgar a imagem estereotipada com base em uma normatividade política prévia é descarta-la, não desloca-la, o que só é possível ao se lidar com sua eficácia, com o repertório de posições de poder e resistência, dominação e dependência, que constrói o sujeito da identificação colonial (tanto colonizador como colonizado) (BHABHA 1998, p. 106).

No decorrer do tempo um fator positivo ocorreu nas relações entre a Chegança dos Mouros e a outra chegança da cidade, a Marujada Fragata Brasileira. Se outrora os dois grupos já travaram luta corporal em plena festa ao padroeiro, por rivalidades, por uma querer ser melhor

que a outra, conforme relato de “seu” Domingos Mendes, ex-integrante da primeira, hoje a relação é de plena harmonia. Um exemplo bem interessante dessa harmonia ocorreu no dia 04 de agosto do corrente (2007), dia de São Domingos. Ia pela rua da Rocinha, junto com Roque Damião, companheiro que sempre me ajudou a localizar as residências dos marujos, à procura de Osmar Tosta, contramestre da chegança para saber se o grupo iria apresentar-se na festa. Quando o encontramos Roque fez-lhe a pergunta ao que o mesmo respondeu. “Não vamos sair, muita gente foi pescar, além disso, emprestei o meu sapato”. Não consegui ouvir para quem ele emprestou o sapato, pois ele falou muito rápido, mas entendi que o empréstimo foi para alguém da marujada. Com isto fica evidente, que eles entenderam que no íntimo a chegança é uma só. Que o objetivo das duas é o mesmo: manter a tradição, deixar esse belíssimo legado para os seus descendentes, divulgar o nome da cidade através dos seus cantos e seu bailado. Entenderam que se ajudando mutuamente eles serão mais fortes, **suas vozes ecoarão em dimensão maior, seus ecos tornar-se-ão uníssono e mais forte.**

A Chegança dos Mouros a partir de certo tempo assumiu uma postura que lhe é peculiar: só apresenta-se na festa ao padroeiro se houver convite da prefeitura local. Por essa razão está há três anos sem participar da festa de São Domingos no dia 04 de agosto e da festa do dia dos Santos Reis, a 06 de janeiro. Algumas pessoas da comunidade não concordam com essa postura.

Felizmente em junho próximo passado, “seu” João, Presidente da colônia de pescadores de Acupe, município do distrito de Santo Amaro, fez um convite à chegança para a mesma apresentar-se naquele município na festa de São Pedro, dia 29 de junho. Quando soube da notícia, por telefone, pois estava sempre em contato com o seu contramestre, consegui uma filmadora emprestada e finalmente consegui fazer a primeira filmagem do grupo. Desde 2005, estava esperando por essa oportunidade. A missa foi muito longa e decidi sair um pouco à procura do grupo, pois ainda não os tinha visto. Alguém me indicou a casa onde eles estavam e percebi que eles estavam ansiosos; já passava das onze e meia e a missa não acabava. Enfim a missa acabou e a entrada do grupo na igreja louvando ao Santíssimo Sacramento foi emocionante. Tive que fazer um grande esforço para conter a minha emoção. Depois que o grupo entrou todos se ajoelharam em fila dupla e começaram a cantar. Terminada a louvação retiraram-se de costas, sempre cantando, e só deram as costas para o altar quando todos já estavam fora da igreja. Daí saiu alegrando as ruas de Acupe com suas vozes. Apesar da chuva fina que caia insistentemente sobre a cidade, o grupo não desanimou e só deram uma pausa

para almoçar. O almoço foi oferecido pela colônia de pescadores de Acupe. Outrora era comum algumas famílias convidarem o grupo para o almoço no dia da festa. Embora fosse servido o trivial: feijoada ou moqueca, este era um momento especial, de conversas, comentários sobre a festa e também de estreitamento das relações. Infelizmente o poder aquisitivo do povo saubarense não permite mais esse tipo de confraternização.

Dois dias após a festa telefonei para Tosta a fim de confirmar a presença da chegança na festa de São Domingos no dia 04 de agosto, ao que ele me respondeu:

> Eu não posso garantir, porque com o pessoal da chegança eu não posso garantir nada. Eles usam os sapatos para ir a casamentos, aniversário e até pra pescaria pra não ferirem os pés. O problema é que quando voltam da pescaria, não limpam e não guardam os sapatos. Já consegui tomar de volta três pares. Os únicos componentes que devolvem a roupa pra guardar são os que representam os mouros, porque a roupa é de cetim vermelho e não serve pra ser usada no diário (01-07-2007).

O depoente declarou também, que "seu" João quando fez o convite ao grupo teve que providenciar cinco pares de sapatos e três camisas de brim. As boinas foram emprestadas pelo diretor do Centro Educacional Marcos Antonio do Carmo, Lindomar dos Santos, ex-integrante da chegança. Há também a promessa do prefeito da cidade de mandar construir a sede do grupo.

Inscrevemos o grupo no concurso de projetos promovido pela Secretaria de Cultura, "Prêmio Manifestações Tradicionais da Cultura Popular", que tem como objetivo a premiação de projetos de grupos tradicionais da cultura popular do Estado da Bahia, em atividades há pelo menos dez anos. O desejo dos representantes do grupo é caso sejm selecionados no concurso, com a metade do valor do prêmio comprarem uniformes de marujos para os que estão precisando e a outra metade comprarem um terreno para sua futura sede.

4 - A HISTÓRIA DA ESCOLA EM SAUBARA

A indiferença à manifestação constata-se também no sistema escolar. A prioridade é para as disciplinas consideradas nobres. Só recentemente foi aflorada a sensibilidade para estudar-se a história das manifestações culturais da comunidade. O livro da escritora Judite Barros, lançado em 2002, tem ajudado muito o sistema escolar de Saubara com relação às pesquisas solicitadas aos seus alunos. A própria escritora declara que resolveu fazer a pesquisa que se transformou em livro, porque quando era do curso fundamental, precisou de dados para uma pesquisa escolar sobre o município e teve grandes dificuldades em obtê-los. Nada existia por escrito sobre a cultura saubarense.

Ortiz cita Gramsci sobre sua abordagem no folclore nas escolas, onde o mesmo diz:

> O folclore não deve ser concebido como algo bizarro, mas como algo muito sério. Somente assim o ensino será mais eficiente e determinará realmente o nascimento de uma nova cultura entre as grandes massas populares, isto é, desaparecera a separação entre cultura moderna e cultura popular ou folclore. "Uma atividade deste gênero, feita em profundidade, corresponderia no plano intelectual ao que foi a Reforma nos países protestantes" (ORTIZ, 1980: p. 48).

As festividades celebradas nas escolas de ensino fundamental e médio, são momentos que poderiam ser aproveitados para resignificação da tradição oral, que com o advento dos jornais, livros, televisão e vídeo, ficou relegada a segundo plano.

A escola deve trazer a comunidade nestes momentos e aproveitá-los para exercitar a aprendizagem transmitida oralmente, que hoje está esquecida, pois na comunidade é que acontece o verdadeiro aprendizado da vida, onde se exercita a ética, a autonomia e o conhecimento.

As estórias, os contos, os mitos contadas pelos pais e avós foram substituídos pelos desenhos animados transmitidos pelos canais de televisão, que por sua vez, freqüentemente transmitem mensagens de cunho violento. A contemporaneidade fez com que os pais, perdessem aquele momento mágico de contar estórias para os seus filhos na hora de dormir. Por sua vez as crianças já não pedem aos seus avós que as contem. Optam pela televisão ou pelo computador

e os momentos afetivos vão ficando cada vez mais raros.

Essa preocupação com relação ao modo de vida que define as culturas e as etnias está presente na obra da escritora americana Toni Morrison, citada por Rushdy (1992), que por sua é citado por Giraudo (1997) , quando ela propõe:

> O romance é necessário agora para os afro-americanos de um modo como nunca antes foi {…}. Não vivemos mais em lugares em que se possa ouvir aquelas estórias; os pais não se sentam mais ao redor contando aos seus filhos aquelas estórias clássicas, mitológicas, arquetípicas que ouvíamos a anos GIRAUDO (1997, P. 40).

.

Suponho que a indiferença a essa manifestação, deve-se ao fato do grupo ser formado por pessoas muito simples, pescadores em sua maioria, não considerados bonitos, muitos perderam a dentição, são residentes na rua da Rocinha, zona um pouco afastada do centro de Saubara. Anteriormente predominava no grupo pessoas da raça negra, atualmente foram agregados ao mesmo, jovens mestiços. Todos estes fatores contribuem para afastar os jovens que querem se aproximar do que é moderno, do que eles consideram belo.

Sobre o preconceito contra manifestações populares Juana Elbeim Santos afirma:

> Dos outros povos nos confronta, apesar de tudo, com manifestações de grande A idéia preconcebida de que a civilização Ocidental destruiu toda a criatividade impacto que preconceituosamente são chamadas de arte arcaica ou produção folclórica, repetindo-se na mesmice.(SANTOS, 2002)

A diversidade não é prática na contextura da escola em Saubara. A escola ainda é presa a uma prática pedagógica, que prioriza um modelo hegemônico de ensino.

Segundo depoimento do aluno do 2º grau Ramon do Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães, a ex-diretora desse estabelecimento, a Profª Lourdes organizava anualmente a "caminhada histórica", na qual desfilavam representações de manifestações culturais, que já existiram ou ainda existem em Saubara. Com a atual diretoria que tomou posse há dois anos, esta caminhada tão significativa deixou de acontecer.

No Centro Educacional Marco Antonio do Carmo, enquanto o diretor Lindomar, um jovem de 36 anos, tem um sonho de organizar uma chegança com quarenta meninos. A vice-diretora

dessa escola no turno vespertino, ao apresentar-lhe o motivo da minha visita àquela escola e apresentar-lhe o questionário ao qual gostaria que respondesse, disse-me imediatamente**: não gosto de chegança**! Apesar da reação da mesma deixei com ela o questionário para recebê-lo respondido no outro dia, mas quando lá retornei a mesma respondeu-me que não teve tempo para fazê-lo.

A resistência dos jovens com relação ao exercício das manifestações populares tradicionais, em se tratando do contexto de escolas públicas, onde a minha experiência é maior, na minha percepção tem uma relação direta com a rejeição da sua classe social.

Eles percebem que tais manifestações são exercitadas na maioria das vezes por pessoas simples, negras, da classe à qual eles pertencem porém não aceitam pertencer. Tais manifestações dão visibilidade às pessoas de sua classe social: por exemplo, os ternos- de-reis, onde as mocinhas que representam as ciganas são escolhidas, na maioria das vezes, entre as de pele mais claras, enquanto àquelas de pele mais escuras são reservados os papéis de pastoras e são posicionadas muitas vezes na parte final do cortejo. Acredito que, nos seus subconscientes eles não querem preservar o que rejeitam, o que querem esquecer. Optam então pelo hap, o rock, o reggae, que eles talvez ignorem que são também manifestações de origem negra. As cheganças, o congo, o ticumbi, o moçambique, a dança de São Gonçalo, o bumba-meu-boi, tudo isso pode trazer-lhes reminiscências da origem escrava.

Sobre esta questão Ana Célia da Silva afirma:

> Por seu turno, o sistema oficial desestimula o acesso a toda informação sobre a cultura e o processo civilizatório negros. Todas as tentativas de inclusão nos currículos oficiais de disciplinas que visam representar a visão de mundo africana são desconsideradas e colocadas como forma de "africanização" dos alunos, incitamento ao racismo às avessas e isolacionismo.(SILVA, 2004 p. 66/67).

JUCIARA BATISTA SILVA – entrevista concedida em julho/2006

> Meu nome é Juciara Batista da Silva eu leciono no Centro Educacional Marco Antonio do Carmo. Leciono aqui há quase oito anos. E na verdade eu não tenho nenhum parente que participa ou tenha participado da chegança. Na

> verdade eu sou uma das pessoas que está aqui há mais de 20 anos. Tenho uma grande admiração pela chegança, daqui do município É... não só pela chegança mas por toda e qualquer manifestação folclórica que venha a acontecer aqui no município. Na verdade, por não ser daqui, mas ser casada com um filho daqui de Saubara, e... a minha sogra sempre me conta alguma coisa sobre a chegança, mas coisas assim não muito significativas. Faz alguns comentários! Acho muito importante que a história da origem da chegança, que ela deve ser incluída na proposta pedagógica da escola. Porque na verdade nós já trabalhamos isso há algum tempo no resgate dessas manifestações, principalmente da chegança, porque ela é muito notada, muito admirada por todo o Recôncavo baiano. Faz-se necessário que venhamos a resgatar toda a nossa história, toda a nossa origem, para que nós venhamos a ser notados. Nós sabemos que agora com essa nova lei, **a lei federal 10.639 que inclui no currículo a história da África, dos afro-descendentes**, é pertinente que venhamos a despertar quanto à nossa identidade, a nossa identidade afro-descendente. Então quanto mais nós pudermos relembrar, resgatar esta história significa dizer que estaremos assim assumindo a nossa identidade, assumindo as nossas origens.

Entrevistei o vigário da paróquia com o intuito de obter a opinião da Igreja, o seu olhar sobre a manifestação, como ela a vê como instrumento pedagógico.

Entrevista concedida pelo PADRE JOSÉ R. DE SOUSA LIMA – Vigário da Paróquia de São Domingos de Gusmão, em 08 de setembro de 2007.

AMS – O senhor é vigário de Saubara desde que ano?

Pe. JRSL - Sou pastor deste povo desde 2001.

AMS -Qual a opinião do senhor sobre a inclusão da história da Chegança dos Mouros – A Barca Nova como conteúdo de uma disciplina no ensino fundamental e médio nas escolas de Saubara?

Pe. JRSL – Acho sim, pois a chegança dos Marujos, quanto a Barca Nova fazem a história e é parte integrante da cultura saubarense. Se a nova geração não encontrar a história consolidada, sedimentada no coração e nas mentes dos filhos desta terra, não só falada, mas escrita e ensinada nas escolas, Saubara perderá sua identidade histórica e consequentemente sua cultura que é ao mesmo tempo a história do povo e feita pelo povo. Até porque cultura é o jeito, a forma de um povo de uma determinada região viver, trabalhar, brincar, rezar, etc.

AMS – O senhor considera a manifestação Chegança dos mouros – importante para a cidade de Saubara?

Pe. JRSL – Talvez não devesse ser chamada apenas manifestação porque seria apenas opiniões públicas, mas a cultura da cidade, os costumes, modos de agir, os conhecimentos gerais, etc., que no decorrer do tempo ganharam expressões vitais pelo folclore na criatividade do povo, e isto para as novas gerações é importante sim. Por isso não pode desaparecer, sob pena de Saubara perder sua memória cultural, portanto, as expressões culturais são importantíssimas

AMS – Como o senhor vê a rejeição dos jovens pela chegança e a preferência apenas pelo ingresso na filarmônica?

Pe. JRSL – Talvez não seja propriamente rejeição de determinada forma cultural ou até pela expressão folclórica, mas por trás de tudo isto há um pensamento existencial de carreira e de emprego. Assim sendo, o ingresso na Filarmônica dá-se pelo fato de uma futura carreira, aprender uma profissão que é cultura mas é, mas é sinal de emprego no futuro e uma vida profissional. No entanto, as outras culturas como: chegança e barquinha nova, etc. formam a história que está na raiz que está no nascimento desta cidade, cuja cultura não pode ser esquecida e muito menos renegada ou rejeitada, pois a história é história e não pode passar. Assim a cultura é cultura e não pode morrer, mesmo que não gere riqueza ou profissão, mas é sempre um modo de um povo ser e se expressar e, se ensinada às novas gerações esta cultura, esta história, certamente não morrerá. O importante é que a história do povo, a cultura do povo ou da cidade não pode desaparecer só porque alguém não goste alguém não quer ou alguém quer colocar outra cultura no lugar, acabando com a primeira. Não, isso não pode acontecer na nossa história. Pode nascer outras culturas e se somar à primitiva, pois tudo é história cultural de um povo, de uma cidade, região ou Estado! Por isso o patrimônio histórico e cultural assegura os direitos ou tomba até danças e espécies de comidas... além de casas, cidades, parques florestais e muitos se tornam até patrimônio mundial pela UNESCO.

Entrevista concedida pela Profª ABIMAILDES B. RIBEIRO, cursando o 2º ano de Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil, em 08 de setembro de 2007.

Obs.: as perguntas feitas à Profª. Abimaildes, foram as mesmas feitas ao Padre José R. de Souza Lima.

1. Sim. Pois é uma forma de garantir o fortalecimento de nossa cultura no município.
2. Sim. É de fundamental importância, porque retrata a história dos pescadores e a fé em São Domingos, valorizando a transmissão cultural.
3. Os jovens não são motivados a entrar na chegança, porque a mesma não oferece oportunidades no mercado de trabalho.

Quando meu avô nasceu, em 07 de dezembro de 1872, dezesseis anos antes da abolição da escravatura, provavelmente a escola em Saubara priorizava os filhos dos senhores de engenho e grandes comerciantes. Na época existia um grande engenho na Vila do Acupe. As escolas certamente eram organizadas pelos comerciantes locais, que almejavam ver seus filhos alfabetizados e decerto contratavam professoras das cidades mais próximas, Santo Amaro, por exemplo, para o sublime ofício de amor e dedicação.

A professora das primeiras letras da minha tia Maria Adelita (Dedé) que nasceu em 1911, foi a Sra. Isaura Borges dos Reis e depois a Sra. Dgézir Cerqueira Santos; As mesmas devem ter sido também, professora da minha tia mais velha, Aurelina, que nasceu em 17 de julho de 1894 e não concluiu o curso primário, por ter ficado órfã de mãe aos dez anos e ter que criar seus sete irmãos menores, juntamente com seu pai Ambrósio Hipólito da Silva, que optara em não contrair segundas núpcias.

Conforme informação da Sra. Idalina Sacramento, na década de 20 a Profª Carmelita Carvalho Braga, lecionou na vila, tendo sido professora do seu irmão, Sr. Isael Sacramento, hoje escrivão aposentado, aos 92 anos.

No fim da década de trinta, a professora da Vila era a Sra. Dulce Menezes, que fora professora de José Alves da Silva, meu irmão mais velho. Este era órfão de mãe e fora criado por um tempo em Saubara, por tia Aurelina (Lalá), que já tinha anteriormente criado seus sete irmãos menores.

Outras professoras que exerceram a profissão na então Vila de Saubara:
Silvandira Borges dos Santos, Brasília Nazeazeno Moreira, Nair Saraiva Ribeiro (início da década de 40) Dalternira (em 1945), Durvalina Dórea, Edite Margarida de Carvalho

Sampaio, Eutália Alves Cruz(1956), Hilda Maria Cerqueira Requião (1959), Anésia Gomes dos Santos, Patrocínia Monteiro Portugal(Mariazinha), Maria Lopes, Maria José Sanches, Francisco do Iguape, Tarcília (lecionou antes de 1954), Faustina (falecida há 21 anos em um acidente marítimo).

A primeira professora leiga contratada pela Prefeitura de Santo Amaro, para lecionar em Saubara foi a Sra. Valdelina Siqueira Santos, então com 25 anos, nativa e residente na Vila. Foi contratada em 03 de março de 1943 pelo prefeito de Santo Amaro, Olívio Martins, que residia em Oliveira dos Campinhos. A mesma ensinava apenas às crianças que cursavam a primeira série. Quando as mesmas eram aprovadas para a série seguinte, eram entregues a uma professora da rede estadual.

A depoente Valdelina supõe que as primeiras professoras contratadas pelo governo estadual para a Vila, ali chegaram provavelmente em 1914 ou 1915.

Finalmente em 06 de agosto de 1953, no governo de Regis Pacheco, fora inaugurada a primeira escola estadual, o Grupo Escolar Caio Moura, tendo como 1ª, 2ª, 3ª e 4ª , 5º , 6ª diretoras, respectivamente: Nair Saraiva Ribeiro, Hilda Maria, Anete Viana, Marinalva Conceição de Jesus., Maria Auxiliadora e Rita Jambeiro, sobrinha do 1º ex-prefeito de Saubara, Sr. Antonio César Schoucair Jambeiro.

No grupo escolar lecionaram as professoras/professor:
Maria Sonia Tosta de Alcântara - na década de 50;
Elizabete Dalva Fernandes Gonçalves (Betinha) – na década de 60;
Mário de Moura Requião Filho

Em 1974 por decreto da República Federativa do Brasil nº 21.455 de 29-09-69, publicado no Diário Oficial de 30-09-69 o Centro de Educação Técnica da Bahia, cuja diretora executiva era a Profª Clélia Silveira Andrade, no governo de Roberto Santos, promoveu o HAPROL-Curso de Habilitação dos Profesores Leigos.

Este curso deu possibilidade a onze jovens de: Saubara, Cachoeira, Mata de São João, Itanagra, Conceição de Feira e Santo Amaro que desejavam lecionar mas não tinham formação em magistério, a habilitarem-se para exercer a profissão. No primeiro ano o curso

foi realizado em Saubara, nas escolas CENEC e Padre Manuel José Gonçalves Pereira, no segundo ano foi em Santo Amaro e o terceiro foi à distância

As participantes foram: Antonia do Sacramento, Maria das Mercês, Maria Adalgisa, Brasilina, Edila Siqueira Santos, Marinalva Conceição de Jesus, Tereza Mendes da Silva, Carmelita Alves Cruz, Sônia do Sacramento Soeira, Florinéa Souza Ribeiro e Darcy Ferreira dos Santos.

O curso de habilitação de Professores Leigos teve início em 1974, com duração de três anos, tendo sido concluído em 13 de março de 1977. O curso teve uma fase em Santo Amaro e outra em Saubara.

Após o curso da HAPROL, a prefeitura municipal de Saubara não mais aceitou professores leigos. Este fato lembra o tema abordado pelo professor Paulo Batista Machado,[9] no seu artigo A exclusão bem comportada ou: o que fizemos com as professoras não diplomadas no Brasil?

Nesse artigo o professor aborda a questão da escola pública no Brasil, que embora de má qualidade é resultado da perseverança e da determinação das camadas populares. Esse fato é muito relevante na zona rural. Ele considera que o empenho dos trabalhadores e professores rurais, faz existir a escola especialmente em certas zonas da região nordeste rural do Brasil. O que o autor pretende nesse estudo é uma reflexão sobre o que foi feito dos professores não diplomados ou professores leigos? Nessa reflexão o mesmo questiona:

> Conseguiu-se incorporar à escola rural a experiência centenária desses educadores que levaram nas costas a educação municipal rural durante décadas? Conseguiu-se respeitar esta história riquíssima de construção de um ensino multisseriado e rural? Onde se encontram hoje em nossos municípios essas heroínas da história da educação do nordeste brasileiro, essas agricultoras que ensinavam como frisa apropriadamente Therrien? (MACHADO, 1992, p.74)

Até 1972, em Saubara não havia o curso fundamental de 2º segmento, o antigo ginasial. O Sr. Geraldo Pereira do Nascimento, funcionário público federal, transferido do Rio de Janeiro para Saubara, vendo seus filhos chegarem à idade de concluir o curso primário, sem perspectivas de continuação dos estudos na Vila de Saubara, pois nem o governo estadual,

[9] PH.D em Educação pela universidade do Quebec em Montreal, professor titular da universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Departamento de Educação Campus VII, Senhor do Bomfim.

nem a prefeitura de Santo Amaro mostravam interesse em promover o curso, o mesmo teve a iniciativa de criar uma associação para manter o curso ginasial.

Em 1971 o Sr. Geraldo entrou em contato com a CENEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, para a implantação do curso, porém a mesma apenas emprestou o seu nome, pois quem pagava o salário dos professores era a associação.

Quem fazia parte da associação eram os pais da Vila, principalmente os pescadores. O curso ginasial começou em 1972, tendo sido o corpo docente formado de professores, em sua maioria de Cachoeira. A primeira diretora era natural de Saubara, a Sra. Maria Antonieta Sampaio dos Reis e a vice-diretora a Sra. Marise Brito Rocha, tendo a vice-diretora imediatamente assumido como diretora devido a esta ter sido aprovada no exame vestibular em Salvador.

Os professores que vieram de Cachoeira foram: Vilma, Valmira e Nolita.

A primeira eleição realizada para composição da coordenação da cooperativa foi em junho de 1971. Só os associados tiveram direito ao voto e de formar uma chapa que foi assim composta:

1º Presidente – Salvador Oruabo dos Reis (comerciante e proprietário de barco)
Vice-Presidente – Benedito José de Araújo
Secretário – Mário de Moura Requião Filho
Tesoureiro – José Francisco Soriano dos Santos

A chapa eleita tomou posse no mesmo mês. Esta coordenou a cooperativa apenas durante hum ano e as demais por dois anos cada. O colégio foi inaugurado em março de 1972 com quatro salas, na antiga Rua dos Brancos, atual Rua Ananias Requião. No decorrer do ano ampliou-se o colégio em mais duas salas. Atualmente funciona no imóvel o CEMAC.

Em 1974 a diretoria da cooperativa com a anuência do Deputado Genebaldo Correia conseguiu com o MEC, cem bolsas para os alunos, pois havia muita dificuldade em os associados mais pobres pagarem a taxa de manutenção. No fim do ano o dinheiro que os pais haviam pago como associados, era devolvido. Os alunos foram contemplados com as bolsas

do MEC, durante quatro anos até dezembro de 1978. Nessa ocasião o Sr. Geraldo, mentor da associação, retirou-se da coordenação.

A CENEC – Campanha Nacional de Escola da Comunidade permaneceu até 2001. Daí o Sr. Antonio Carlos Sampaio dos Reis, na época prefeito de Saubara, que havia emancipado-se de Santo Amaro em 13 de junho de 1989, assumiu o colégio passando a ser órgão municipal.

A primeira turma concluinte da 8ª série foi a de 1975, com quarenta e cinco alunos.

O curso de segundo grau só foi implantado pelo governo estadual em Saubara, em 1993.

5 OS CAMINHOS PERCORRIDOS

5.1 AS ENTREVISTAS

Para mim, as entrevistas foram fases de comunhão com a comunidade. A Rocinha, local onde se concentram os participantes do folguedo é um pouco distante do centro e eu tive necessidade de ir até lá diversas vezes, até duas por dia, a fim de aproveitar ao máximo a minha estadia na cidade. O compensador era ver-se a boa vontade em conceder as entrevistas. O brilho no olhar daqueles que hoje já não podem participar do folguedo, "as pernas não agüentam" como dizem alguns, ao encontrar alguém interessado em rememorar um fato que foi tão significativo em suas vidas. Muitas vezes até suas esposas vinham ajudar a rememorar quando os mesmos tinham dificuldades em expressar suas lembranças.

Iniciei as entrevistas pelas pessoas mais idosas, ex-integrantes da chegança que hoje já não têm mais resistência para participar da mesma, familiares de ex-integrantes falecidos e pelo atual coordenador, Edmundo Passos Jesus, que declarou ter revivido a chegança juntamente com seu pai em 1977. Em seguida entrevistei integrantes mais jovens, uma ex-coordenadora de um terno de reis, D. Ieda Mendes da Silva, neta do Sr.Cândido Mendes da Silva (Candinho), no passado um dos organizadores do Dois de Julho da cidade, minha prima Florinéia Silva Souza Ribeiro que me deu uma grande colaboração sobre o contexto de Saubara e alguns professores de escola pública e uma de escola particular. Entrevistei também a responsável pela Chegança dos Mouros feminina e alguns integrantes da Marujada Fragata Brasileira.

Na primeira viagem à Saubara com o objetivo de iniciar-se o trabalho de campo em 2005, fui apresentada ao Sr. Edmundo Passos de Jesus, coordenador da Chegança dos Mouros, que na mesma representa o capitão da tripulação. Este me indicou outros integrantes que poderiam fornecer-me mais informações.

Felizmente não tive dificuldades em uma aproximação com os depoentes, pois tenho muitos parentes na cidade, entre os quais um que é integrante da outra chegança "Marujada Fragata Brasileira"

Algumas vezes o que inviabilizou alguns contatos foi o fato de, apesar de haver combinado um horário prévio para uma entrevista, ao chegar ao local previsto, tomar conhecimento de que os informantes estavam pescando. Às vezes tinham ido a uma consulta médica em Santo Amaro, ou, se era um domingo, tinham ido até a praia do Porto ou à de Cabuçu.

No início foi um pouco difícil entendê-los, hoje entendo que a concepção de mundo deles é diferente da minha; que para eles é muito mais importante pescar, ou ir passear na praia de Cabuçu, por exemplo, do que esperar-me para uma entrevista.

Sobre está questão Welcott citado por André, falando da utilidade do pesquisador como instrumento, discute a necessidade de uma longa e intensa imersão na realidade para entender as regras ou costumes e as convenções que governam a vida do grupo estudado. (ANDRÉ, 1986: p. 14).

A maioria dos integrantes são pescadores. Alguns aliam a profissão de pescador a outras, como por exemplo o marujo Osmar, que além de pescador é também pedreiro. Todos têm ajuda das esposas no orçamento familiar, como conseqüência da ocupação das mesmas como marisqueiras. Elas catam os mariscos, preparam-no como moqueca e vendem os seus pratos aos domingos, na praia de Cabuçu, Pedras Altas e Bom Jesus dos Pobre apesar dos desencontros iniciais com relação aos horários das entrevistas dar a impressão de pouco valor sobre o assunto, a manifestação é uma referência no cotidiano desses pescadores. Pelo menos os que entrevistei vivem a expectativa de receberem um convite para apresentarem-se. No mês de julho/2005 embora sem perspectiva de apresentação na festa de São Domingos no dia 04 de agosto, assisti ao ensaio do folguedo. Eles cantavam com suas vozes bem fortes e representavam como se o estivesse fazendo para uma platéia. Infelizmente neste ano eles não receberam convite para participar da festa de São Domingos.

Antes de iniciar as entrevistas era grande a minha expectativa, pois para mim é a fase mais importante da pesquisa. A minha preocupação nessa fase era colher entre os participantes com maior tempo de atuação no folguedo, dados que me revelassem a origem da manifestação em Saubara; porque houve um período de mais ou menos vinte anos sem que a mesma se apresentasse, assim como as outras manifestações da então Vila. Constatei então, que o conhecimento deles sobre o folguedo não ia além de saberem quem os precederam no exercício desse folguedo.

Teria sido esta fase de total inércia das manifestações culturais em Saubara, o processo que segundo Boaventura Santos de (2005) “obsolescência na medida em que a modernidade está irremediavelmente incapacitada de cumprir outras das suas promessas?” Para o mesmo “tanto o excesso no cumprimento de algumas das promessas como o défict no cumprimento de outras são responsáveis pela situação presente, que se apresenta superficialmente como de vazio ou de crise, mas que é a nível mais profundo, uma situação de transição”(SANTOS, 2005, p. 77).

Nessa fase não atentei que esses informantes apesar de, em sua maioria, terem cursado apenas o ensino fundamental, poderiam ter-me dado suas opiniões sobre a contribuição da chegança, para a construção da identidade cultural das crianças e jovens da comunidade saubarense. Muitos deles, saem na chegança porque seus pais saiam.

A Chegança dos Mouros em Saubara remonta aos tempos da escravidão. À família Passos residente no bairro da Rocinha devemos grande parte da preservação dessa manifestação. Graças à memória de D. Noemia Leite, bisneta do precursor da chegança “seu” Isídio Passos, foi possível dimensionar com mais precisão, o tempo que já previa dessa manifestação, majestosa tradição saubarense.

O que estava guardado na memória, de repente torna-se presente, como nos diz Ecléa Bosi:

Lembrar é muito mais uma atividade do presente de fatos já vividos. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, pois depende da releitura do sujeito que a produz numa sociedade que se diferencia, à qual se refere a lembrança, a memória reescreve a realidade vivida pelo grupo e as lembranças são imagens construídas, produzindo o conjunto das representações dos entrevistados (BOSI, 1994, p. 17).

5.2 OS QUESTIONÁRIOS

Apliquei o questionário a trinta e hum alunos e onze professores do Centro Educacional Marco Antônio do Carmo e Luiz Eduardo Magalhães, de Ensino Fundamental e Médio respectivamente, do município de Saubara.

No total de onze professores que responderam ao questionário aplicado, mais de 50% dos profissionais têm parentes (pai, irmãos, primos, tios, avós e bisavós) que participam ou participaram de uma das cheganças do local. Apesar dessa herança cinco deles nunca ouviram a história sobre as mesmas contadas por seus pais ou avós. Desse universo, apenas duas Coordenadoras Pedagógicas não concordaram que a história da chegança dos mouros deva ser incluída na proposta pedagógica da escola.

Ao justificarem porque a história da origem das cheganças deve ser incluída na proposta pedagógica da escola, os professores assim responderam:

1. “é interessante que a cultura local seja trabalhada nas escolas, apesar de que já está incluída na disciplina Cultura Baiana e nas séries de 1ª `4ª é trabalhada em História quando falamos na história do município e no folclore da cidade”;

2. “Sim. Assim como as demais manifestações folclóricas”;

3. “É necessário resgatar as manifestações culturais. O desconhecimento aumenta o preconceito”;

4. “Todo cidadão deve conhecer a história de sua região”;

5. “Sim. Porque faz parte da cultura da cidade”;

6. “É uma cultura muito rica e com a mesma pode-se trabalhar inúmeras coisas como: música, linguagem, artes, expressões, etc.”;

7. “Por se tratar de uma manifestação cultural histórica e que relata e retrata tal período, as escolas podem explorar esse fato nas disciplinas de História, Geografia, etc. de forma a resgatar e preservar a identidade cultural do nosso povo como um tema transversal”;

8. “Porque é uma cultura que faz parte da cidade; seria viável. Infelizmente não a conheço, mas tenho a curiosidade”;

9. “Porque além de ser cultura do lugar, precisa ser mais valorizada”;

As duas coordenadoras pedagógicas que não concordaram com a inclusão da manifestação na proposta pedagógica da escola, deram uma justificativa não muito coerente, as quais transcrevo abaixo:

1. “Não concordo, porque já existe uma disciplina onde se trabalha não só a chegança, como outras manifestações culturais”.

> 2. ”Obrigatoriamente sob o critério histórico do povo saubarense não, porque não é um fato que identifica as raízes de Saubara. Todavia folcloricamente falando pode ser, visto que os PCN”s pressupõem necessário resgatar e conservar valores culturais e segundo a Ciência Antropológica Cultural, os hábitos, costumes e crenças de um povo qualquer não se origina do nada, mas são oriundos de adequações às necessidades e imperativos de um povo que se perpetuam culturalmente como é o caso das cheganças”.

Se o tema já é trabalhado em uma disciplina, fato que não foi citado por nenhum outro professor, mais que oportuno, que seja incluída na proposta pedagógica, para ser discutida por todo o corpo docente, para reforçar a sua permanência, uma vez que mais de 50% do corpo docente concorda com a sua inclusão, alegando entre outros fatos, que

A segunda coordenadora ao mesmo tempo em que não concorda com a inclusão, por achar que a chegança não é uma manifestação identitária de Saubara, ressalta que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN”s indicam a necessidade do resgate e preservação dos valores culturais regionais. Vale lembrar que a depoente é nativa de Saubara.

A diretora do Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães respondeu:
“O desconhecimento aumenta o preconceito”.

Um diretor pedagógico da Instituição ‘MISSÃO BATISTA’ preferiu não dar o seu parecer por não conhecer bem essa manifestação, apesar de morar na cidade há 13 anos e sua mãe ser nativa da cidade.

No universo de trinta e hum alunos de duas escolas públicas de ensino fundamental e médio, que responderam ao questionário temos:

Acham que a manifestação é importante para a comunidade - 24

Não acham a manifestação importante para a comunidade – 04

Participam da chegança – 02

Tem desejo de participar da chegança – 02

Gostaria que houvesse uma disciplina que contasse a história das cheganças – 25

Não gostariam que houvesse uma disciplina que contasse a história das cheganças - 04

Não tem desejo de participar da chegança e querem ingressar na filarmônica – 19

Alguns depoimentos de alunos do CENTRO EDUCACIONAL MARCO ANTONIO DO CARMO E LUIS EDUARDO MAGALHÃES

Respostas dadas pelos alunos à pergunta constante do questionário: VOCÊ GOSTARIA QUE NA SUA ESCOLA HOUVESSE UMA DISCIPLINA QUE FALASSE DA HISTÓRIA DAS CHEGANÇAS, QUANDO E COMO ELA CHEGOU EM SAUBARA?

01 - Cássia Soeira, 18 anos. Sim, porque é boa: fico por dentro da história
02 - Jéferson de Jesus Oliveira, 16 anos. Sim.
03 - Katiane Rodrigues da Silva, 16 anos: gostaria porque eu iria ficar mais inteirada sobre a nossa cultura

04 – Luís Paulo S. de Jesus, 19 anos: sim, pelo fato de fazer parte da tradição cultural do nosso município.

05 - Denílson S. Ramos, 19 anos: não apenas a chegança, mas todas as outras manifestações.

06 - Sondiego Alves Conceição, 19 anos: sim, porque fala da cultura e me sinto um marinheiro.

07 -Nivaldo dos V. Santos, 20 anos: sim, pelo fato de que os alunos teriam a oportunidade de conhecer melhor a nossa cultura.

08 – Ezequiel Costa Souza:, 17 anos: sim, pois fala da cultura do nosso município.

09 – Renato Souza Cruz, 16 anos: sim, porque traz mais conhecimentos

10 – Jean Brito Xavier, 15 anos: sim, da chegança e de tudo da cultura de Saubara, pois tenho interesse em saber tudo.

11 – Luiz Otávio da Rocha Derenzé, 14 anos (é de Salvador, mas reside a 4 anos em Saubara): sim, para aprender mais.

12 – Waldeir de Jesus Santos, 14 anos: sim, seria interessante.

Neste resultado vemos que apesar da maioria considerar a manifestação importante para o município, apenas dois tem desejo de participar da mesma. Um número bem considerável tem desejo de conhecer a história das cheganças, no entanto mais de cinqüenta por cento desses alunos têm o desejo de ingressar na Filarmônica São Domingos, o que confirma a causa do distanciamento desses jovens da manifestação. Eles não vêm na chegança um elo para a sua formação profissional ou mobilidade social. O objetivo da maioria dos estudantes é ingressar na Filarmônica São Domingos, pois esta lhes dará oportunidade de aprenderem a leitura de música e concorrerem às vagas para militares músicos na Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar ou outras agremiações.

Os entraves que dificultaram a sua continuidade os nativos não sabem explicar. Hoje não vejo o desconhecimento da origem da manifestação pela comunidade como um elemento causador da solução de continuidade que a mesma sofreu. É mais concreto afirmarmos que foi um período de crise. Lembremos que entre a década de 30 até o final da década de 40 o mundo estava sofrendo as conseqüências das guerras e foi justamente o período em que todas as manifestações populares de Saubara passaram por esse congelamento.

5.3 A ANÁLISE DOCUMENTAL

OS ESCRAVOS FALECIDOS

No intuito de obter a data do falecimento, idade e causa mortis (notei que em alguns casos é registrado o nome do cônjuge no assentamento) do Sr. Isídio Passos, um dos participantes mais antigo da Chegança dos Mouros – A Barca Nova, citado por um dos meus informantes, sua bisneta Sra. Noemia Leite, recorri aos livros de assentamento de óbitos do cartório de Saubara, do período de 1932 a 1936.. A princípio a escrivã, a Sra. Regina Calmon não autorizou que eu mesma consultasse os livros, porém quando lhe expliquei o motivo da pesquisa e que dispunha de apenas duas tardes livres em Saubara e que logo após, teria que voltar a Salvador a mesma consentiu na pesquisa. Infelizmente os dados que almejava não os encontrei. Chegando a Salvador fui à Cúria na esperança de encontrar os livros de batismo de 1835 a 1839, data provável do batismo do Sr. Isídio, porém lá me indicaram que procurasse o Laboratório Reitor Eugênio Veiga da Universidade Católica de Salvador – UCSAL.

Nesse laboratório infelizmente todos os livros de batismo da Freguesia de São Domingos de Saubara de 1815 a 1846, assim como de outros períodos, estão impossibilitados de ser consultados, devido aos estragos causados pelo tempo. Passarão por uma restauração no laboratório, quando poderão voltar para consulta pelos pesquisadores. Espero que esta restauração se concretize antes de setembro deste ano.

Apesar de não conseguir os dados, objeto da minha ida àquele laboratório encontrei dados interessantes, sobre ex-escravos em Saubara . Nos assentamentos de óbitos é citado a quem os mesmos pertenceram e alguns tem a referência que receberam todos os sacramentos, o que leva a crer que alguns deles pertenciam a alguma irmandade.

5.3.1 Os escravos falecidos (assentamentos de óbito):

Saubara não seria exceção, em se tratando de convivência com a escravidão, logo nos livros de assentamento de óbitos da Freguesia de São Domingos de Saubara, encontrados no Laboratório Reitor Eugênio Veiga, da Universidade Católica de Salvador encontrei os seguintes assentamentos:

Maria, crioula, 18 anos, escrava de Manuel Fernandes Ribeiro, faleceu sem sacramento algum. Sepultada no cemitério desta matriz em 25 de janeiro de 1857.

Francisco, escravo de D. Anna Maria da Encarnação, 50 anos, com todos os sacramentos. Sepultado no cemitério desta matriz, em 4 de junho de 1857.

Victorino de Carvalho, africano liberto, casado, faleceu de velhice com 100 anos, com todos os sacramentos. Sepultado no cemitério desta matriz, em 07 de setembro de 1858.

Francisca do Rosário, solteira com 70 anos, de nação africana. Faleceu de velhice e mortalhou-se de branco em 06 de março de 1859. Sepultada no cemitério desta matriz.

Antonia, cabra, 25 anos, escrava de Silvestre José de Almeida. Faleceu em 15 de abril de 1859. Sepultada no cemitério desta matiz.

Bibiana, cabra, 20 anos, escrava de Mamedes Xavier dos Santos. Faleceu em 17 de abril de 1859. Sepultada no cemitério desta matriz.

Domingas, crioula, 18 anos, escrava de João Roir de Barros Damasceno. Faleceu em 15 de maio de 1859. Sepultada no cemitério desta matriz.

Maria da Caixinha, 80 anos, escura, filiação ignorada, doméstica. Faleceu de velhice em 26-08-1936. Nasceu em 1856, provavelmente foi também escrava. O seu registro de assentamento de óbito foi encontrado no cartório de Saubara, livro C-02. Não consta que a mesma foi escrava nem para quem trabalhou nessa condição, porque a mesma falecera quarenta e oito anos após a abolição da escravatura, mas tudo leva a crer que sim, devido ao ano do seu nascimento.

Apesar da não aceitação dos escravos no interior da Igreja Católica, encontrei também no Laboratório Reitor Eugênio Veiga da UCSAL, o seguinte assentamento de batismo do ano de 1834: aos 26 de Dezembro na Capella do Acupe baptisei a Ângelo, crioulo com três meses, filho natural de Joanna de Sá. Padrinhos: Salvador, escravo de Antonio Joaquim Villas Boas e Agostinha escrava do mesmo, de que fiz este assento. Estava assignado por João Delmar.

Conversando com o Sr. Gustavo Mendes da Silva, colaborador da Igreja de São Domingos por muitos anos e pesquisador de fatos relacionados à paróquia, este me informou o seguinte: o termo “com todos os sacramentos” que constam nos assentamentos de óbitos de escravos, quer dizer, que o moribundo foi ungido, recebeu a comunhão e a unção dos enfermos. Ele afirmou que nem sempre havia padre em Saubara para ministrar esses sacramentos. Os enfermos o recebiam apenas quando o vigário se encontrava na paróquia. Nem sempre havia padre “colado”. Esse termo significa que o vigário que tomasse posse na paróquia, morava na casa paroquial. A casa paroquial é onde hoje é o quartel na Praça Quatro de Agosto.

O pesquisador também me informou que em Saubara, na década de 1800 houve a Irmandade de São Miguel e a do Santíssimo Sacramento. Houve também a Irmandade Apostolado da oração Coração de Jesus, fundada em 15/08/1919. Essas informações lhe foram transmitidas quando o Sr. Isaac Santos, pai da primeira professora leiga da cidade era vivo.

:

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa, de investigar como a manifestação cultural dramática a Chegança dos Mouros chegou a Saubara, concretizou-se através da leitura das obras de Altimar de Alencar Pimentel – A Barca e de Carlos Francisco Moura – Teatro a bordo de naus portuguesas. Esses autores relatam que "o costume de meter naus em representações teatrais e parateatrais, documentado em Portugal desde o século XV, também migrou para o Brasil'. Moura (2000), citando Fernão Cardim o mesmo diz: "em 1584, no dia 21 de outubro, em comemoração às Onze Mil Virgens, houve grande festa no Colégio da Bahia" (1981, p. 19). Segundo o mesmo, apesar da falta de documentação há probabilidade de que no século XV já se faziam teatro a bordo de naus portuguesas. No século XVI os marinheiros e os passageiros dramatizavam em suas longas viagens as comemorações religiosas e os divertimentos das tradições portuguesas. Decerto esses marinheiros, quando em terra repetiam a dramatização retratando os conflitos entre cristãos e mouros na península Ibérica, as dificuldades pelas quais passavam nas suas longas viagens, o medo do desconhecido e tudo isso foi apreendido por nossos nativos. O interessante é que apesar de ser uma manifestação de origem portuguesa, ela é exercitada predominantemente por negros e mestiços. Nos registros do programa Bahia Singular e Plural, isto fica bem evidente.

. As justificativas dadas pelos alunos com relação à preferência pela filarmônica quando responderam ao questionário aplicado deixa evidente que Saubara é uma cidade que não oferece alternativas de profissionalização. Em decorrência os jovens projetam na filarmônica todos os seus projetos de vida para o futuro. Almejam tornarem-se músicos profissionais e ingressarem na Marinha, Exército ou Aeronáutica, pela via musical, para terem acesso a um futuro tranqüilo e constituírem família.

Entretanto, apesar do anseio pelos jovens em ingressar na filarmônica, revelada nas repostas ao questionários aplicados, a minha pergunta foi respondida. Há possibilidade da manifestação a Chegança dos Mouros – a barca nova contribuir para a construção da identidade cultural das crianças e jovens da comunidade saubarense?

Nos seus relatos os atores deixam evidente o desejo de a manifestação ser respeitada, valorizada e visibilizada não apenas em Saubara. Existe o desejo de serem transmissores da cultura saubarense fora do seu contexto; o desejo que a manifestação não se acabe.

Nas composições dos discursos dos atores da chegança constatei neles o desejo de combate à desvalorização da manifestação na comunidade, porém eles ainda não atentaram para essa desvalorização também no sistema escolar.

Pelas respostas aos questionários aplicados, entrevistas com um dos integrantes mais jovem da chegança, professores do ensino fundamental e médio e o vigário da paróquia, existe a possibilidade da inclusão da história da origem da chegança como conteúdo significativo, na prática pedagógica dos professores do ensino fundamental e médio, pois os mesmos relataram que:

> a história da chegança deve ser incluída porque é uma cultura que não se deve deixar desaparecer; porque o desconhecimento gera o preconceito; para que todos a possam conhecer, não apenas os que residem em Saubara, mas também os turistas; porque é uma manifestação cultural passada de geração a geração; a manifestação não pode desaparecer, sob pena de Saubara perder sua memória cultural, portanto, as expressões culturais são importantíssimas.

Através dos dados obtidos da aplicação do questionário observei que alguns professores já incluíram a manifestação no conteúdo de suas aulas, porém o tema não é tratado com profundidade. Não houve uma preocupação mais profunda em pesquisar-se, por exemplo, o que ocasionou o desconhecimento da origem da manifestação pela comunidade e pelos próprios componentes da “brincadeira”, como assim a chamam. Antes acreditava ser esse desconhecimento, um elemento causador do distanciamento dos jovens dessa manifestação que, seja talvez a mais antiga da região. Hoje vejo que esse distanciamento é, além da ausência da valorização da mesma, deve-se também ao fato dos jovens não verem na chegança um elo para sua formação profissional, ou mobilidade social.

Sobre os entraves que dificultaram a sua continuidade os atores da chegança não sabem explicar. Quero acreditar que foi um período de transição, como afirma Boaventura S. Santos (2001). É mais concreto afirmarmos que foi um período de crise. Lembremos que entre a década de 30 até o final da década de 40 o mundo estava sofrendo as conseqüências das guerras e foi justamente o período em que todas as manifestações populares de Saubara

passaram por esse congelamento. O desinteresse que os jovens da região, em grande parte, têm pela manifestação, é evidente. Ela teve um período de total inércia por quase mais de vinte anos. Uma manifestação centenária, talvez a mais antiga de Saubara. Na publicação da Profª. Milene Santana Alves Santana, resultado de uma pesquisa feita por alunos do 2º grau em 2001 fica bem evidente o desconhecimento sobre este fato. Por outro lado, diante da declaração da autora do livro "Saubara dos Cantos, Contos e Encantos", este é o resultado da primeira pesquisa feita sobre o município e suas tradições, ficando então justificada a falta de conhecimento no sistema escolar no que concerne às manifestações culturais local.

A entrevista concedida pela profª Juciara em novembro de 2006 evidencia essa falta de conhecimento sobre as manifestações culturais, especialmente sobre a Chegança dos Mouros. A mesma acha importante a inclusão da história da chegança no Ensino Fundamental e Médio.

Saubara é uma cidade pobre, onde não existem muitas opções de mercado de trabalho além de ser professor, o que agora exige ter nível superior. A profissão mais acessível e mais próxima aos jovens saubarenses, que lhes dá um vislumbre de mobilização social é a filarmônica. Hoje entendo porque existe esta corrida desenfreada para a filarmônica e também as frustrações pelos que a procuram às vezes, por não puderem comprar um instrumento musical, resultando no afastamento dos jovens da entidade

.Elaborar uma investigação sobre a Chegança dos Mouros – a barca nova de Saubara, com um olhar sobre a possibilidade da mesma como instrumento pedagógico é para mim um desafio. O descrédito de alguns colegas e professores era evidente. Não consideravam que uma atividade fora do contexto escolar, indiferente à população jovem do município, pudesse ser vista por esse mesmo contingente como uma manifestação cultural que devesse ser contemplada pelo sistema escolar.

A minha hipótese não é que esses jovens venham integrar o grupo vestindo a indumentária de marujos, cantando e tocando pandeirinhos e sim que os mesmos valorizem a manifestação, a divulguem e tornem-se atores no sentido de ajudar a sua preservação.

No trabalho de campo predominaram entrevistas abertas na qual procurei deixar os atores bem à vontade, num clima de descontração e confiança e nesses momentos sentia que os mesmos

retroagiam no tempo. Era como se vivessem um momento mágico, relembrando a sua juventude.

Os atores não souberam esclarecer porque houve um período de inércia por mais de vinte anos, retornando a chegança às suas apresentações apenas em 1977. Apenas a Sra Florinéia Silva Souza Ribeiro esclareceu que fora dois períodos de inércia. No primeiro, provavelmente de 1936 a 1956, não apenas a chegança foi desativada, mas todas as manifestações culturais de Saubara. Em 1957 a Chegança dos Mouros volta a apresentar-se mas após mais ou menos cinco anos tem outro período de paralisação só sendo reativada em 1977, graças à determinação dos Srs. Totônio, Manoel Passos, Edmundo Passos e Manoel Flordolino, conhecido como Eurico. Tudo leva a crer que esses períodos de paralisações deveu-se a fases de crise financeira, pois assim como as cheganças, a Sociedade Filarmônica Recreio São Domingos também ficou por vinte e seis anos inativa, ressurgindo em 1974 como escola profissionalizante, graças ao apoio do fazendeiro e político Ananias de Moura Requião. Estes dados constam da pesquisa da autora Renata Trindade Rocha (2005).

O que ficou evidente é que o ressurgimento da chegança deveu-se principalmente à grande identificação que esses pescadores têm com a manifestação. Lembro-me perfeitamente que na festa de São Domingos em agosto de 2002, um dos integrantes da outra chegança, a Fragata Brasileira, o Sr. Raimundo Rosário, em um intervalo da sua apresentação, declarou: por nada nesse mundo eu deixo de sair na marujada; só se minha mãe fosse viva e me pedisse isso.

Há relatos de que muitos ex-integrantes que não têm mais condições físicas para participar do folguedo a acompanham como espectadores e ajudando nos cantos.
Todos esses depoimentos me levam a concluir que a inclusão da história da origem da chegança será bem aceita pela comunidade escolar. Isso não significa que haverá no futuro uma chegança formada por alunos, conforme desejo do professor Lindomar dos Santos, diretor do Centro Educacional Marco Antonio do Carmo, mas que a visibilidade da manifestação levará os alunos a valorizarem-na.

Há uma sugestão da elaboração da proposta pedagógica voltada para a inclusão da história da Chegança dos Mouros na prática pedagógica a ser discutida por professores/professoras e coordenadores

Pelo fato de não possuir formação em Pedagogia, acho por bem que a mesma deva ser elaborada pelos professores e coordenadores das escolas do município. Acredito que devo levá-los a perceber a necessidade de uma relação entre a escola e o cotidiano de sua clientela. Mesmo que esse cotidiano não seja diretamente do aluno, mas envolve seus pais, tios, etc. (observe-se no gráfico em anexo o percentual do número de alunos que têm parentes na Chegança). Devo levá-los a reforçar alternativas para que aconteça essa interação escola/comunidade e assim a escola saubarense se constitua em um espaço de respeito e visibilidade à cultura do seu povo.

Uma alternativa seria a formação de um coral formado por crianças e jovens, cujo repertório seria as músicas da Chegança dos Mouros, acompanhado de alguns músicos da filarmônica.

Concluindo acredito que há outras possibilidades de estudo sobre a Chegança dos Mouros – a barca nova. Os seus precursores provavelmente tiveram o apoio de suas companheiras ou mães. A manifestação “as caretas do mingau”, retrata um movimento liderado apenas por mulheres em 1823 na cidade, durante os conflitos pela independência da Bahia. Não teriam sido essas mulheres companheiras desses precursores? Não teriam elas contribuído para a sedimentação dessa herança cultural?

REFERÊNCIAS

ALVARENGA. Oneida. **Música popular brasileira**, Porto Alegre: Globo, 1960.

AMORIM. Peterson Azevedo. A etnografia e a construção da territorialidade sustentável, Salvador: ADM, Revista do Programa de Gestão de Organizações DCH, Campus I, UNEB, 2006.

ANDRADE . Mário de. **Música doce música** – obras completas, São Paulo: Martins Editora, 1963.

_____. **Danças dramáticas no Brasil**, 2ª edição, tomo I. Belo Horizonte: Itatiaia, Brasília, 1982.

ANDRÉ, Marli E. D. A./Lüdke, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** S. Paulo: EPU, 1986.

ARAUJO, Alceu Maynard, **Folclore Nacional, festas, bailados, mitos e lendas**, vol. I, S. Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

ARAÚJO, Nelson de. **Pequenos Mundos – um panorama da cultura popular da Bahia.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/UFBA, 1986.

ARENDT, H. **O que é a liberdade**? In: Entre o passado e o futuro, São Paulo: Perspectiva, 1979.

BHABHA, Homi K**. O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

BARROS, Judite Santana. **Saubara dos cantos, contos e encantos**. Feira de Santana: Relomaq Gráfica Rápida, 2002.

_____.**Saubara dos cantos e encantos** Secretaria de Cultura e Turismo, 2ª edição, 2006.

BOGDAN, ALBERT; BIKLEN, SARI. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular** – leituras de operários, Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olimpio/Ed. MEC, 1978.

_____. **Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1984;.

CASTRO. Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia** – um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001.

DI GREGÓRIO, Maria de Fátima Araújo. **Memória coletiva:estratégias de preservação da** identidade cultural dos imigrantes italianos em Itiruçu-Bahia 1950-2000. Salvador:EDUNEB, 2003

DUMAS, Alexandre Gouveia. **Mouros e Cristãos**: cenas de um folguedo popular da cidade de Prado, Ba., Salvador: Artes Cênicas/UFBA, dissertação de Mestrado, 2006.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

FONSECA. Maria Nazareth Soares. **Brasil afro-brasileiro**, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GEERTZ. Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. **Poética da memória: uma leitura de Toni Morrison**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1997.

GOFFMAN. Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana,** Petrópolis: Vozes, 1985

GOMES. Antonio Osmar. **A Chegança** – contribuição folclórica do Baixo São Francisco, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1941.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na Pós-modernidade**.Rio de Janeiro:DP&A Editora, 1997.

SENA, Gilberto. **Chegança Fragata Brasileira**. Salvador: Jornal da Bahia, 09/09/1980.

LENOIR. Yves. **Metodologia da pesquisa** – pequeno glossário de termos e expressões ligadas à pesquisa científica. [S.l., s.n], 1995.

LODY, Raul et all. **Renda de bilro & trançado de ouricuri: artesanato de Saubara.** Rio de Janeiro: IPHAN, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, 2005

MACHADO, Paulo Batista. **A exclusão bem comportada** ou**: o que fizemos com as professoras não diplomadas do Brasil**? In Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade, vol. 11 nº 17 – jan/jun 2002.

MARLYSE. Meyer. **Caminhos do imaginário do Brasil,** São Paulo: Edusp, 2001.

MATTOSO, Kátia M. de Q**. Bahia século XIX – uma província no império, 2ª edição.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Um Olhar Sobre a Festa da Marujada em Jacobina**. Dissertação de mestrado apresentada a EDUSP, para o título de Mestre em História, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**; 3ª edição. S. Paulo, Contexto, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro,** 9ª edição. São Paulo: Cortez Editora; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

MORAIS FILHO, Melo . **Festas e tradições populares do Brasil.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

MOURA. Carlos Francisco. **Teatro a bordo de naus portuguesas nos séculos XV a XVIII**, **Salvador** Instituto Luso-Brasileiro de História/Liceu Literário Português, 2000.

OLIVER. Sacks. **A passagem dos seus** sonhos, **in** Um antropólogo em Marte. Trad. Bernardo de Carvalho, São Paulo: Cia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. **Memória de mouros no Brasil**. In: Oliveira. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Empresa Gráfica da Bahia, 2003.

ORTIZ. Renato. **Mundialização e cultura,** São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIM, Zilda. **Isto é Santo Amaro**. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2005

PEDREIRA. Pedro Tomás. **Memória histórico geográfica de Santo Amaro**. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1977.

PIMENTEL. Altimar de Alencar. **Barca** – governo da Paraíba. João Pessoa**:** Governo do Estado da Paraíba 2004.

PIRES NETO. Josias. **Bahia singular e plural**: registro audiovisual de folguedos festas e rituais populares. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo/Fundação Cultural, 2005.

_____. **Dramas do Mar**: memórias das grandes navegações marítimas nas Cheganças de Marujos ou Marujadas in Revista da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, maio/2004.

QUERINO, Manoel. **ABC de cultura.** Salvador: Livraria Progresso, 1955.

RAMOS. Ana Maria de Aragão. **O nego fugido**: representação da liberdade escrava no recôncavo baiano, São Paulo: EDUSP, dissertação de Mestrado, 1996.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil – a história do levante dos malês em 1835.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHALINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (parte II). Rio de Janeiro: MANA – Estudos de Antropologia Social, Vol. 3, outubro de 1997.

SANTOS. Boaventura Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade, 10ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SAUBARA; d' Saubara. V**erdades e Sonhos**. In: Jornal "A formiga" – nº 1. Saubara- Bahia, Março-2005

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília-DF, 2005.

SANTOS, Juana Elbeim. **Do patrimônio mítico à presentificação estética in A diversidade Fundante das relações humanas**. Salvador: SECNEB, 2002

SENA, Gilberto. **A Fragata Brasileira**. Salvador: Jornal da Bahia, 09 de setembro de 1980.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ªed. Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Angélica Maria da. **Chegança dos mouros**: uma manifestação cultural dramática portuguesa. Anais do VI Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros/CBPN. Salvador, 2006.

SILVA, Angélica Maria da. Anais do 18º EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste.

SODRÉ, Muniz A. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. PetrópoliS: Vozes, 1999.

_____ **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.. Salvador, BA. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA. Marino de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação do rei Congo, Belo Horizonte: UFMG, 2006.

TINHORÃO. José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.
Valdir Freitas Oliveira

VERGER. Pierre. **Noticias da Bahia** – 1850. Salvador: Corrupio, 1981.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/w/index.Dia_das_bruxas>. Acesso em: 09 Nov 2007

ANEXOS

Formulário 01: Formulário para entrevista de estudante.

Escola: _____

Nome:_____

Idade: _____Série_____ Data: _____

Cor: _____ Religião:_____

Religião/ pai: _____ Religião/mãe_____

Participa da Chegança dos Mouros ou da Marujada? _____

Caso não, tem desejo de participar de alguma delas? _____

Tem algum parente que participou ou participa de uma delas? _____

Seus pais, ou avós já lhe contaram a história das cheganças de Saubara? _____

Você teve algum professor que falou na classe sobre a Chegança dos Mouros?_____

Você gostaria que na escola houvesse uma disciplina que falasse da história das cheganças, quando e como elas chegaram a Saubara?_____
_____

Você acha que a Chegança dos Mouros é importante para Saubara? _____

Por que?_____

Entre a possibilidade de participar da Chegança dos Mouros ou da filarmônica, por qual você optaria? _____

Por que? _____
_____

Formulário 02: Formulário para entrevistar diretor, coordenador e professor.

Escola: _____

Nome:_____

Tem algum parente que participou ou participa de uma das cheganças?
_____

Seus pais, ou avós já lhe contaram a história das cheganças de Saubara? _____

Você acha que a história da origem das cheganças deve ser incluída na proposta pedagógica da escola? _____

Por que?_____

Entrevistado	Participação na Chegança								Na escola								Escolaridade					Escola		Idade	
Númeração	Participa*	Não	Deseja*	Não	Parentes*	Não	Ouvio*	Não	Professor*	Não	Disciplina*	Não	Importante*	Não	Filarmônica*	Não	7	8	1	2	3	CELEM	CEMAC	14/15	16/17
001		x		x	x		x		x		x		x		x					x		x			
02		x		x	x		x			x	x		x		x							x			
003		x		x	x			x	x		x		x		x					x		x			x
004		x		x	x		x		x		x		x		x						x	x			
005		x		x	x			x		x		x	x		x						x	x			x
006	x			x	x		x			x		x	x		x					x		x			x
007		x		x		x		x		x		x		x	x					x		x			x
008		x		x		x		x		x		x		x	x						x	x			
009		x		x	x			x	x		x		x		x						x	x			
010		x		x	x		x		x		x		x		x					x		x			x
011	x		x		x		x			x	x		x		x					x		x			
012		x		x	x			x	x		x		x		x					x		x			x
013		x		x	x		x			x	x		x		x				x			x			
014		x		x	x			x	x		x		x		x						x	x			
015		x		x	x			x		x	x		x		x						x	x			
016		x		x	x			x		x	x		x		x					x		x			
017		x		x		x	x			x	x		x		x						x	x			x
018		x		x		x		x		x	x		x		x						x	x			x
019		x		x		x	x			x	x		x		x						x	x			
020		x		x		x		x		x	x		x		x					x		x			x
021		x		x		x		x		x	x		x		x					x		x			x
022		x		x		x		x		x	x		x		x						x	x			
023		x		x		x	x		x			x	x		x					x		x			
024		x		x	x			x		x	x		x		x						x	x			
025	x		x		x			x	x		x		x		x			x					x	x	
026		x		x		x		x		x		x		x	x		x						x	x	
027		x		x	x			x	x		x		x		x			x					x	x	
028		x	x			x		x	x		x		x		x			x					x	x	
029		x		x	x			x		x	x		x		x			x					x	x	
030		x		x		x		x	x		x		x		x		x						x		x
031		x	x		x		x		x		x		x		x		x						x		x
Total	3	28	4	27	19	12	11	20	13	18	25	6	28	3	31	0	3	4	1	11	11	24	7	5	12

Legenda: Escolaridade incluindo 7ª série ate o terceiro ano do Segundo Grau

Tabela 01: Classificação etária	
Idade	16/11/2006
até 15 anos	5
de 16 a 17	12
de18 a 19	11
a partir dos 20 anos	3
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 02: Classificação de série	
Ensino médio ou 2º grau	16/11/2006
7ª serie	3
8ª serie	5
1º ano	1
2º ano	11
3º ano	11
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 03: Classificação étnica	
Cor	16/11/2006
Negro, escuro ou moreno escuro	15
Moreno ou pardo	16
Claro ou Moreno claro	0
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 04: Classificação teológica	
Religião	16/11/2006
Protestante	4
Católica	23
Candomblé	0
Total	27

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 05: Classificação teológica (pai)	
Religião	16/11/2006
Protestante	2
Católica	18
Candomblé	0
Total	20

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 06: Classificação teológica (mãe)	
Religião	16/11/2006
Protestante	2
Católica	18
Candomblé	0
Total	20

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 07: Sobre participação	
Manifestações culturais	16/11/2006
Chegança	3
Marujada	0
Não participa	28
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 08: Sobre participação	
Manifestações culturais	16/11/2006
Deseja participar	4
Não deseja participar	27
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 09: Participação (parentes)	
Manifestações culturais	16/11/2006
Tem parentes participantes	19
Não tem parentes participantes	12
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 10: Endoculturação	
História da chegança	16/11/2006
Os familiares contam a estória	11
Não contam	20
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 11: Sobre informação	
Dentro do ambiente escolar	16/11/2006
Os professores contam a estória	13
Os professores não contam	18
Total	31

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 12: Sobre possível disciplina	
Inclusão de disciplina sobre Chegança	16/11/2006
Sim	25
Não	6
Total	31

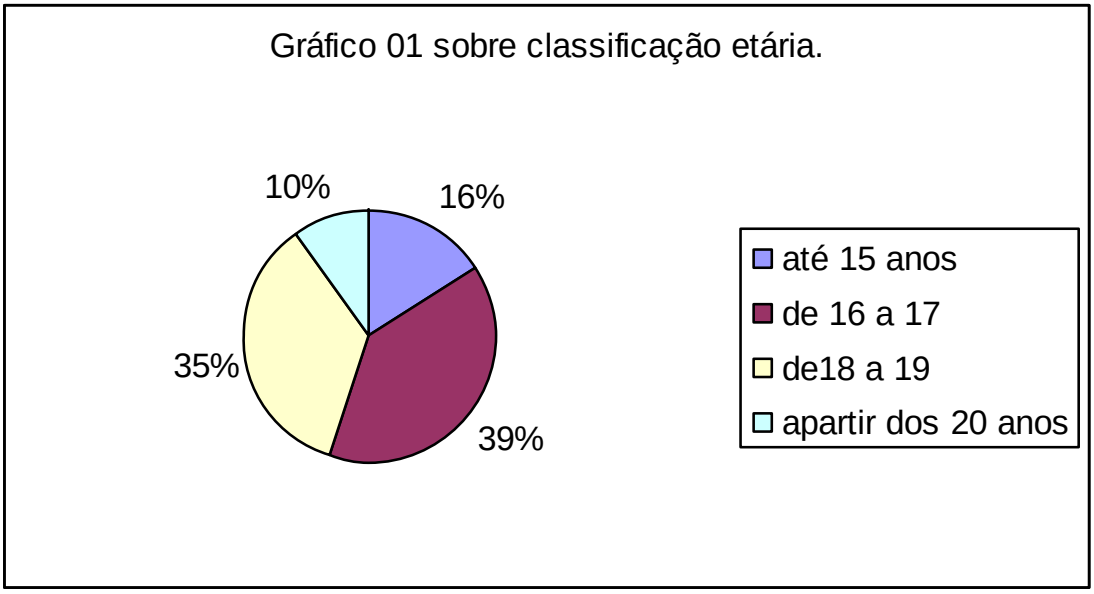
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 13: Sobre percepção da importância	
Importância da manifestação	16/11/2006
Com importância	28
Sem importância	3
Total	31

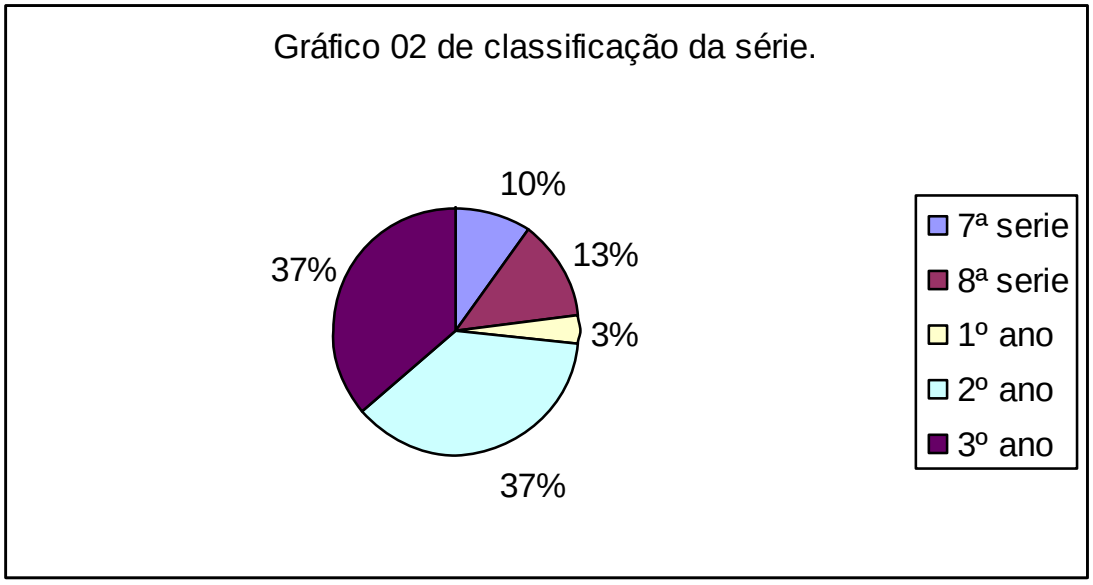
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.

Tabela 14: Referente a preferência	
Entre a Chegança e a Filarmônica	16/11/2006
Chegança	0
Filarmônica	31
Total	31

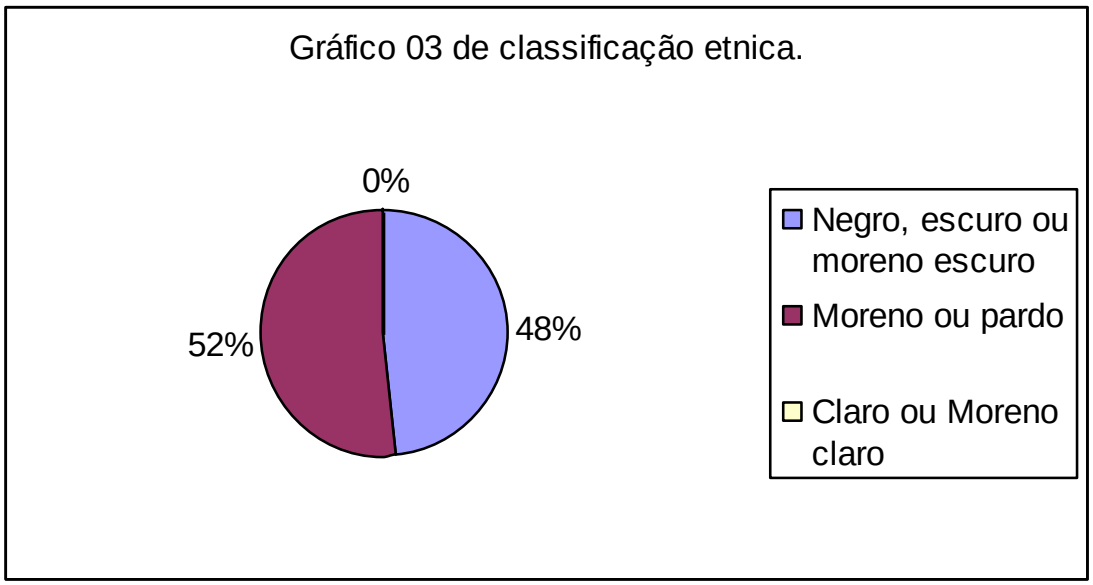
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



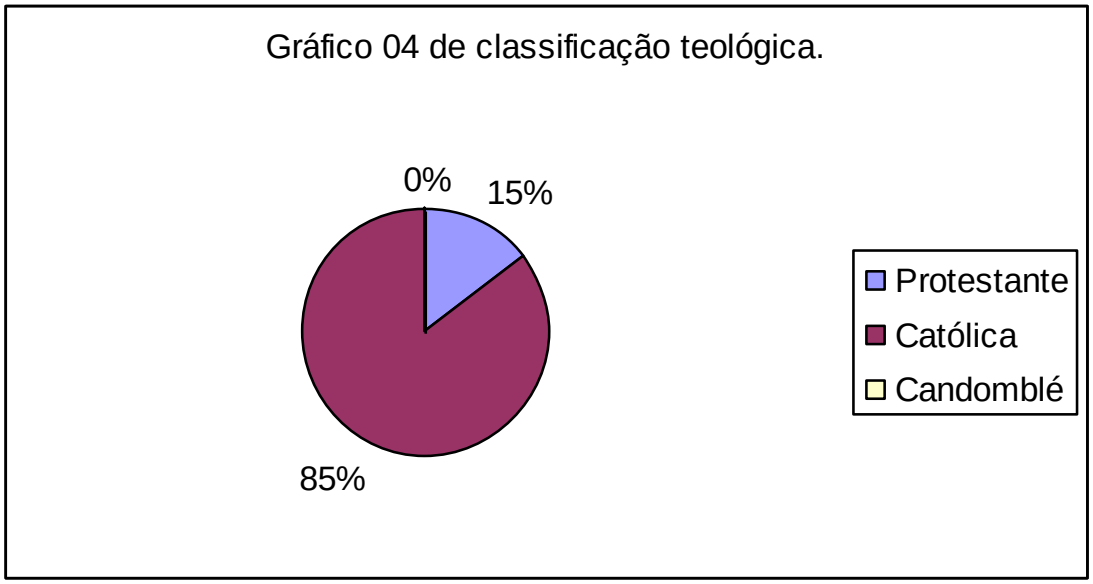
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



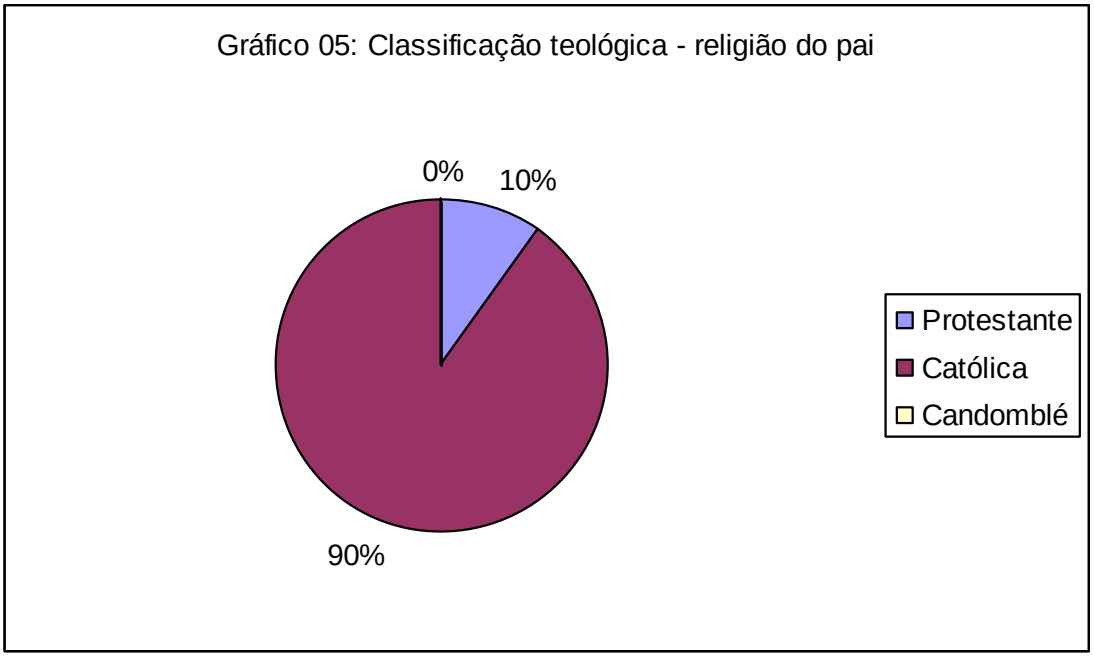
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



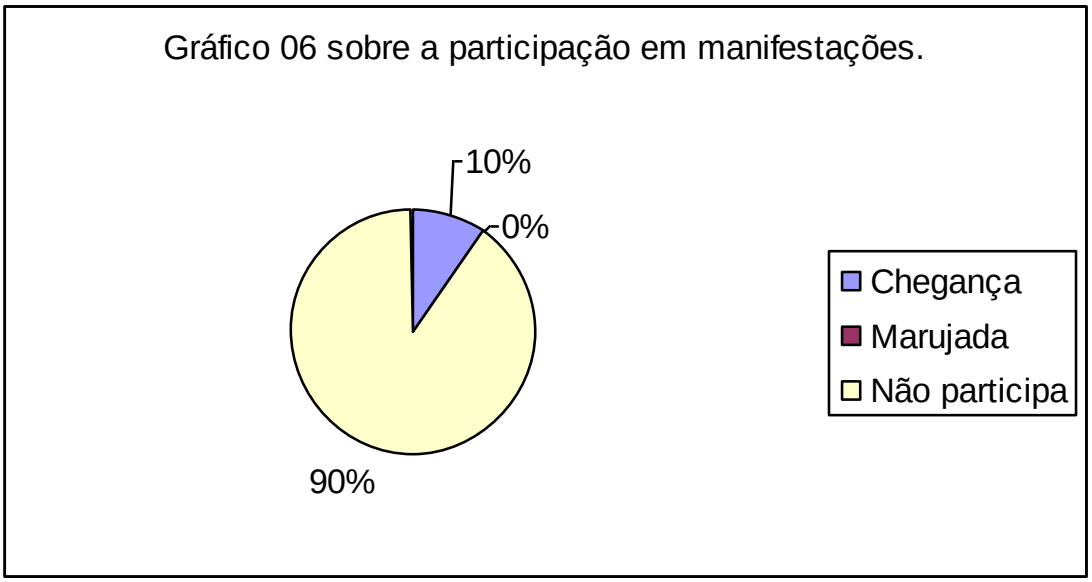
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



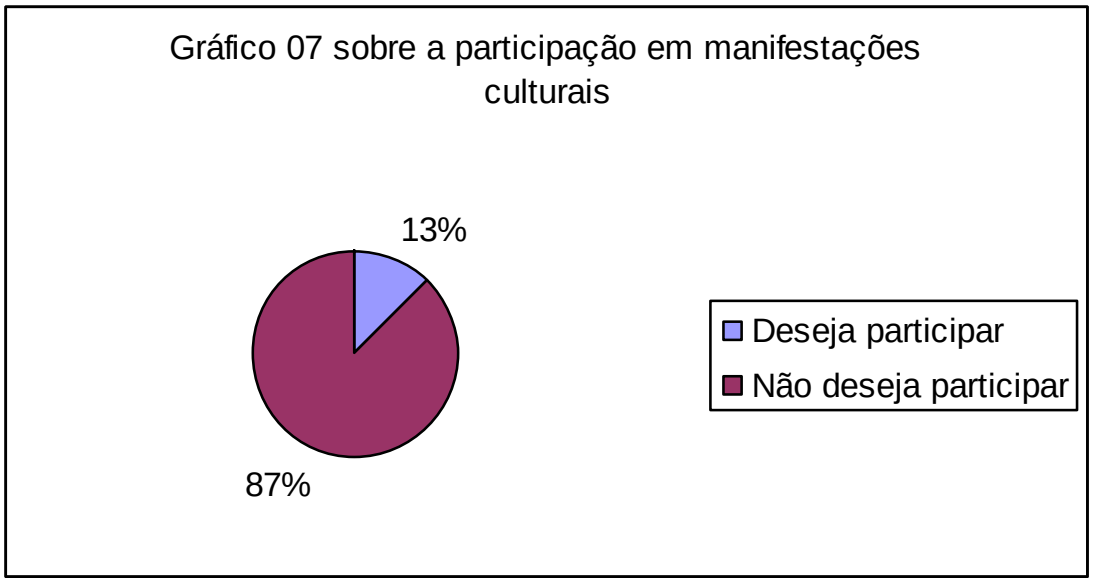
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



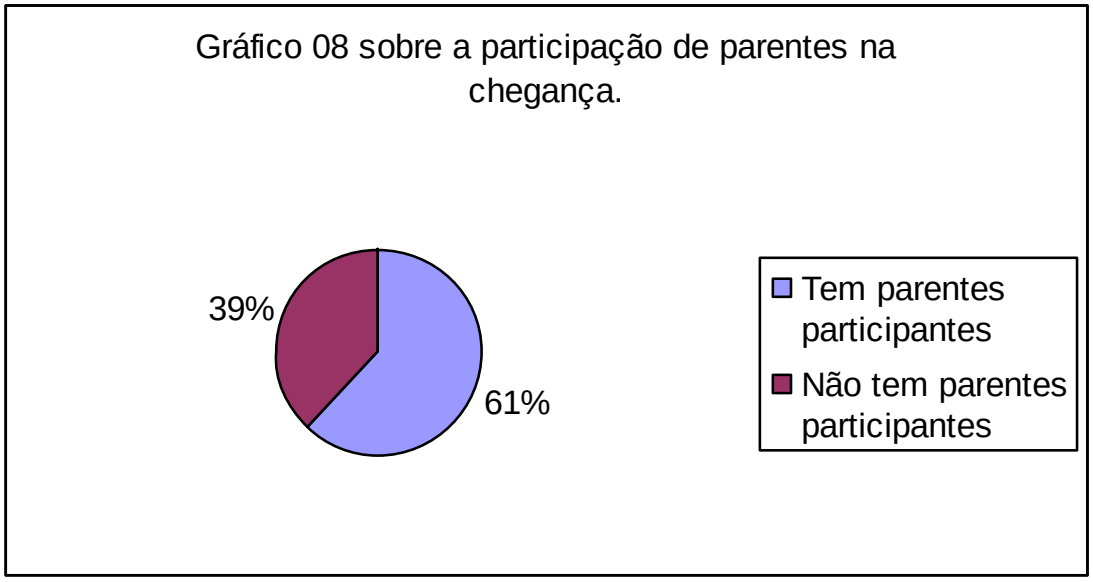
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



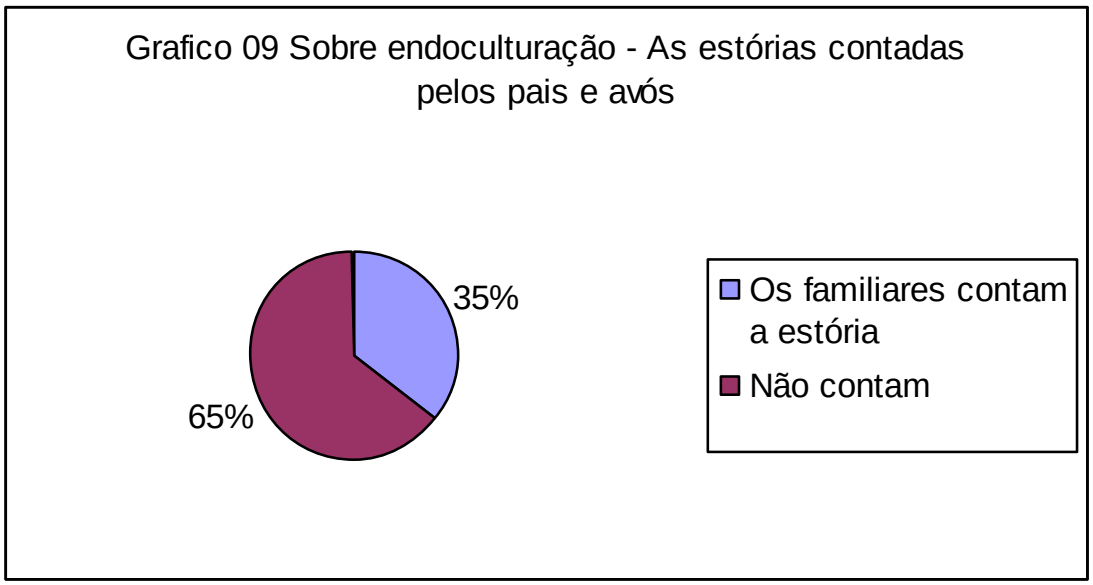
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



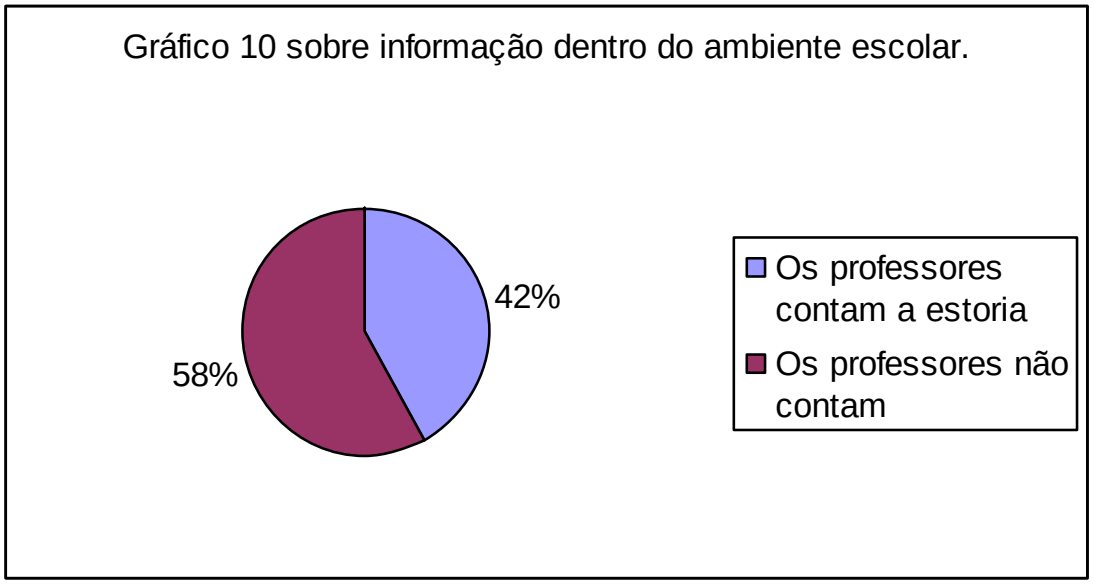
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



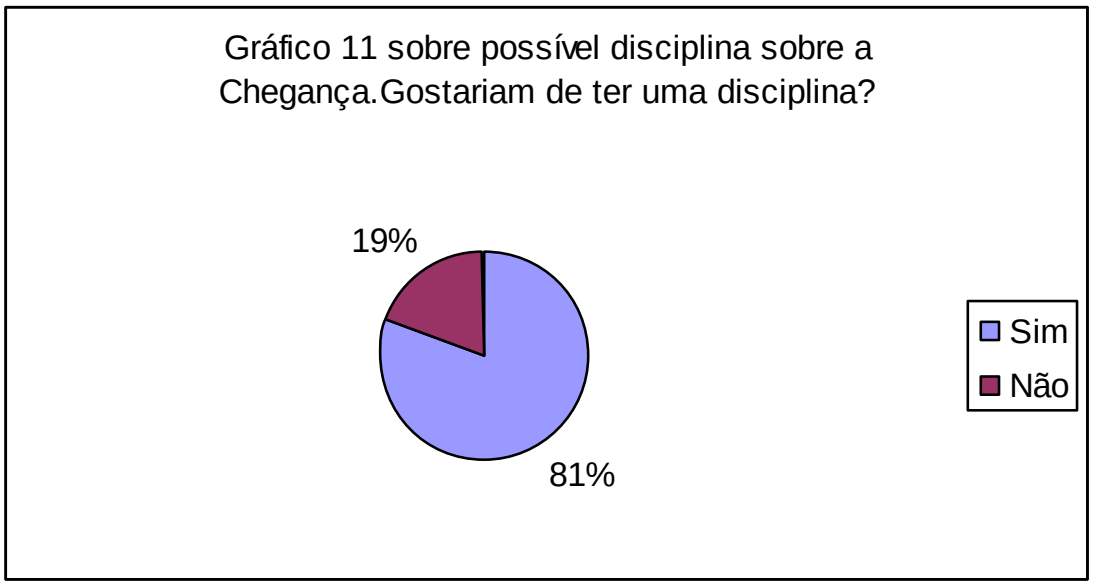
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



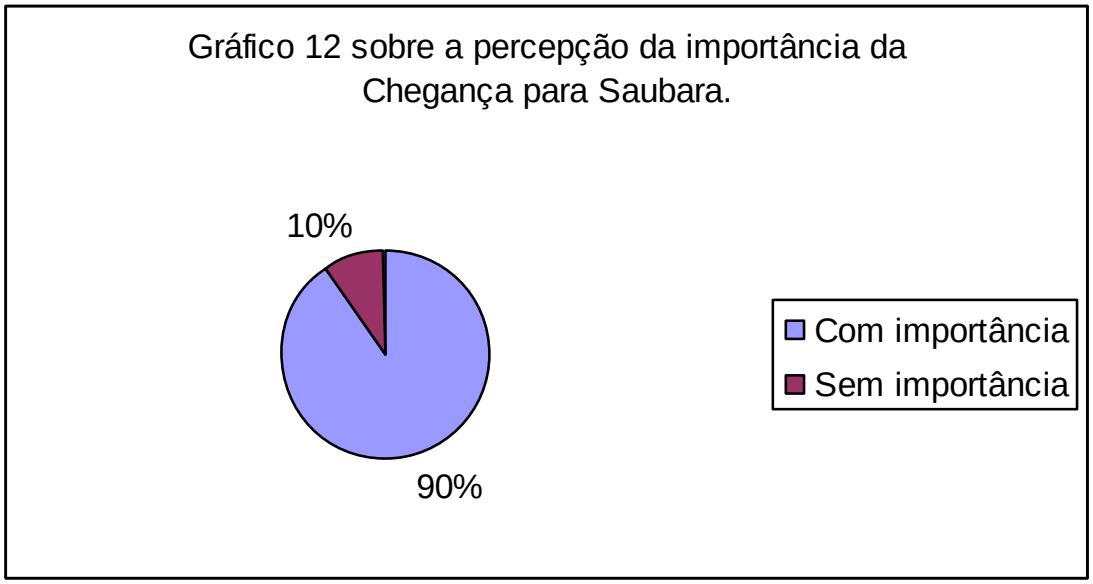
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



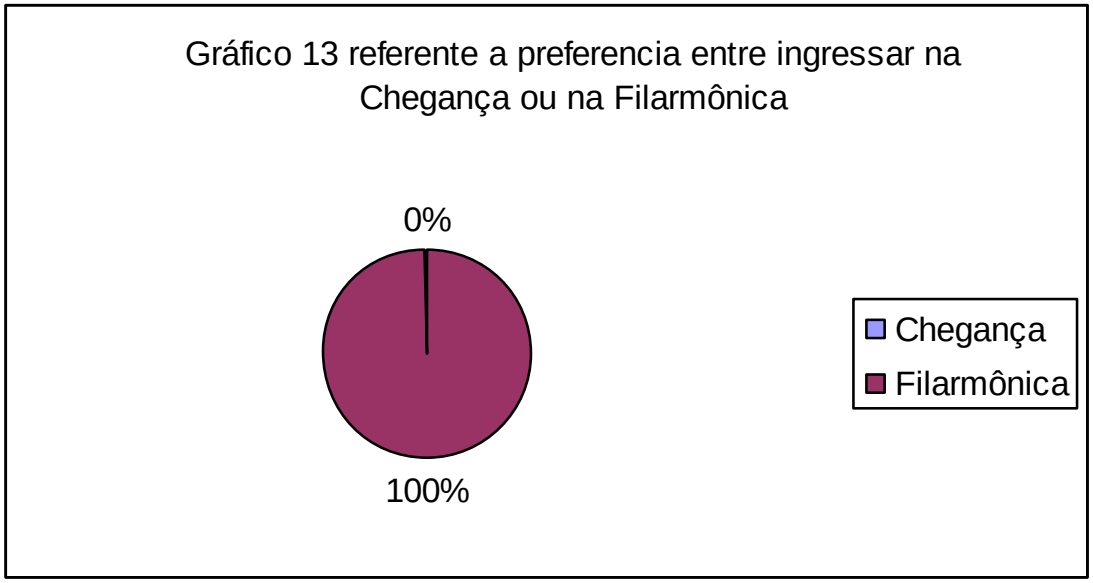
Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães de segundo grau na sede do município de Saubara.



Fonte: Pesquisa de campo realizada nos dias 16 e 17/11/2006 nas Escolas Centro Educacional Marco Antônio do Carmo de ensino fundamental e Centro Educacional Luis Eduardo Magalhães